

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**  
**LINHA DE PESQUISA: PRODUÇÃO DE SENTIDO NA COMUNICAÇÃO**  
**MIDIÁTICA**

**Nathaly Barbieri Marcondes Cesar**

**A ORDEM DOS DISCURSOS DO “FUTEBOL ARTE” BRASILEIRO: UM ESTUDO  
SOBRE A DIVULGAÇÃO DA COPA DO MUNDO FIFA 2014 PELAS EMISSORAS  
DE TV ABERTA**

**Bauru**  
**2016**

**Nathaly Barbieri Marcondes Cesar**

**A ORDEM DOS DISCURSOS DO “FUTEBOL ARTE” BRASILEIRO: UM ESTUDO  
SOBRE A DIVULGAÇÃO DA COPA DO MUNDO FIFA 2014 PELAS EMISSORAS  
DE TV ABERTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Bauru/SP, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação, desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. José Carlos Marques.

**Bauru  
2016**

Cesar, Nathaly Barbieri Marcondes.

A ordem dos discursos do "Futebol Arte" brasileiro:  
um estudo sobre a divulgação da Copa do Mundo FIFA  
2014 pelas emissoras de TV aberta/ Nathaly Barbieri  
Marcondes Cesar, 2016

124 f.

Orientador: José Carlos Marques

Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual  
Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e  
Comunicação, Bauru, 2016.

1. Futebol Brasileiro. 2. Copa do Mundo. 3.  
Futebol Arte. I. Universidade Estadual Paulista.  
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. II.  
Título.

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE NATHALY BARBIERI MARCONDES CESAR, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO.**

Aos 03 dias do mês de agosto do ano de 2016, às 14:00 horas, no(a) sala de videoconferência da Diretoria Técnica de Informática da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. JOSE CARLOS MARQUES - Orientador(a) do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Prof. Dr. MARCOS AMÉRICO do(a) Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Prof. Dr. ÉDISON LUIS GASTALDO do(a) Centro de Estudos Estratégicos Educacionais / Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de NATHALY BARBIERI MARCONDES CESAR, intitulada **A ordem dos discursos do "Futebol Arte" brasileiro: um estudo sobre a divulgação da Copa do Mundo FIFA 2014 pelas emissoras de Tv aberta.** Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVA DO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. JOSE CARLOS MARQUES

Prof. Dr. MARCOS AMÉRICO

Prof. Dr. ÉDISON LUIS GASTALDO

## **AGRADECIMENTOS**

Deus tem sido tão maravilhoso para mim nestes vinte e seis anos de vida. Durante estes dois anos e meio de curso, Ele me provou que eu posso muito mais do que imagino ser capaz. Por isso, inicio agradecendo a Ele, por todas as oportunidades que tem me dado, em especial a de cursar este mestrado.

Agradeço aos meus pais, José e Ana Maria, que muito mais do que pai e mãe, sempre foram meus anjos da guarda. Obrigada por me acompanharem nesta caminhada sem nunca me deixar desanimar, sempre me incentivando e me mostrando como se orgulhavam dos desafios que eu enfrentava. Este título não é apenas meu, mas principalmente de vocês!

Não poderia deixar de agradecer ao Prof. Me. Vitor Pachioni Brumatti, que desde a graduação já me incentivava a percorrer os caminhos da pesquisa e da docência, e me inspirou a cursar este mestrado. Agradeço ainda aos funcionários do setor de Pós-Graduação da FAAC por estarem sempre à disposição e a todos os professores que contribuíram comigo através de seu conhecimento durante o curso, em especial ao meu orientador, Prof. Dr. José Carlos Marques, que me acolheu inicialmente no GECEF, depois em sua disciplina como aluna especial e, finalmente, como sua orientanda, me ajudando a amadurecer minhas ideias e desenvolver novos olhares sobre problemas, metodologias e afins, compartilhando gentilmente comigo de seu vasto conhecimento sobre Comunicação e Esporte.

Agradeço ainda toda a minha família, que sempre me apoiou nesta jornada; às minhas “amigas-irmãs” de toda a vida, Bruna Ballini, Bruna Zechel e Heloísa Martins, e ao meu grande amigo Ricardo Galvão, que, mesmo longe, sempre se fazem presentes, me ajudando em minhas angústias e comemorando comigo minhas vitórias; e por fim, mas não menos importante, aos amigos que fiz durante o mestrado, em especial meus “irmãozinhos” de orientação Neide, Noemi, Marta, Roberta, Gabriel, Bruno e Mikael: obrigada por formarem junto comigo a “família Zeca Marques”, sempre apoiando e incentivando uns aos outros neste caminho que, sabemos, não é fácil.

*A pergunta que o futebol permite formular é uma pergunta relacional. Ela pode ser expressa mais ou menos assim: se somos todos tão diferentes, como é que no momento do jogo podemos estar todos tão juntos e unidos?*

*Roberto DaMatta*

CESAR, Nathaly Barbieri Marcondes. **A ordem dos discursos do “Futebol Arte” brasileiro: um estudo sobre a divulgação da Copa do Mundo FIFA 2014 pelas emissoras de TV aberta**, 2016. 123f. Dissertação (Mestrado em Comunicação: Produção de Sentido na Comunicação Midiática) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – UNESP, sob orientação do Prof. Dr. José Carlos Marques, 2016.

## RESUMO

Diante da constante representação em diversos produtos midiáticos de que o futebol brasileiro seria caracterizado como o “futebol arte”, e do surgimento de recentes estudos acadêmicos que problematizam ou que recusam esta caracterização quando se observa o futebol nacional, especialmente a partir da década de 1970, este trabalho teve como objetivo tentar entender como o primeiro discurso ainda se mostra hegemônico em nossa sociedade. Por meio de uma pesquisa bibliográfica que pretendeu compreender como se formaram as diferentes falas a respeito deste esporte no Brasil, bem como quais influências elas receberam das diferentes esferas sociais, o trabalho procurou verificar como a mídia se tem apropriado da visão fundada por Gilberto Freyre (1938) a respeito do “futebol arte” com fins de persuasão dos telespectadores, auxiliando, desta forma, que esta ideia continue sendo propagada, embora existam discursos atuais na academia que procurem desmistificá-la. Para isso, foram utilizadas as classificações propostas por Foucault (1999) para possíveis formas de exclusão ou interdição de discursos, presentes em sua obra *A Ordem do Discurso*. Foram selecionadas para análise três produções audiovisuais desenvolvidas para a divulgação do evento: o videoclipe da emissora de TV Bandeirantes; a chamada da emissora de TV Globo; e a vinheta da própria entidade organizadora da Copa do Mundo, a FIFA. Os objetos foram analisados de acordo com sua estratégia de construção através da metodologia traçada por Vanoye e Goliot-Lété (2012) e, posteriormente, enquadrados no método de Foucault (1999) para que fosse possível responder ao problema lançado neste estudo: por que o discurso sobre o “futebol arte” ainda parece mais valorizado não só pela mídia, mas pela própria sociedade, se uma segunda formação discursiva mais atual, surgida no meio acadêmico, tem procurado desmistificá-lo?

**Palavras-chave:** futebol; Copa do Mundo; ordem do discurso; mídia; comunicação esportiva.

CESAR, Nathaly Barbieri Marcondes. **The order of discourses of Brazilian "Soccer Art": a study about World Cup 2014 FIFA disclosure by open TV stations**, 2016, 123p. Dissertation (Master's Degree in Communication: Production of Meaning in Media Communication) – Architecture, Art & Communication College – UNESP, under the guidance of Professor Dr. José Carlos Marques, 2013.

## **ABSTRACT**

Given the constant representation in media products that Brazilian football would be characterized as "soccer art", and the emergence of recent academic studies questioning or refusing this characterization when observing the national football, especially from the 1970s, this work aims to understand how the first discourse still shows hegemonic in our society. Through a bibliographic research which intended to understand how the different discourses about this sport in Brazil were formed, as well as what influences they received from different social spheres, this work will try to verify how the media has been appropriating the vision founded by Gilberto Freyre (1938) about the "soccer art" with persuasion purposes, helping in this way, that this idea continues to be propagated, although there are current research in academia looking to demystify it. For this, the proposed classifications were used by Foucault (1999) for possible forms of exclusion or prohibition of discourses, present in his work "The Order of Discourse". They were selected for analysis three audiovisual productions developed for the dissemination of the event: one of the Bandeirantes TV station; one of TV Globo station; and one of the own organizer of the World Cup, FIFA. The objects were analyzed according to its construction strategy through the methodology outlined by Vanoye and Goliot-lele (2012) and, later, were framed in Foucault's method (1999) so that it could respond to the problem launched by this study: why the discourse on the "soccer art" still seems more valued not only by the media but by society itself, if a second more current discursive formation, which emerged in academia, has sought to demystify it?

Keywords: soccer; World Cup; order of discourse; media; sports communication.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                          |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 – A câmera lenta no videoclipe da Band                                          | 95  |
| Figura 2 – A câmera lenta na chamada da Globo                                            | 96  |
| Figura 3 - Sequência de imagens semelhantes contrastadas por cenários diferentes (Globo) | 97  |
| Figura 4 - Sequência de imagens semelhantes contrastadas por cenários diferentes (Band)  | 98  |
| Figura 5 - Olhar de fascínio do menino (vinheta FIFA)                                    | 99  |
| Figura 6 - Algumas das cidades-sede: Brasília e São Paulo                                | 100 |
| Figura 7 - Exemplo do jogo de alusões – Salvador (FIFA)                                  | 101 |
| Figura 8 - Pessoas jogando futebol (Band)                                                | 102 |
| Figura 9 - Pessoas jogando futebol (Globo)                                               | 102 |
| Figura 10 - Menino brincando de bola no Rio de Janeiro (RJ)                              | 103 |
| Figura 11 - A leveza no futebol (Globo)                                                  | 105 |
| Figura 12 - A astúcia no futebol (Band)                                                  | 105 |
| Figura 13 - A espontaneidade individual no futebol (FIFA)                                | 106 |
| Figura 14 - A festa do futebol (FIFA)                                                    | 107 |
| Figura 15 - A festa do futebol (Band)                                                    | 107 |
| Figura 16 - A festa do futebol (Globo)                                                   | 107 |
| Figura 17 - A transgressão às regras (Band)                                              | 108 |
| Figura 18 - A transgressão às regras (Globo)                                             | 108 |
| Figura 19 - A valorização das pernas (Globo)                                             | 109 |
| Figura 20 - A valorização das pernas (Band)                                              | 109 |

## LISTA DE TABELAS

|                                                                                   |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Tabela 1 - Os três momentos do projeto foucaultiano                               | 14  |
| Tabela 2 - Os sistemas de exclusão externos de Foucault                           | 18  |
| Tabela 3 - Os procedimentos internos de exclusão de Foucault                      | 19  |
| Tabela 4 - Condições de funcionamento dos discursos                               | 21  |
| Tabela 5 - Decupagem do videoclipe da TV Band produzida para a Copa do Mundo 2014 | 58  |
| Tabela 6 - Decupagem da chamada da TV Globo produzida para a Copa do Mundo 2014   | 73  |
| Tabela 7 - Decupagem da vinheta da FIFA produzida para a Copa do Mundo de 2014    | 85  |
| Tabela 8 - Semelhanças estéticas entre os materiais da Globo e da Band            | 110 |
| Tabela 9 - As semelhanças entre as três produções                                 | 112 |

## SUMÁRIO

|                                                                                              |            |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>                                                                            | <b>9</b>   |
| <b>1. CAPÍTULO I - A ORDEM DO DISCURSO SEGUNDO MICHEL FOUCAULT</b>                           | <b>14</b>  |
| <b>1.1 Sistemas de Exclusão Externos</b>                                                     | <b>17</b>  |
| <b>1.2 Procedimentos Internos</b>                                                            | <b>18</b>  |
| <b>1.3 Condições de Funcionamento dos Discursos</b>                                          | <b>20</b>  |
| <b>2. CAPÍTULO II - A FORMAÇÃO DOS DIFERENTES DISCURSOS A RESPEITO DO FUTEBOL BRASILEIRO</b> | <b>22</b>  |
| <b>2.1 A popularização do futebol no Brasil</b>                                              | <b>22</b>  |
| <b>2.2 O “futebol arte” brasileiro</b>                                                       | <b>29</b>  |
| <b>2.3 Construção da Identidade Nacional</b>                                                 | <b>40</b>  |
| <b>2.4 O discurso atual da academia sobre o futebol brasileiro</b>                           | <b>45</b>  |
| <b>2.5 Copa do Mundo, Seleção Brasileira e Mídia</b>                                         | <b>52</b>  |
| <b>3. ANÁLISE DO OBJETO</b>                                                                  | <b>56</b>  |
| <b>3.1 Proposições Metodológicas para a Análise do Objeto</b>                                | <b>56</b>  |
| 3.1.1 - Apresentação do Objeto                                                               | 57         |
| 3.1.2 – Os Princípios Metodológicos de Foucault para a Análise dos Discursos                 | 89         |
| 3.1.3 – Metodologia de Análise Fílmica na Publicidade                                        | 93         |
| <b>3.2 – Análise das Produções Audiovisuais</b>                                              | <b>94</b>  |
| 3.2.1 – Análise segundo as Estratégias de Construção                                         | 95         |
| 3.2.2 – Análise do Discurso Empregado nas Produções Audiovisuais                             | 101        |
| <b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                                               | <b>116</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                                                                           | <b>121</b> |

## INTRODUÇÃO

O futebol brasileiro, desde a primeira metade do Século XX, tem sido comumente associado a uma prática em que predominariam as noções de magia, habilidade, fantasia, espetáculo etc., muito em função da valorização das individualidades e da capacidade de driblar de nossos atletas. Em diferentes produtos midiáticos, não é raro depararmo-nos com algum tipo de alusão ao chamado “futebol arte”, prerrogativa quase que exclusiva dos atletas nascidos em solo pátrio. Por outro lado, estudos realizados especialmente nas últimas duas décadas começaram a colocar em xeque a aplicação uníssona do conceito do “futebol arte” ao futebol brasileiro, demonstrando que essa associação tem sido construída e posta em marcha especialmente pelos meios de comunicação.

Sobre o “futebol arte” brasileiro, sabe-se que sua origem vem dos textos de Gilberto Freyre (1938; 1947). Divergindo dos discursos dominantes de sua época, Freyre acreditava na supremacia do mulato brasileiro, alegando que essa parcela da população concentraria as melhores qualidades das raças negra e branca. Com o início da popularização do futebol e a crescente entrada de jogadores negros de comprovada habilidade em clubes brasileiros, o autor concentra sua atenção a este esporte, alegando que os afrodescendentes brasileiros “emprestaram” suas melhores qualidades para que a forma de se praticar futebol no Brasil se diferenciasse de qualquer outra no mundo. Ele cita influências vindas de práticas como o samba, as religiões com raízes africanas e, especialmente, a capoeira, dizendo que esta mistura de elementos deu ao futebol brasileiro uma plasticidade única, que o qualificaria a comparar-se a uma arte.

São vários os autores que também procuraram valorizar as qualidades artísticas do futebol brasileiro e sua capacidade de adquirir aspectos de outras culturas. O crítico literário alemão Anatol Rosenfeld (1993), por exemplo, dedicou alguns de seus textos à análise do futebol brasileiro e as influências recebidas da cultura africana. Outros pesquisadores, como Roberto DaMatta (1982; 1994) e José Miguel Wisnik (2008), também se debruçaram sobre a compreensão do futebol brasileiro, buscando verificar as singularidades e particularidades da prática desse esporte em nosso país. O cineasta italiano Pier Paolo Pasolini (2005), por sua vez, faz uma análise muito similar à de Freyre, classificando o futebol brasileiro como um futebol de “poesia” em contraposição ao futebol de prosa executada pelas seleções europeias.

No entanto, em meio a este discurso tão difundido e aparentemente bem aceito pela sociedade de que o futebol brasileiro seria sinônimo de “futebol arte”, surge outra formação discursiva partindo de alguns pesquisadores que colocam este juízo em questão. Citando a publicação de Freyre como texto fundador da ideia sobre o futebol brasileiro, Simoni Lahud

Guedes (2014) acredita que são momentos pontuais no esporte, como algumas jogadas singulares, que justificam a fala sobre o talento dos jogadores brasileiros; a longa exposição desses exemplos pela mídia só acabaria fortalecendo esse discurso. Outros autores como Ronaldo Helal, Hugo Lovisolo, Antônio Jorge Soares e Hilário Franco Júnior (2002; 2003; 2004; 2012; 2013) também versarão a respeito da “falácia” do “futebol arte” freyreano, alegando que se trata mais de uma exceção do que de uma regra em relação à prática do esporte no país. Uma das hipóteses levantada por estes autores é a tentativa da mídia brasileira em enaltecer o talento inato dos jogadores que disputaram a Copa do Mundo de 1970 em uma seleção que passou por intenso treinamento e capacitação física, utilizando-se de conhecimentos científicos avançados para a época no que diz respeito à preparação para as altas temperaturas e a altitude do México, onde se realizou aquela competição.

Já o pesquisador Tiago Maranhão (2006), também citando a obra de Freyre, irá sugerir que a visão do autor sobre o futebol brasileiro conseguiu sua consolidação pelo fato de ter sido difundida pelo Presidente Getúlio Vargas durante o Estado Novo (1937-1945) como forma de provocar a unidade nacional e o sentimento de nacionalismo em uma população que até então se identificava mais com os respectivos países de ascendência (no caso dos imigrantes) ou com as potências hegemônicas de então. Não somente ele, mas outros líderes políticos se apropriaram da popularidade do futebol para controlar a sociedade, utilizando este esporte como forma de manipulação para unificar a população em um objetivo comum: torcer pela seleção brasileira em competições mundiais.

Tudo isto, somado à divulgação em massa feita pela mídia da ideia do “futebol arte”, fez com que este discurso tenha se tornado dominante na sociedade brasileira, sendo difundido inclusive em outras partes do mundo, embora exista outro discurso que surge atualmente no meio acadêmico e que se posiciona contrariamente às ideias inauguradas por Freyre.

Pensando nas questões citadas anteriormente, esta pesquisa procura trabalhar com uma hipótese: há dois discursos a respeito do futebol brasileiro que se excluem mutuamente. Um deles surgido na academia, tendo como precursor Gilberto Freyre, que alega haver certa plasticidade do futebol brasileiro, comparando-o a uma arte e incluindo-o como patrimônio da nação, e que foi utilizado pela política como elemento para a construção da identidade nacional do país, tendo sido divulgado exaustivamente pela mídia que, por sua vez, o usa como forma de persuasão mercadológica.

A outra formação discursiva, mais moderna, também surge na academia através de pesquisadores que atuam, principalmente, em estudos relativos à relação do esporte com a sociedade, cujo objetivo parece ser desmistificar o imaginário criado pela primeira linha de

discurso, utilizando-se de fatos que comprovariam que o “mito” do “futebol arte” freyreano seria uma falácia.

Ao saber de ambas as formações discursivas a respeito do futebol brasileiro, e como elas parecem se contrapor, entende-se que ambas tendem a se excluir. Tal exclusão geraria uma sobreposição de um discurso ao outro em determinados setores da sociedade, fazendo com que um fosse mais difundido que o outro. Desta forma, o problema que a pesquisa busca resolver é: por que o discurso sobre o “futebol arte” ainda parece mais valorizado não só pela mídia, mas pela própria sociedade, se outra formação discursiva legítima tem se posicionado contrariamente a ele? Ou mais, por que a fala midiática sobre esta questão parece ter mais peso do que a acadêmica perante a sociedade?

Para verificar as questões propostas, procurou-se escolher um objeto que pudesse demonstrar a relação da mídia com o futebol brasileiro, retratado como um elemento constituinte da nacionalidade do país. Por este motivo, foram selecionados para análise os produtos audiovisuais desenvolvidos para a Copa do Mundo de 2014, disputada no Brasil: o clipe produzido pela emissora de TV Band, a chamada produzida pela TV Globo e também a vinheta produzida pela FIFA, organizadora do evento. No terceiro capítulo será feita a distinção entre os termos clipe, vinheta e chamada, para que se possa compreender de forma mais abrangente a natureza de tais produtos.

A escolha do objeto procurou levar em conta algumas premissas importantes para a análise e para o resultado da pesquisa. Inicialmente, buscou-se selecionar produtos audiovisuais veiculados na televisão, meio de maior difusão e principal transmissor das partidas do Mundial, garantindo uma maior abrangência do público. Além disso, foram escolhidas peças que tinham a potencialidade de atingir um maior número de telespectadores por terem sido veiculadas em rede aberta, disponível a qualquer cidadão brasileiro que tenha acesso a um aparelho televisor.

Ademais, o fato de fazer referência a uma competição realizada em solo brasileiro, planejada e executada em um contexto turbulento, com manifestações contrárias a seu acontecimento, também contribuiu para a seleção do objeto, para que se possa entender seu comportamento frente a esta variável.

Por se tratar de um tema complexo a ser estudado, o objeto escolhido necessita de uma análise que possa abranger os aspectos que pretendem ser observados. Por este motivo, foram escolhidas duas formas complementares de se verificar os produtos audiovisuais selecionados em busca de respostas para a questão lançada. Inicialmente, para que se possa entender como se formaram os discursos sobre o futebol brasileiro que se contrapõe, escolheu-se utilizar a análise genealógica, sugerida por Michel Foucault (1999) em sua obra *A Ordem do Discurso*,

que, através da pesquisa bibliográfica realizada, pretende verificar sob quais circunstância e quais esferas sociais foram responsáveis por influenciar a formação das diferentes falas sobre o futebol no Brasil e seu posicionamento perante a sociedade. Desta forma, pretende-se entender o porquê da escolha de certos conteúdos relacionados ao “futebol arte” utilizados nos enredos que compõem os produtos audiovisuais analisados na pesquisa.

Depois de verificada tal questão, é necessário compreender quais estratégias de construção foram utilizadas em cada uma das produções audiovisuais selecionadas, para que se possa identificar com qual finalidade o discurso escolhido sobre o futebol brasileiro, empregado na vinheta, no clipe e na chamada, foi utilizado. Para tal, foi utilizada a metodologia proposta pelos autores Vanoye e Goliot-Lété (2012), que categorizaram as possíveis estratégias de construção de *spots* publicitários em argumentação direta, narração e sedução-fascínio. Através das características de cada produto selecionado para análise, eles serão enquadrados nas categorias as quais mais se assemelharem, possibilitando que se compreenda qual estratégia de construção foi utilizada para que os objetivos de cada peça fossem atingidos.

Por fim, após identificados os processos de construção de cada discurso e com qual finalidade os produtos audiovisuais deram preferência a um discurso unilateral sobre o futebol brasileiro na construção de seu conteúdo, cabe utilizar a segunda proposição metodológica abordada por Foucault na mesma obra já citada, denominada análise crítica, na tentativa de determinar através de quais processos de exclusão do discurso a mídia se apropriou da fala do “futebol arte”, contrapondo-se ao discurso surgido atualmente na academia, que pretende desmistificar esta visão. Através da composição destas análises, pretende-se responder aos objetivos traçados a seguir:

- Compreender como a mídia atual ainda tem utilizado as ideias lançadas por Gilberto Freyre como forma de provocar a identificação do público e contribuir para que esta visão do “futebol arte” brasileiro continue sendo difundida como predominante, muito embora possa não corresponder à prática do futebol vista neste país.

- Analisar quais estratégias de persuasão têm sido utilizadas pelas emissoras de TV quando o assunto em questão é a Copa do Mundo.

- Verificar as formas de exclusão sofridas pelos dois discursos identificados que têm causado a sobreposição de um em relação ao outro.

- Identificar como a escolha do conteúdo exibido nas três produções audiovisuais se relacionou com o cenário em que a competição foi realizada, marcado por manifestações contrárias ao seu acontecimento.

Esta pesquisa se justifica pelo fato de que é notória a existência dos dois discursos a respeito do futebol brasileiro, e, por este motivo, esta questão merece uma análise detalhada para que se entenda o porquê da distinção entre os dois. Além disso, é necessário que se aborde este tema pois entende-se que ele tem sido tratado unilateralmente pela mídia, o que contribui cada vez mais para a difusão do discurso sobre o “futebol arte” sem comparar esta visão com a qualidade do futebol brasileiro apresentado em competições. Por fim, a intenção deste trabalho é que ele permita que novos discursos sobre a prática deste esporte no Brasil sejam criados, pluralizando ainda mais o olhar destinado a ele e sua relação com a sociedade e conscientizando as demais esferas sociais da importância que o futebol desempenha em relação a seu modo de vida e sua cultura.

## 1. CAPÍTULO I - A ORDEM DO DISCURSO SEGUNDO MICHEL FOUCAULT

Para que seja possível discutir as relações entre o futebol que remonta à identidade nacional brasileira e o futebol observado pela academia, dá-se início à busca por uma metodologia que explique porque apenas um destes discursos foi escolhido pela mídia, e acolhido pela sociedade, para massiva divulgação.

Segundo a pesquisadora Maria do Rosário Gregolin (2006), as ideias de Michel Foucault sobre o discurso fundamentam-se na História e na Filosofia, tendo o autor recebido influências das obras de pensadores e filósofos como Nietzsche, Freud e Marx. A autora ainda comenta sobre o fato de que o projeto de Foucault não possuir como objetivo imediato a construção de uma teoria do discurso, mas sim a reflexão sobre os discursos e as transformações históricas do fazer e dizer.

Gregolin (2006) divide a obra foucaultiana em três momentos em relação à produção histórica das subjetividades (Tabela 1):

Tabela 1 - Os três momentos do projeto foucaultiano

|                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|---------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| a) Primeiro Momento | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Investigação dos saberes nos quais a cultura ocidental está embasada;</li> <li>• Busca do método <i>arqueológico</i> para compreender a história dos saberes.</li> </ul>                                                                               |
| b) Segundo Momento  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estudo da objetivação do sujeito em “práticas divergentes”;</li> <li>• <i>Genealogia do poder</i>: análise das articulações entre os saberes e os poderes;</li> <li>• O poder é pulverizado na sociedade através de inúmeros micro poderes.</li> </ul> |
| c) Terceiro Momento | <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Técnicas de si e governamentalidade</i>: investigação da subjetivação através do governo de si e dos outros;</li> <li>• Pesquisas orientadas na direção da sexualidade e da constituição histórica de uma <i>ética e estética de si</i>.</li> </ul> |

**Fonte:** Elaboração da autora

No primeiro momento, conhecido como “arqueológico”, Foucault aborda a construção dos saberes, olhando para a figura do homem não somente pela ótica da filosofia, que o tratava como sujeito livre e racional, mas como objeto e sujeito ao mesmo tempo. Em um segundo momento, chamado de “genealogia do poder”, o autor volta sua atenção às práticas do poder e às relações estabelecidas entre o saber e o poder, analisando os dispositivos do poder nas **sociedades disciplinares** (instituições desenvolvidas para controlar os corpos). E no terceiro momento, Foucault parte para a abordagem das “técnicas de si” e da “governamentalidade”,

procedimentos de subjetivação que constituem a ideia de identidade para o sujeito. “O sujeito é, portanto, o lugar para onde Foucault olhará na construção de sua obra. Ele é o seu objeto, seja enquanto objeto de saber, seja enquanto objeto do poder, seja enquanto objeto de construção identitária” (GREGOLIN, 2006, p. 58).

Tendo, portanto, o sujeito como objeto principal de suas obras, Foucault se relaciona com o discurso à medida em que a história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano na cultura ocidental é construída pelos discursos, ou seja, a relação entre história, linguagem e sociedade é a base de suas reflexões.

Segundo Foucault, para analisar os diferentes modos de subjetivação é preciso determinar e descrever a proliferação dos acontecimentos discursivos através dos quais, graças aos quais e contra os quais se formaram as noções, os conceitos, os *topoi* que atravessam e constituem os objetos e engendram os discursos que falam sobre eles (GREGOLIN, 2006, p. 59)

Desta forma, em sua obra *Arqueologia do Saber*, Foucault (1995), encerrando seu primeiro momento “arqueológico”, concentra sua atenção no discurso real, ou seja, aquele que se pronuncia e existe como materialidade. Definindo um método que se divide em três objetos de estudo, o discurso, o enunciado e o saber, ele se propõe a desvendar uma nova linearidade histórica que se fundamenta no que foi dito durante os tempos. Foucault (1995) procura, portanto, mostrar que sujeitos e objetos só existem a partir do momento em que são construídos discursivamente, através do que se fala sobre eles.

Assim, o autor classifica o discurso, neste momento, como um conjunto de enunciados que se apoiam em uma mesma formação discursiva; tal conjunto é histórico limitado a certo número de enunciados. O que Foucault (1995) se propôs a apresentar é que há um suporte histórico e institucional dos discursos cuja função é permiti-los ou proibi-los. Além disso, o autor também classifica o discurso como uma prática que constrói seu sentido em relações e enunciados que se encontram em funcionamento. Deste modo, a análise do discurso se daria através da leitura arqueológica de documentos, delimitando as regras de formação dos objetos, de modalidades enunciativas, de conceitos, termos e teorias, com o intuito de estabelecer qual saber os caracteriza.

O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus

próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo (FOUCAULT, 1995, p. 135-136)

Em outra obra de sua autoria, Foucault (1984) fala sobre as relações de poder existentes na sociedade e sua relação com o discurso. Em *Microfísica do Poder*, o autor apresenta de que forma os mecanismos de poder são exercidos fora, abaixo e ao lado do aparelho de Estado, bem como a relação de poder e saber nas sociedades modernas cujo objetivo é produzir verdades essencialmente responsáveis pela dominação do homem através das práticas políticas e econômicas características do capitalismo.

Desta forma, Foucault (1984) alega que a verdade é um produto derivado de diversas coerções que causam efeitos regulamentados de poder. “Parece-me que o que se deve levar em consideração no intelectual não é, portanto, ‘o portador de valores universais’; ele é alguém que ocupa uma posição específica, mas cuja especificidade está ligada às funções gerais do dispositivo de verdade em nossas sociedades” (FOUCAULT, 1984, p. 13). O autor afirma que por “verdade” não se deve entender “o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar”, mas sim “o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”. Assim, Foucault (1984) introduz a ideia de que não existe a verdade, mas uma ideia de verdade implantada pela sociedade, baseada em aspectos políticos e econômicos, que se contrapõe aos discursos que não se adequam aos padrões traçados por ela.

Através das ideias do autor previamente descritas, chega-se ao conteúdo ministrado por ele na aula inaugural no *Collège de France*, ministrada em 2 de dezembro de 1970, que deu origem ao livro *A Ordem do Discurso*, publicado originalmente em Paris, no ano de 1971. Neste livro, Foucault (1999) faz uma análise a respeito dos discursos e os categoriza de forma a entender porque algumas ideias são tão fortemente difundidas na sociedade em detrimento de outras.

Foucault (1999) inicia esta obra frisando a necessidade que se há em estudar a origem dos discursos e as formas pelas quais eles se propagam na sociedade.

[...] inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo o uso há tanto tempo reduziu as aperiências (FOUCAULT, 1999, p. 8)

Em um segundo momento, o autor começa de fato sua análise sobre a produção dos discursos. Foucault (1999) introduz sua ideia de que em toda sociedade tal produção é, simultaneamente, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um determinado número de procedimentos, cuja função seria tramar seus poderes e perigos, dominar o acontecimento aleatório e esquivar sua materialidade. A seguir, serão expostos os sistemas de exclusão propostos pelo autor.

### **1.1 Sistemas de Exclusão Externos**

Foucault (1999) separa as formas de construção do discurso em fatores internos e externos. O primeiro processo externo, relatado pelo autor, seria a interdição da palavra. Foucault (1999) diz existir três formas de se interditar o que é dito que se relacionam entre si, fortalecendo-se e complementando-se, que seriam: tabu do objeto, ritual da circunstância e direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala. A interdição da palavra revela a ligação do discurso com o poder, algo que não é novidade segundo o autor, que classifica a possibilidade de vetar certos discursos como uma das principais causas das disputas por dominação.

O segundo fator externo seria o que Foucault (1999) chama de segregação da loucura. Segundo ele, desde a Idade Média, ao mesmo tempo em que se descredita o discurso das pessoas ditas loucas, ele é valorizado como uma forma diferente de se enxergar verdades ocultas. Ele ainda diz que embora se acredite que hoje em dia não haja mais essa exclusão, ela ainda voga, e pode ser percebida na relação existente entre pacientes e médicos, psicanalistas, onde há uma certa censura no discurso proferido.

Por fim, o último fator externo consiste na vontade da verdade. Segundo Foucault (1999), a arbitrariedade não estaria em definir o que é verdadeiro e o que é falso dentro de um discurso já formado, mas sim, na forma como tal verdade foi forjada ao longo do tempo. A vontade da verdade funcionaria como um sistema de exclusão na medida em que é apoiada por um suporte institucional, sendo reforçada e reconduzida por um conjunto de práticas. “Mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído” (FOUCAULT, 1999, p. 17). O autor diz que a vontade da verdade exerce sobre os discursos certa pressão e coerção.

Foucault (1999) se aprofunda mais no conceito de vontade de verdade pois, como ele próprio diz, os dois primeiros processos se enfraquecem à medida em que são atravessados pelo terceiro, que se fortalece cada vez mais, tornando-se mais incontornável. Ele segue dizendo que

a vontade da verdade é a forma de exclusão de que menos se fala, justamente pela suposta verdade estar tão incrustrada nos discursos.

Assim, só aparece aos nossos olhos uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal. E ignoramos, em contrapartida, a vontade de verdade, como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade e recoloca-la em questão contra a verdade [...]. (FOUCAULT, 1999, p. 20)

Tabela 2 - Os sistemas de exclusão externos de Foucault

|                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|-----------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Interdição da Palavra | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aquilo que pode ser dito ou não dito de acordo com as circunstâncias;</li> <li>• Tabu do objeto: assuntos que não podem ser discutidos nem estar presente nos discursos;</li> <li>• Ritual da circunstância: discursos que só podem ser anunciados em determinadas ocasiões;</li> <li>• Direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: discursos que somente são proferidos por determinados sujeitos.</li> </ul> |
| Segregação da Loucura | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Discurso do louco: não pode transmitir-se como o dos outros;</li> <li>• Taxado de nulo ou observado de forma diferente: verdades ocultas;</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Vontade da Verdade    | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Exerce pressão sobre a formação discursiva;</li> <li>• Não se trata do discurso verdadeiro, mas daquele que é tido como verdadeiro;</li> <li>• Atravessa e enfraquece os outros dois mecanismos de exclusão, fortalecendo-se e tornando-se incontrolável.</li> </ul>                                                                                                                                                      |

**Fonte:** Elaboração da autora

## 1.2 Procedimentos Internos

Foucault (1999) ainda fala sobre os processos internos de exclusão, visto que os próprios discursos exercem controle sobre si (Tabela 3). O primeiro processo interno seria o comentário. O autor diz que existem dois tipos de discursos que circulam pela sociedade: os discursos que seriam origens e aqueles que se originam através dos comentários sobre os originais. Embora esse desnivelamento dos discursos não seja estável, seu encerramento é uma utopia. No entanto, Foucault (1999) mostra que, através do comentário, novos discursos podem ser construídos indefinidamente, muito embora seu principal papel seja dizer por fim o que se articula no texto primeiro no qual ele se fundamenta. “O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe

sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado” (FOUCAULT, 1999, p. 25).

O segundo processo interno, que complementaria o primeiro, seria o autor. Por autor, Foucault (1999) não diz ser o indivíduo que produziu um texto, mas sim o princípio de agrupamento do discurso. Enquanto o comentário limita o discurso pela repetição, o princípio do autor o limita pela individualidade. “O comentário limitava o acaso do discurso pelo jogo de uma *identidade* que teria a forma de *repetição* e do *mesmo*. O princípio do autor limita esse mesmo acaso pelo jogo de uma *identidade* que tem a forma da *individualidade* e do *eu*” (FOUCAULT, 1999, p. 29).

O terceiro e último processo interno de limitação seriam as disciplinas. Este princípio seria oposto aos dois primeiros, já que funciona como um conjunto de métodos e domínio de objetos que possibilitariam qualquer um a servir-se deles sem que tivesse importância quem, e também já que pressupõe que seja possível que novas proposições sejam indefinidamente formuladas. Embora possuam erros, que funcionam de forma positiva à medida em que se associam com a verdade, as disciplinas precisam responder a certas condições, para que se enquadrem como tal. “Em resumo, uma proposição deve preencher exigências complexas e pesadas para poder pertencer ao conjunto de uma disciplina” (FOUCAULT, 1999, p. 34). Ainda segundo o autor, mais importante do que ser verdadeiro ou falso, para que uma proposição se enquadre em uma disciplina, é necessário que ele esteja “no verdadeiro”, o que caracteriza o processo de controle de produção do discurso.

Tabela 3 - Os procedimentos internos de exclusão de Foucault

|            |                                                                                                                                                                                                                                                              |
|------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Comentário | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Recorre a discursos maiores;</li> <li>• Permite a criação de diversos discursos, no entanto sempre repete o discurso ao qual se apoia.</li> </ul>                                                                   |
| Autor      | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Princípio de agrupamento do discurso;</li> <li>• Recorte da produção discursiva do indivíduo;</li> <li>• Conjunto de características que distinguem o que pertence a um determinado grupo de discursos;</li> </ul>  |
| Disciplina | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Delimitação de um campo de verdade onde o discurso deve se inserir;</li> <li>• Regras e procedimentos metodológicos impostos para a construção de discursos pertencentes a determinados campos do saber;</li> </ul> |

**Fonte:** Elaboração da autora

### 1.3 Condições de Funcionamento dos Discursos

Depois de classificar os fatores internos e externos como forma de exclusão, Foucault (1999) parte para uma terceira forma, que diria respeito à determinação das condições de funcionamento dos discursos, e quais regras fariam com que nem todos tivessem acesso a eles (Tabela 4).

[...] nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala. (FOUCAULT, 1999, p. 37)

A primeira forma dos sistemas de restrição que Foucault propõe é o ritual. Esta classificação definiria a qualificação que os indivíduos que falam devem possuir, determina o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso, definindo qual é o efeito das palavras proferidas àqueles aos quais elas se dirigem. Segundo o autor, o ritual “[...] determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos” (FOUCAULT, 1999, p. 39).

Quase em contraposição a isso, surge a segunda forma, que seriam as “sociedades de discurso”, que teriam como função conservar ou produzir discursos para que sejam veiculados em espaço fechado e distribuídos de forma restrita, para que isso não caracterize a perda de posse de seus detentores. Foucault as exemplifica, nos dias atuais, como os discursos pertencentes a classes profissionais que se limitam aos indivíduos pertencentes a elas, o que funcionaria como um tipo de exclusão.

A terceira forma de restrição é a doutrina, que por sua vez, seria o inverso das “sociedades do discurso”. Ela tende a se difundir e somente pelo compartilhamento de um único e mesmo discurso é que ela faz com que os indivíduos sintam que a pertencem. “[...] a doutrina questiona os enunciados a partir dos sujeitos que falam, na medida em que a doutrina vale sempre como o sinal, a manifestação e o instrumento de uma pertença prévia [...]” (FOUCAULT, 1999, p. 43).

Por fim, a forma que o autor considera muito mais ampla, seria a apropriação social dos discursos. Foucault considera todos os sistemas educacionais como uma maneira política de manter ou modificar a apropriação do discurso. Portanto, ele entende que a apropriação social dos discursos funcionaria com a interação das três formas anteriormente citadas por ele, como se a educação tradicionalmente fornecida nos centros educacionais fosse baseada em todas as formas de exclusão do discurso que se ligam a suas condições de funcionamento.

O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ou menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes? (FOUCAULT, 1999, p. 44)

Tabela 4 - Condições de funcionamento dos discursos

|                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|----------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Ritual                           | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Qualifica aquele que profere determinado discurso, bem como o conjunto de comportamentos e circunstâncias que devem acompanhá-lo.</li> </ul>                                                                              |
| Sociedades de Discurso           | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Produzem e conservam discursos;</li> <li>• Número de indivíduos que proferem o discurso é limitado, e sua distribuição é restrita.</li> </ul>                                                                             |
| Doutrina                         | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Promove a difusão do discurso;</li> <li>• Impõe como condição regras de conformidade com seu conteúdo;</li> <li>• À medida que conecta indivíduos através do discurso, os afasta das demais falas;</li> </ul>             |
| Apropriação Social dos Discursos | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Classificação do sistema educacional;</li> <li>• Embora todos os indivíduos tenham acesso aos discursos, sua distribuição ainda é desigual;</li> <li>• Interação de Ritual, Doutrina e Sociedades de Discurso.</li> </ul> |

**Fonte:** Elaboração dos autores

A seguir, será abordada a formação dos diferentes discursos a respeito do futebol brasileiro, de forma a analisar uma análise genealógica segundo a metodologia proposta por Foucault, identificando as diferentes fontes que contribuíram para a formação de distintos discursos sobre a prática deste esporte no país.

## 2. CAPÍTULO II - A FORMAÇÃO DOS DIFERENTES DISCURSOS A RESPEITO DO FUTEBOL BRASILEIRO

Desde sua chegada ao Brasil até os dias de hoje, o futebol passou por mudanças significativas que o tornaram um elemento característico da nacionalidade brasileira. Diversas foram as esferas da sociedade que contribuíram para que ele fosse visto pela população desta maneira, como a política e a mídia. Neste momento, serão abordados temas como a introdução deste esporte no Brasil e seu desenvolvimento, os diferentes discursos que se formaram sobre ele, sua contribuição para a construção da identidade nacional do país e a relação entre a sociedade brasileira, Copa do Mundo e mídia.

### 2.1 A popularização do futebol no Brasil

Embora tenha sido formalizado e estruturado por meio de regras universais na segunda metade do Século XIX na Inglaterra, o futebol não demorou a ser adotado pela população brasileira como uma modalidade esportiva praticada por indivíduos de diferentes classes sociais, fenômeno que ganhou corpo especialmente ao longo das décadas de 1920 e 1930, como mostram os estudos acadêmicos de José Sérgio Leite Lopes (1998), Waldenir Caldas (1990) e Fábio Franzini (2003), ou contribuições históricas como as de Thomaz Mazzoni (1950) e Bill Murray (2000). Ao longo dos anos, esta modalidade esportiva tornou-se culturalmente característica de um *ethos* brasileiro, tanto na visão da população nacional como estrangeira, tese defendida pelo antropólogo Roberto DaMatta (1994), um dos pioneiros na inclusão do futebol como tema de debate na academia brasileira. Segundo ele, a sociedade brasileira emprestou os traços mais marcantes de sua cultura para moldar o futebol nacional, ao mesmo tempo em que o futebol auxiliou a sociedade a modernizar-se com a introdução de noções de democracia e igualdade social:

[...] embora o futebol seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, dentro dos mais extremados objetivos capitalistas ou burgueses, ele, não obstante, também orchestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. No fundo, o futebol prova que pode se acasalar [...] valores culturais locais, nascidos de uma visão de mundo tradicional e particularista, com uma lógica moderna e universalista. (DAMATTA, 1994, p. 12)

Após a chegada de Charles W. Miller ao Brasil, brasileiro de origem inglesa, em 1895, vindo da Inglaterra e trazendo uma bola de futebol consigo, o esporte é introduzido no país

como uma atividade extremamente elitista, praticada apenas por jovens da alta sociedade de São Paulo e do Rio de Janeiro. Escolas tradicionais da época, como o colégio Anglo-Brasileiro, os Colégios Militares e o colégio Alfredo Gomes, incorporaram o futebol como uma das atividades físicas propostas aos alunos. Assim, formavam-se os jogadores para integrar times como o Paissandu, no Rio de Janeiro, o São Paulo Athletic Club, entre outros (CALDAS, 1997).

A propósito, existe uma certa imprecisão sobre a real chegada do futebol no Brasil. Alguns autores afirmam que ele foi introduzido por Charles Miller, em 1895, que retornava da Inglaterra após ter cursado a *Banister Court School*. Outros alegam que antes mesmo de sua chegada ao Brasil, já existiam pessoas que praticavam o esporte, como os holandeses em Recife em 1870, ou ingleses no Rio de Janeiro em 1874, entre outros exemplos. No entanto, segundo Máximo (1999), o marco que mais se identifica como ponto de partida do futebol no Brasil é sua introdução através de Miller, já que, diferentemente de outras referências, esta mostra o nascimento do esporte no seio da classe média paulistana. Além disso, Caldas (1990) diz que a contribuição de Miller foi maior do que trazer uma bola de futebol das terras inglesas. Ele teria perfeito domínio das regras do esporte, sendo capaz de atuar como árbitro em algumas partidas, além de uma grande habilidade em praticar o futebol.

Segundo Caldas (1997) o caráter elitista com que o futebol se apresenta aos brasileiros inicialmente é justificado pelo fato de ter sido introduzido pelos ingleses no país, que por sua vez pertenciam à alta sociedade paulistana e carioca. Apenas eles e os cidadãos com mais posses tinham acesso à prática do esporte, e quase todo o material necessário a isso era importando e de alto custo. Além disso, os preconceitos social e racial também impediam que o futebol se estendesse ao restante da sociedade. “Tanto em São Paulo, quanto no Rio de Janeiro, todos os clubes recreativos que aderiram ao futebol não admitiam negros no time nem jovens que não estivessem estudando” (CALDAS, 1997, p.77). O próprio presidente da República, Epitácio Pessoa, recomendou que não fossem incluídos negros na seleção brasileira de futebol que disputaria o Campeonato Sul-Americano em Buenos Aires para garantir uma “boa imagem” do Brasil no exterior. “Uma delegação de futebol não deixava de representar o país. E era absolutamente imperioso que o país fosse representado por sua ‘melhor sociedade’” (MÁXIMO, 1999, p. 183).

Para Máximo (1999), justamente por ter sido introduzido como esporte da elite é que o futebol brasileiro acabou sendo por muito tempo inferior tecnicamente ao de outros países sul-americanos, como o Uruguai e a Argentina: em ambos os casos, as raízes do futebol são extremamente populares. Enquanto no Brasil o futebol chega com características modernas de um esporte praticado na Inglaterra, em outros países latinos, como os exemplos citados

anteriormente, ele é introduzido na sociedade como forma de alienar os trabalhadores. “Enquanto os operários, em seus dias e horas de folga, gastassem suas energias correndo atrás da bola, não pensariam em reivindicar maiores salários e melhores condições de trabalho” (MÁXIMO, 1999, p. 182). Com isso, havia um estímulo maior para que os trabalhadores praticassem o futebol, o que fez com que os primeiros grandes jogadores Uruguaios fossem homens do povo, muitos deles negros. Além disso, o esporte tornou-se profissional nos dois países antes que o mesmo acontecesse no Brasil.

Em seu artigo *Futebol Mestiço: histórias de sucessos e contradições* Lopes (1998) fala sobre o início da popularização do futebol citando a entrada de operários em um esporte praticado apenas por pequenos grupos elitistas da época, como o time formado na fábrica de tecidos Companhia Progresso Industrial, em Bangu, no Rio de Janeiro, em 1904. Devido ao isolamento geográfico do bairro, a fábrica, que semelhante aos costumes de outras equipes deveria ser compostas por integrantes do núcleo de ingleses, precisou convocar chefes, empregados e operários de outras nacionalidades, como italianos, portugueses e brasileiros. “O critério de escolha do jogador baseava-se principalmente em três aspectos: no seu desempenho profissional, no tempo de serviço na empresa e no comportamento pessoal” (CALDAS, 1990, p. 29). Com o tempo, o número de operários brasileiros no time aumentou graças a sua maior permanência na empresa e, por conseguinte, houve também o aumento de negros e mulatos na equipe. Foi graças ao time formado em Bangu que surgiu a figura do jogador-operário, que era valorizado não por sua nacionalidade ou classe social, mas por seu talento. A partir deste momento, o operário não representava à Companhia apenas mais um trabalhador, mas também um veículo de divulgação da própria empresa, já que o Bangu viajava para jogar em outras cidades.

Segundo Caldas (1990), os dois clubes mais importantes para a história do futebol no Brasil foram o Bangu e o Fluminense, justamente pela oposição que um representava ao outro. Enquanto o Fluminense era um time extremamente elitizado, localizado em um bairro mais sofisticado (o Retiro da Guanabara), inacessível até mesmo aos cidadãos pertencentes à alta classe média, o Bangu, por sua vez, sempre se tratou de um time de subúrbio que tinha como fundadores os funcionários ingleses de uma fábrica. “O Bangu [...] representa ainda o momento inicial de todo o processo posterior de democratização no futebol brasileiro” (CALDAS, 1990, p. 29).

Começa-se, então, a perceber no futebol um senso de organização e pertencimento que poderia beneficiar o desempenho do funcionário praticante do esporte na empresa. Isso fez com

que mais companhias investissem em times formados por funcionários, como forma de discipliná-los através do futebol.

Pois, diferentemente de outras instituições, o futebol reúne muita coisa na sua invejável multivocalidade, já que é jogo e esporte, ritual e espetáculo, instrumento de disciplina das massas e evento prazeroso. Algo que requer paixão e treinamento, começando pela obediência às suas regras que não podem mudar e devem valer para todos e sem as quais pode haver disputa e jogo, mas não esporte. (DAMATTA, 1994, p. 12)

DaMatta (1994) acredita que o futebol foi o grande responsável pela democratização brasileira. Segundo ele, foram as características presentes no futebol que fizeram com que a sociedade começasse a se acostumar com a possibilidade de uma atividade definir ganhadores e perdedores apenas por mérito por suas ações, sem envolver qualquer tipo de classificação social ou econômica. Enquanto nas disputas entre grupos e pessoas era colocado em jogo instituições como o nome de uma família ou de uma localização, no esporte os confrontos eram disputados entre iguais, ritualizando assim a competição: reafirma-se melhores e piores, vencedores e perdedores de acordo com um quadro de normas previamente conhecido pelos competidores e que deve ser obrigatoriamente respeitado por todos. O autor ainda diz que o futebol só pode ser verdadeiramente apreciado pela população quando esta sociedade conseguiu dissociar as regras dos homens das partidas.

A visão de DaMatta (1994), embora condizente em alguns aspectos, como o senso de disciplina adquirido através do futebol, já que o esporte é embasado em diversas regras que devem ser cumpridas, parece um pouco exagerado quando diz respeito à democratização advinda do futebol. É fato que a democracia deveria ser fator imprescindível para que uma partida aconteça, mas a história da difusão do futebol no Brasil mostra que levou um certo tempo para que este esporte se tornasse aparentemente democrático.

Segundo Lopes (1998), o domínio dos clubes de elite foi quebrado somente em 1923, quando o Clube de Regatas Vasco da Gama, formado pelos integrantes da colônia portuguesa, foi campeão da primeira divisão do campeonato de futebol já em seu ano de estreia. Isso só foi possível pois o clube investiu no recrutamento de jogadores talentosos do subúrbio, independentemente de sua classificação racial, que se dedicavam quase que exclusivamente aos treinos do esporte.

Com isso, o Vasco não conquistava apenas seu primeiro campeonato na primeira divisão. Ele estava também criando, talvez, a maior crise no

futebol carioca. Além de ser até então um time inexpressivo, o Vasco conquista o campeonato trazendo consigo um fortíssimo agravante: negros e analfabetos em seu time. (CALDAS, 1990, p. 44)

Com o sucesso deste clube, o futebol começa a dar sinais cada vez mais nítidos de que estava deixando de pertencer somente à elite e começando a se popularizar. A partir deste momento, fosse polêmico para a época ou não, os jovens da elite teriam que enfrentar equipes formadas por jogadores de diferentes níveis socioeconômicos e, com isso, o segregacionismo, ao menos nos campos de futebol, era cada vez mais deixado de lado. Em outro artigo de sua autoria, Lopes (1994) afirma que essa transição de esporte extremamente elitizado para pertencente a novas classes sociais representava uma nova concepção do futebol, uma nova possibilidade a jogadores que esperavam no futebol não só uma forma de ascensão social, mas também um reconhecimento como cidadãos brasileiros. “[...] contrariamente ao que sucedeu na Inglaterra, o futebol torna-se no Brasil uma atividade esportiva que contribui para a mistura das classes” (LOPES, 1994, p. 66). No entanto, a democratização do futebol demoraria a acontecer, e o Vasco da Gama seria punido por sua “insensatez”: os demais times do Rio de Janeiro deixaram a liga a qual pertenciam (LMDT – Liga Metropolitana de Desportos Terrestres), e na qual o Vasco havia sido campeão, para fundar outra associação desportiva (AMEA – Associação Metropolitana de Esportes Athléticos), em 1º de março de 1924, a qual não incluía o time, invalidando assim sua vitória conquistada anteriormente. “Nada, no entanto, poderia deter um fato que historicamente estava determinado: a popularização do futebol. Como todos os esportes de participação coletiva [...] o futebol também tinha seu destino histórico: tornar-se um esporte da massa, um esporte popular” (CALDAS, 1990, p. 46).

Uma outra atividade que começava a se tornar cada vez mais comum e que, por sua vez, também contribuiu para a popularização do futebol foi a “pelada”. O esporte começa a se desprender da elite, com todos seus objetos e aparelhos necessários à prática, e começa a ganhar ares de improviso nas ruas da periferia de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Estava criado, a partir deste momento, um hábito que teria (e continua tendo) lugar de destaque na cultura lúdica brasileira. Nem sempre a bola era de couro. Muitas vezes era de meia e corda ou de borracha, mas sempre atraindo jovens que se habituavam a jogar e um público disposto a se divertir assistindo a “pelada”. (CALDAS, 1997, p. 78)

Segundo Caldas (1997) a própria expressão, que acabou tornando-se sinônimo de futebol no Brasil, encontra-se ligada à popularização do esporte: “pelada” faria referência ao extremo improviso na prática do esporte, onde a quantidade de jogadores não deveria ser de

exatamente 22, como nas partidas oficiais, desde que ambos os grupos de competidores estivessem em mesmo número, não havendo necessidade de árbitro ou bandeirinha e sem quaisquer demarcações do campo. No entanto, as regras do futebol deveriam ser respeitadas da mesma forma, sendo a única condição imprescindível para que se participasse da atividade. A expressão se referiria ainda as condições com as quais os jogadores praticavam esta atividade. Sem dinheiro suficiente para a compra do material esportivo, os praticantes da pelada jogavam futebol descalços e sem camisa, para que não avariassem suas vestimentas do cotidiano, despidos assim de qualquer traje específico para a prática do esporte.

O processo de democratização do futebol, auxiliado pelo início do profissionalismo, quebrou o padrão antes estabelecido da imagem do jogador de futebol. Antes visto como um cidadão pertencente à elite, de elevada classe econômica, agora ele é tido como qualquer indivíduo que tenha talento considerável na prática do esporte. Isso fez com que a própria elite, que antigamente identificava-se com o jogo passasse a se distanciar de qualquer referência que fosse feita ao atual jogador de futebol. “[...] não é o futebol que perde o prestígio. Ao contrário, toda sua trajetória, no Brasil, tem mostrado um aumento de popularidade cada vez maior. A imagem do jogador de futebol, esta sim, desgastou-se verticalmente naquela época” (CALDAS, 1990, p. 52).

Mas, embora o futebol caminhasse rumo à popularização, Lopes (1998) cita alguns episódios que marcaram o extremo preconceito sofrido por jogadores negros e mulatos ao entrarem para equipes de futebol, como o caso de Carlos Alberto, jogador transferido do clube América para o Fluminense em 1916, o qual, segundo boatos, teria a necessidade de utilizar o chamado “pó-de-arroz” na face para que sua pele parecesse mais clara; ou ainda o preconceito sofrido pelo jogador Manteiga, um marinheiro descoberto pelos dirigentes do América na área portuária do Rio de Janeiro em 1923, por seus companheiros de equipe, que deixaram o vestiário e pediram demissão no momento em que conheceram o novo jogador do clube. Esses episódios caracterizam uma certa aceitação por parte dos jogadores negros e mulatos da situação de inferioridade que lhes era imposta, não só socialmente, mas também dentro do esporte.

De certa forma, o preconceito racial sofrido por estes jogadores foi o que possibilitou sua ascensão no esporte. Em 1930, houve uma crescente onda de interesse pelos jogadores sul-americanos por parte dos times europeus, em especial os italianos, estimulados por Mussolini, que prometia construir um estádio para o clube campeão nacional. No entanto, os jogadores mais visados eram os caucasianos, o que impossibilitava que jogadores negros e mulatos fossem “exportados”, havendo poucas exceções, como o caso de Domingos da Guia e Leônidas da

Silva. Com isso, os praticantes afrodescendentes do esporte ficaram “condenados” ao sucesso local, o que impulsionou ainda mais sua entrada no futebol profissional. “O profissionalismo no Brasil tornou-se um meio de emancipação dos negros no esporte, condição necessária para fazer do futebol o esporte ‘nacional’ e para criar uma relação de identidade entre jogadores e o público” (LOPES, 1998).

A propósito, o profissionalismo no futebol brasileiro aconteceu em 1933, por causas conservadoras, mas acabou auxiliando a entrada de jogadores negros e mulatos em grandes equipes. Por determinarem que afro descendentes não poderiam fazer parte de suas equipes elitistas, clubes como o Fluminense e o São Paulo iniciaram um movimento pró profissionalização do futebol para que, dessa forma, pudesse contratar grande jogadores negros como empregados, sem que, dessa forma, interferissem em seu quadro social (MÁXIMO, 1999). Segundo Caldas (1990), antes mesmo do profissionalismo já se pagava uma gratificação prévia, independente de resultados, aos jogadores como forma de incentivo para que mostrassem seu melhor desempenho durante as partidas. Caso jogassem bem, seriam convocados novamente e isso geraria novas gratificações. Poderia ter sido este o início do profissionalismo no futebol brasileiro, não o caracterizando, mas criando condições satisfatórias para que ele existisse. Ainda de acordo com o autor, foi justamente o encaminhamento do futebol em direção à popularização que tornou latente a necessidade da profissionalização do esporte: quanto mais a massa se interessava pelos clubes, mais os dirigentes viam a necessidade de investimentos para que a equipe apresentasse resultados satisfatórios a sua torcida. E era este estímulo da torcida o que faltava para que a democratização do futebol acontecesse. Não havia mais como os clubes restringirem a entrada de jogadores por sua condição social, era necessário que fossem introduzidos no time futebolistas com talento e habilidade para que a torcida se sentisse impelida a acompanhar cada vez mais a equipe.

No entanto, mesmo com o aumento de jogadores negros e mulatos nos clubes, o preconceito sobre eles não havia diminuído; continuava disfarçado entre os torcedores, que idolatravam aqueles que jogavam em seus times de preferência e faziam chacotas associadas à cor com os atuantes nas equipes rivais. Essa questão se tornou mais visível quando a seleção brasileira que disputava a Copa do Mundo de 1950 perde para o Uruguai no jogo da final. Tal equipe contava com atletas negros na área defensiva e foram justamente estes atletas os “acusados” pela derrota na competição. Dentre os motivos apontados, muitos se apoiavam em teorias evolucionistas e darwinistas, alegando que negros e mestiços teriam uma maior instabilidade emocional em momentos decisivos, embora reconhecessem sua habilidade corporal. Quatro anos depois, a seleção brasileira seria eliminada na mesma competição pela

Hungria em um jogo finalizado por agressões entre os jogadores, o que fez com que João Lyra Filho, chefe da delegação brasileira na época, justificasse a derrota da equipe pela mesma alegada instabilidade emocional decorrente da mestiçagem (LOPES, 1998).

Foi somente em 1958, na Copa do Mundo realizada na Suécia que os boatos sobre a inferioridade dos atletas afrodescendentes começaram a ser desmentidos. A equipe que disputou a competição, formada por jogadores negros, brancos e mulatos foi a protagonista da primeira vitória brasileira, em meio a supremacia branca das seleções europeias. E mais tarde, em 1962, na Copa do Mundo do Chile, uma seleção formada com praticamente os mesmos jogadores da edição anterior da competição é campeã novamente, intensificando o sucesso dos atletas. No entanto, não apenas o talento dos jogadores convocados foi decisivo para o resultado, mas a experiência dos dirigentes e o bom trabalho da comissão técnica foram fundamentais.

O estilo brasileiro foi calcado nos grandes jogadores negros e mulatos ‘condenados’ a ficarem no país. Apesar de esse futebol-arte ser motivo de orgulho das torcidas, havia, até 1958, uma crença da inferioridade do estilo brasileiro em relação ao futebol europeu (em particular o inglês) e ao argentino (que influenciou o brasileiro entre os anos 20 e 50). [...] A consagração internacional na Suécia reforçou a auto-avaliação positiva do futebol brasileiro e inverteu aquela inferiorização, constituindo-se numa ‘libertação étnica’, pouco percebida explicitamente como tal. (LOPES, 1998)

O aumento do número de jogadores afrodescendentes e sua maior aceitação devido a seu talento possibilitou que cada vez mais elementos pertencentes à cultura africana, que já se incorporavam à cultura brasileira, ficassem nítidos no estilo brasileiro de se praticar o futebol. “No fundo, o futebol prova que se pode acasalar – e acasalar muito bem – valores culturais locais, nascidos de uma visão de mundo tradicional e particularista, com uma lógica moderna e universalista” (DAMATTA, 1994, p. 12). Começou-se então a criar uma visão acerca do futebol brasileiro que o comparava a uma arte, gerando a famosa expressão “futebol arte”. O item seguinte tratará sobre esta questão, na tentativa de explicar qual o surgimento da expressão e como ela tem influenciado a formação da identidade nacional da sociedade brasileira em relação ao futebol.

## 2.2 O “futebol arte” brasileiro

Nenhum patriotismo tolo, nenhuma xenofobia descabida, nada disso deve ser confundido com a afirmação de que o futebol brasileiro chegaria ao fim do século como o que mais e melhor contribuiu para o

encanto do jogo, o aperfeiçoamento de sua técnica, a elevação do esporte às dimensões de pura arte [...]. (MÁXIMO, 1999, p. 187)

Muitos são os fatores apontados para que o futebol do Brasil seja caracteristicamente diferenciado do de outros países. Segundo Foster (2002), o próprio João Saldanha, treinador da seleção brasileira no mundial de 1970, acreditava que a visão do “futebol arte” se sustenta por quatro fatores: o clima, a pobreza do país, a composição étnica do povo e a condição do futebol se constituir em uma verdadeira paixão popular. Já segundo Mason (1995) as características marcantes da prática deste esporte no Brasil são derivadas do papel que ele exerce no Brasil, ou seja, da função atribuída ao futebol na sociedade. A grande popularidade dada ao jogo no país influenciou diretamente no estilo de jogar.

Desde o início do século XX, quando negros, mulatos e pessoas de classes sociais mais baixas começaram a controlar o futebol, especialmente o de campo, formou-se uma reputação de espontaneidade e de surrealismo sobre este esporte no Brasil, principalmente quando ele era comparado ao estilo organizado dos europeus. De acordo com Foster (2002, p. 15) “a importância da espontaneidade e da improvisação se constituem numa característica específica do jogo brasileiro – a insistência no estilo, não como um meio para a vitória, mas como um objetivo em si mesmo”.

DaMatta (1982) acredita que o futebol brasileiro, assim como o esporte em geral, é uma atividade **da sociedade** e não **em oposição ou competição com a sociedade**. Isso quer dizer que o esporte, e neste caso o futebol, seria a própria expressão da sociedade através de uma perspectiva, de regras, relações, objetos, gestos e ideologias que permitem a abertura de um espaço social determinado. A influência que o futebol recebe da sociedade brasileira poderia ser explicada por esta visão do esporte como forma de expressão. Sendo uma atividade da sociedade, o futebol brasileiro carrega consigo os costumes e a cultura da sociedade que o acolheu.

Este olhar sobre o futebol brasileiro, celebrado por parte do meio acadêmico e pela maior parte dos meios de comunicação, tem a ver com a ideia de que o jogador pátrio, por força da incorporação de elementos da cultura africana, seria o responsável por colocar em prática o chamado “futebol arte”, conceito que tem origem no sociólogo, antropólogo e escritor Gilberto Freyre, com o artigo *Foot-ball Mulato*, publicado no *Diário de Pernambuco* em 17 de junho de 1938. O texto causará enorme influência no imaginário nacional, inspirando sobremaneira o olhar que será dedicado desde então ao futebol pela imprensa esportiva brasileira e pelos fãs do esporte, de forma geral. Nesse texto, Freyre (1938) discorre sobre a atuação da seleção brasileira

de futebol na Copa do Mundo da França, que ocorreu no mesmo ano da publicação do artigo. O autor chama a atenção para a coragem que o Brasil teve ao enviar à competição um time fortemente afro-brasileiro, o qual, com exceção de alguns brancos, era composto por uma maioria de jogadores negros e mulatos. E é devido a esta composição, reflexo da própria sociedade brasileira, que Freyre diz ser o estilo de se jogar futebol no Brasil diferente do estilo europeu. Elementos característicos presentes na sociedade, advindos de outras culturas, são os principais diferenciais do futebol brasileiro, como a surpresa, a manha, a ligeireza, a astúcia e a espontaneidade individual, que Freyre compara ao estilo de Nilo Peçanha, primeiro mulato presidente do Brasil, de governar.

Este artigo pode ser dito fundador da ideia que se tem do futebol praticado no Brasil pois Freyre (1938) afirma que o estilo brasileiro é uma maneira inconfundível de praticar o esporte. Ele o compara à forma europeia, fazendo menção às classificações de **dionisiaco** e **apolíneo**, em referência aos deuses Apolo e Dionísio, figuras da mitologia grega, e às classificações propostas por Nietzsche em *O Nascimento da Tragédia, ou Helenismo e Pessimismo*. O estilo brasileiro, dionisiaco, não se limitaria ao método técnico, sendo caracterizado pelo floreio e pelo improvisado, ganhando liberdade para ostentar talentos individuais, enquanto o estilo europeu, apolíneo, tentaria eliminar estes elementos em benefício da técnica científica. E nesta descrição entre ambos os estilos é que Freyre (1938) compara, pela primeira vez, o futebol brasileiro a uma arte. Rosenfeld (1993), assim como Freyre, também relaciona o futebol brasileiro a traços de celebrações como as *saturnálias* romanas primitivas, em que eram suspensas as diferenças de nível social, ou à festa da primavera sumeriana, ligada à soberania múltipla de um rei saído do povo.

Em relação à comparação de latinos e europeus a respeito de seus estilos de jogo, Pasolini (2005) faz uma interessante contribuição comparando cada um a formas literárias: prosa e poesia. Segundo o cineasta, poeta e escritor italiano, a partir do momento em que um sistema de signos não precisa necessariamente ser formado por palavras, abrindo a possibilidade de um conjunto composto por gestos ou movimentos, o futebol pode, por sua vez, ser considerado um sistema de signos, já que possui todas as características fundamentais de linguagem. Para justificar o fato apontado, Pasolini (2005) menciona os fonemas, unidade mínimas da língua falada-escrita, considerando que, no caso do futebol, a unidade mínima seria um homem que chuta uma bola, o que ele chama de “podema”. Dessa forma, as infinitas combinações destas unidades formariam as “palavras futebolísticas”, que corresponderiam ao passe de bola entre os jogadores e que, por sua vez, formariam o “discurso” do futebol. Enquanto os “podemas” citados pelo autor tem número determinado, as “palavras

futebolísticas” são infinitas, já que há incontáveis possibilidades de combinações. Ainda nesta comparação com a linguagem falada-escrita, o autor considera que os jogadores fazem o papel de cifradores, enquanto a torcida atua como os decifradores, existindo assim um código comum entre eles.

Pasolini (2005) cria esta fundamentação embasada na comparação do futebol com a linguagem para demonstrar que, assim como a fala e a escrita, este esporte possui uma certa articulação, fazendo com que alguns atletas, ou mesmo seleções inteiras, sejam reconhecidos por um “discurso” prosaico enquanto outras são tidas como poéticas. Sem atribuir qualquer valor a uma ou outra forma, o autor classifica alguns momentos durante o jogo como essencialmente poéticos, como o gol ou os dribles, e devido a isso, o futebol praticado pela seleção brasileira poderia se aproximar da forma “poética” a que ele se refere, já que ele a vê como um conjunto dos “melhores dribladores do mundo e os melhores fazedores de gol”. Já em relação ao futebol prosaico, Pasolini (2005) o descreve como um jogo baseado na coletividade e na organização, que ele relaciona ao estilo europeu de praticar este esporte, apontando que mesmo havendo um momento poético, no caso o gol, ele é derivado da organização do jogo coletivo e executado segundo as regras do código.

O futebol de poesia é o latino-americano. Esquema que, para ser realizado, demanda uma capacidade monstruosa de driblar (coisa que na Europa é esnobada em nome da “prosa coletiva”): nele, o gol pode ser inventado por qualquer um e de qualquer posição. Se o drible e o gol são o momento individualista-poético do futebol, o futebol brasileiro é, portanto, um futebol de poesia. (PASOLINI, 2005)

Sobre esta dicotomia entre os estilos de futebol, Freyre (1938) a estende para a sociedade, mostrando que enquanto a europeia prima pela estandardização, pela ordenação interna e externa, a brasileira tende a uma maior flexibilidade. Assim também Pefferkorn (1954 apud MARQUES, 2012) acredita que, enquanto o futebol inglês é rude e atlético, o futebol sul-americano é pleno de técnica e virtuosidade, e mais especificamente, o futebol brasileiro seria a busca da performance teatral. De certa forma, o futebol brasileiro é mais admirado pela não-busca do gol, ou seja, os elementos pelos quais ele é valorizado seriam “o esforço sem funcionalidade, o deleite e o desperdício, o prazer e o erotismo do drible como atividade lúdica, a transgressão do útil [...]” (MARQUES, 2012, p. 54).

Em seu ensaio intitulado *Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro*, contido no livro *Universo do Futebol*, DaMatta (1982) também fala sobre as principais diferenças entre o futebol inglês e americano em contraste com o que é praticado no Brasil.

Segundo o autor, enquanto para ingleses e americanos o *football*, o *tennis*, entre outras modalidades, são vistos como *sports*, no Brasil a palavra **futebol** aparece relacionada ao qualificativo **jogo**. Isso denotaria duas ideias: no Brasil, a palavra jogo faz referência também ao “jogo de azar”, enquanto nos Estados Unidos a expressão é bastante distanciada da noção de sport (compreendida pela palavra *gamble*); além disso, a definição consagrada pelo Dicionário Oxford sobre o termo *sport* o relaciona à competição, à técnica e à força, e por último lugar, à sorte. Um exemplo disso seria a relação entre esporte e loteria que existe no Brasil, que proporciona grandes montantes de dinheiro como prêmio para aqueles que acertarem os resultados das partidas: vários “jogos” de futebol disputados ao mesmo tempo em planos diferentes.

Parece, pois, que nos Estados Unidos e na Inglaterra, o domínio do esporte tem muito a ver com um realce no controle do físico e na coordenação de indivíduos para formar uma coletividade. Tudo, enfim, que conduz a uma luta pelo controle do mundo exterior ou do que vem de fora. Ao passo que, no Brasil, o esporte é vivido e concebido como um **jogo**. É uma atividade que requer táticas, força, determinação psicológica e física, habilidade técnica, mas **também** depende das forças incontroláveis da sorte e do destino. (DAMATTA, 1982, p. 25)

É interessante notar, ainda, na obra de Freyre (1938) que, ao longo de seu texto, o autor procura destacar no futebol brasileiro a característica de se permitir um maior destaque à individualidade, o que seria uma possível contradição, uma vez que se trata de um esporte praticado em coletividade. O autor afirma que a possibilidade de se enxergar a beleza individual no talento de cada jogador é um dos maiores trunfos do estilo brasileiro, ao mesmo tempo em que aponta o sistema mais colaborativo dos europeus como um defeito. O fato é que os elementos característicos, e que dariam maior valor ao futebol praticado no Brasil, podem ser percebidos com maior facilidade nas jogadas individuais de seus craques.

DaMatta (1982) também aborda este assunto dizendo que enquanto na Inglaterra e nos Estados Unidos o futebol, visto como esporte, tem a função de unificar e trazer a noção de coletividade em nações que são marcadas pelo individualismo, introduzindo conceitos como o *fair play* e a camaradagem, no Brasil ele é vivido como um jogo e isso o torna uma fonte de individualismo, sendo distinguido da prática europeia justamente pela improvisação e individualidade. “[...] é dentro de um time de futebol que um membro dessa massa anônima e desconhecida pode tornar-se uma estrela e assim ganhar o centro das atenções como pessoa, como uma personalidade singular, insubstituível e capaz de despertar atenções” (DAMATTA, 1982, p.27).

Voltando ao texto de Freyre (1938), ele ainda faz referência a outro elemento típico da cultura africana que influenciou não só a sociedade brasileira, mas também seu futebol: a capoeiragem. Este costume, segundo ele, fez com que o futebol “anguloso” dos ingleses, ou dos europeus em geral, tenha se tornado mais “arredondado” aos pés dos brasileiros. O autor releva, assim, a intensa mescla cultural, resultado de influências advindas de outras culturas – não só europeias, mas também ameríndias e africanas – encontradas na sociedade brasileira.

A respeito disso, DaMatta (1994) também comenta sobre a valorização que o futebol recebeu no Brasil por se tratar, assim como a capoeira, de um esporte praticado principalmente com a parte inferior do corpo: pés, pernas, quadris e cintura. Tais partes da anatomia humana seriam alvo de simbolismos e apreciação, e justamente através da atuação individual dos jogadores é que elas ficariam mais aparentes. Além disso, por ser jogado com os pés, o futebol torna-se menos previsível, o que agregaria a ele ideias de sorte, destino, predestinação, remetendo imediatamente a noções de religião e transcendência, esferas às quais os brasileiros estão profundamente ligados. O autor ainda fala sobre a expressão “jogo de cintura”, que seria derivada do uso desta parte do corpo, para designar uma das qualidades do jogador de futebol brasileiro, ou seja, sua destreza e excepcional habilidade nos movimentos do corpo e pernas, criando um jogo artístico.

As primeiras noções sobre o “futebol arte”, inauguradas por Freyre, sobre a diferenciação do estilo brasileiro em relação àquele praticado por jogadores de outras nacionalidades foram reproduzidos em texto veiculado em um meio de comunicação de massa, o que pode ter colaborado para sua propagação. Mais tarde, o autor dará mais uma contribuição importante acerca de sua visão sobre o futebol brasileiro e suas influências: trata-se do prefácio escrito para a primeira edição do livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho, publicado em 1947. Neste prefácio, que leva o mesmo título do livro no qual está inserido, Freyre (2003) diz que atividades típicas dos escravos africanos no Brasil, como a capoeira e o samba, estão nitidamente presentes na sociedade brasileira e, conseqüentemente, em seu futebol. Ainda segundo ele, o futebol, assim como outras oportunidades para feitos heroicos, como o serviço militar, acumula as energias psíquicas e os impulsos irracionais do homem brasileiro, que busca sublimação. Segundo ele, o futebol

[...] tornou-se o meio de expressão, moral e socialmente aprovado pela nossa gente – pelo Governo, pela Igreja, pela Opinião Pública, pelo Belo Sexo, pela Imprensa – de energias psíquicas e de impulsos irracionais que sem o desenvolvimento do futebol – ou de algum equivalente do futebol – na verdadeira instituição nacional que é hoje, entre nós, teriam provavelmente assumido formas de expressão

violentamente contrárias à moralidade dominante em nosso meio.  
(FREYRE, 2003, p. 24)

Quando jogado pela elite branca, o futebol era algo extremamente alheio à sociedade brasileira, sendo incorporado a ela e transformado em referencial de nacionalidade somente quando começou a permitir a entrada e, conseqüentemente, a influência dos negros e mulatos. Não só o prefácio de Freyre em *O Negro no Futebol Brasileiro*, mas o livro de Mario Filho como um todo, procura apresentar o futebol como atividade que desempenhou uma participação decisiva na chamada “democratização racial” e na construção do sentido de nação. Mario Filho descreve em sua obra, quase como escrevendo a história do desenrolar do futebol no Brasil, todos os caminhos percorridos pelos jogadores negros até atingirem o devido prestígio no esporte, desde a passagem de alguns por times europeus, como Leônidas da Silva, até as dificuldades encontradas por Gentil Cardoso na direção do Bonsucesso. Embora não se trate de um livro acadêmico, tendo sido baseado em relatos orais e notícias de jornal, a obra de Mario Filho tem sido adotada por diversos sociólogos justamente por apresentar a história do futebol brasileiro de forma prosaica, quase poética, assim como ela aconteceu: com impasses e reviravoltas significativas. Diferente de outras obras que tratam do mesmo tema, *O Negro no Futebol Brasileiro* trata de questões como o futebol inserindo-se na formação social brasileira e a reprodução da estrutura social no esporte, possuindo duas vertentes: a da discriminação racial e da abertura da possibilidade de ascensão social pelos menos favorecidos através do futebol. Segundo Teixeira (2009, p. 179), o livro de Mário Filho trata-se de “[...] um lirismo a serviço do tema, querendo mostrar por meio do texto que a coisa mais importante do esporte em tela é o ritmo e, dentro do ritmo, as sincopas inesperadas, os compassos despedaçados. Nada de marcha batida: a vida nos gramados do futebol é bem mais complexa”. Gastaldo (2003) diz que o livro *O Negro no Futebol Brasileiro* recebeu uma grande influência da obra de Gilberto Freyre, autor do prefácio à primeira edição, apresentando uma versão quase romantizada sobre os jogadores negros da seleção brasileira de futebol contra a elite branca e racista do esporte. Segundo Gastaldo (2003), Mario Filho teria a intenção de apresentar em seu livro como o futebol no Brasil se tornou o famoso **futebol brasileiro** após a integração dos jogadores negros e de aspectos de sua cultura. No entanto, Gastaldo (2003) reconhece que a visão sobre o “futebol arte” é motivo de questionamento pela academia. “O livro de Mário Filho [...] veio a se tornar parte de um discurso dominante sobre o futebol no Brasil, embora não seja isento de questionamentos no campo acadêmico” (GASTALDO, 2003, p. 4).

O pensador alemão Anatol Rosenfeld (1993) também discorre sobre a influência dos negros, dizendo que ela se deve ao fato de que, embora o futebol tenha surgido no Brasil como uma modalidade esportiva elitista, que priorizava a prática pela parte caucasiana da população, ao se tornar um esporte popular a toda ela, anos após a abolição da escravatura, ele foi visto pelos negros como uma fuga à ascensão social.

O jogador de futebol lhes pertencia; compreendiam-no, seu chute era o deles. Na medida em que começou a se comprovar o mesmo valor dos jogadores de raça negra – a princípio posto em dúvida pelo próprio homem de cor – cresceu simultaneamente a autoconsciência das massas e elas começaram a sentir o jogador negro ou mulato como seu representante (ROSENFELD, 1993, p. 99)

Rosenfeld (1993) diz que foi através do futebol, na medida em que ele se popularizava, que os setores mais excluídos da sociedade, como os trabalhadores e os afrodescendentes, conseguiam se equiparar à elite, em equipes quase sempre formadas em sua maioria por estudantes de medicina e direito. Através do jogo, esta camada da sociedade foi lançada às primeiras divisões dos campeonatos de futebol, o que contribuiu para o mesmo movimento em relação a sua posição social; é justamente conforme o futebol vai perdendo o prestígio social que tinha que ele começa a se tornar um esporte verdadeiramente popular e característico da cultura brasileira. O autor ainda cita uma série de possibilidades que explicariam o fato dos jogadores negros, mulatos e brancos pobres possuírem uma maior habilidade na prática do futebol e, conseqüentemente, atraírem a atenção dos clubes, que precisavam agradar as torcidas, que aumentavam a cada dia, com partidas de qualidade (o que foi um dos “estopins” para a profissionalização do esporte no Brasil):

[...] seja porque os ajudava um talento natural, seja porque a “sucção da subida” e o remoinho das chances do futebol os envolvia e canalizava, seja porque eles, que não eram estudantes de medicina ou direito e frequentemente não tinham uma profissão, podiam lançar toda sua paixão no jogo; em suma, porque levavam o jogo a sério e “não tinham nada a perder.” (ROSENFELD, 1993, p. 84)

Lopes (1998), assim como Rosenfeld e Freyre, destaca a intensa influência advinda da mescla de culturas presentes no futebol brasileiro, mostrando que paradoxalmente a sua chegada ao Brasil, trazido por jovens da elite local que frequentavam colégios europeus, ele foi marcado pela entrada de classes sociais, que possibilitaram levar o esporte do amadorismo ao profissionalismo. No entanto, o autor reconhece que, embora o futebol no Brasil seja

caracterizado pelos dribles e malabarismo, ele está em constante tensão com táticas impostas por profissionais do esporte que privilegiam o estilo europeu, dito mais defensivo.

Freyre (2003) também tece comentários sobre os diversos setores da sociedade brasileira, de interesses distintos, que aceitaram o futebol como uma forma de “escape” para os instintos primitivos humanos, como se os indivíduos que a compõem pudessem aproximar-se do “animalesco” caso o futebol não lhes tivesse garantido uma evolução. Ele cita exemplos do que poderia ter acontecido, como o desenvolvimento do cangaço, a capoeira como arte criminosa e o samba mantendo-se primitivamente africano. Mas o mais importante, e que caracteriza a visão que Freyre tem a respeito das características do futebol brasileiro, é quando ele cita que sem o florescer deste esporte no Brasil a malandragem no país teria se conservado como “inteiramente um mal ou uma inconveniência” (FREYRE, 2003, p. 25). Através deste posicionamento, fica claro perceber que, para ele, a malandragem no futebol brasileiro é mais uma qualidade do que um defeito, algo que torna essa prática característica, e mais, que justifica os atos do malandro.

Rosenfeld (1993) também fala a respeito do caráter de sublimação que o futebol representa para a sociedade brasileira. O autor diz que o futebol, enquanto forma de expressão, funciona também como forma de libertação, seu formato lúdico expressa a descarga de instintos moldada e cultivada por estritas disciplina e convenção, mas refinada pela forma quase artística de se lidar com a bola. O próprio fato da transgressão às regras seria uma prova de tais instintos, fazendo do futebol uma maneira de representar energias primitivas e destruidoras de forma organizada, e é exatamente isto que garante a característica de espetáculo a este esporte. “Assim, o futebol leva a uma catarse das massas, a uma descarga do ser animal [...] e uma sublimação de tensões que [...] contam, no Brasil, com uma abundância extraordinária de pontos de cristalização e de condensação” (ROSENFELD, 1993, p. 106).

Ainda sobre este assunto, DaMatta (1982) diz que a malandragem no futebol brasileiro parte do princípio de que é melhor livrar-se do adversário com um jogo de corpo do que enfrentá-lo diretamente. Enquanto o futebol estrangeiro, principalmente o europeu, é marcado pelo uso da força física, da capacidade muscular, da falta de improvisação e do controle individual de bola dos jogadores, o estilo brasileiro caracteriza-se pela provocação, causando confusão e fascínio em seus adversários. Um exemplo de como a característica da malandragem é presente não somente no futebol, mas na sociedade brasileira como um todo, é a menção que o autor faz em seu artigo *Antropologia do Óbvio* justificando essa intensa integração entre ambos, citando um ditado antigo que dizia existir apenas três coisas que seriam levadas a sério pelos brasileiros: a cachaça, o jogo do bicho e o futebol. Pode-se perceber que a própria

sociedade entende que uma certa displicência é qualidade marcante do futebol praticado no país, já que, através do ditado, o compara a uma bebida alcoólica (que pode levar a entender uma prática negativa, como o alcoolismo) e a uma atividade ilegal, como o jogo do bicho. Gastaldo (2002) ainda relembra que esta influência da malandragem no futebol é derivada de um passado místico da cultura brasileira, compreendido entre os anos 30 e 40, que consagrou a figura do malandro quase como um herói.

Freyre (1938) afirma ainda em seu prefácio que o futebol se desenvolveu no Brasil não como qualquer outro esporte, mas sim como uma instituição brasileira, que foi capaz de sublimar os instintos irracionais que ele cita anteriormente, dizendo que os hábitos como a capoeira e o samba estão nitidamente presentes no estilo brasileiro de jogar futebol. “[...] o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisiacas que é” (FREYRE, 2003, p. 25). O autor ainda aponta como o futebol foi importante para a ascensão social do negro no Brasil, graças a suas características e a jogadores talentosos.

Máximo (1999), assim como Freyre, compartilha a ideia do futebol brasileiro como “futebol arte”, dizendo que existem diversos fatos que justificam este título, como a quantidade incomparável de títulos mundiais ganhos pela seleção brasileira, o número de craques brasileiros que atuaram no país ou mesmo no exterior, a presença constante da equipe brasileira em Copas do Mundo e o respeito e admiração pelo qual nosso futebol é reconhecido. O autor alega que mesmo o mercado milionário e global em que o esporte se transformou não seria o mesmo sem a influência do futebol brasileiro.

José Miguel Wisnik (2008) também faz uma análise da sociedade brasileira, baseada principalmente nos conceitos descritos sobre ela nas obras machadianas, dizendo que tal sociedade teria traços de profundo descompromisso e imaturidade ou poderia ser a mais adiantada ou mais infantil das civilizações, ou seja, ela estaria compreendida “entre o Brasil remédio universal e o Brasil veneno de si mesmo [...]” (WISNIK, 2008, p. 170). O autor fala sobre este assunto para, finalmente, chegar à conclusão de que o futebol no século XX exemplificaria perfeitamente esta síndrome brasileira, como ele mesmo a classifica, que oscila entre uma ambição de máxima grandeza e uma impotência infantil. Ainda segundo ele, o futebol ofereceu à sociedade uma forma de balancear a busca por uma civilização avançada, combinada às gratificações infantis obtidas, por tratar-se de uma atividade que se aproxima do lúdico.

[...] o jogo admite as demandas infantis que estão na base da compulsão ao brinquedo de bola (congenitamente avessa, por sua vez, ao universo

da *obrigação*), ao mesmo tempo em que exige maturação e senso de responsabilidade, sem o qual a disputa não se sustenta. (WISNIK, 2008, p. 172)

Para Wisnik (2008), embora o futebol brasileiro seja comparado à arte, ele se diferencia dela à medida em que não pode esconder suas imperfeições, ou seja, o rascunho não pode ser separado da obra prima; no mesmo lugar onde acontecem passes desconcertantes e belas jogadas, podem acontecer também diversos erros. Ao mesmo tempo, o autor atenta para a beleza do jogo em contraposição à “violência” da prática, ou seja, o “futebol arte” contraposto ao futebol-rivalidade. Isto daria ao esporte um ar mais cético, deixando de ser comparado somente à arte, e sendo analisado de forma equilibrada e crítica.

Por fim, Wisnik (2008) afirma que não tem a intenção de reconhecer as firulas e jogadas do futebol brasileiro como uma indicação de que ele se aproximaria da arte, mas sim observá-los de forma a entender como a cultura do Brasil penetrou neste esporte.

[...] em vez de dizer que o Brasil se faz reconhecer pelo seu poderio futebolístico mas não pelas coisas de fato importantes, é o caso de reconhecer que talvez seja difícil alguma coisa ‘de fato importante’ acontecer se não formos sequer capazes de compreender o sentido da importância que o futebol ganhou no Brasil. (WISNIK, 2008, p. 403)

Em seu livro *Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*, Édison Gastaldo (2002) também se refere à obra de Freyre como uma forma de **integração das diferenças**, constituindo assim a identidade nacional. Ainda segundo o autor, a interpretação freyreana foi tão incorporada na cultura brasileira que os desdobramentos de suas ideias se encontram entre os principais elementos que enfatizam a afirmação da nacionalidade nas publicidades referentes à Copa do Mundo.

Gastaldo (2002) lembra que a teoria proposta por Freyre ficou conhecida pelo “mito das três raças”, que considerava a formação do povo brasileiro como um conjunto de influências culturais dos portugueses (brancos), dos africanos (negros) e dos índios autóctones. Tal teoria teria sido apropriada pelo Estado Novo de Vargas, sendo considerada até os dias atuais como a interpretação oficial da cultura brasileira. Desta forma, o **ser brasileiro** seria o resultado de uma mistura de raças, sendo essencialmente tolerante já que é produto da integração de diferenças, característica que está refletida em manifestações como a religiosidade, o carnaval e o futebol. Ainda segundo Gastaldo (2002), o discurso ideológico formado sobre o **ser brasileiro** teria sido apropriado pela publicidade, podendo ser encontrados diversos exemplos de peças publicitárias que utilizam a mistura racial e a integração de diferentes nacionalidades como tema.

A visão do “futebol arte”, retratada neste subcapítulo, parece valorizar o futebol justamente pelo não jogo. São principalmente os lances e jogadas que não possuem finalidade nenhuma além da plasticidade do movimento que encantam as torcidas e caracterizam o futebol brasileiro da forma como ele costuma ser lembrado. Pouco importa se o time ganhará com um gol de diferença no placar final ou mais, o que é relevante nas partidas, segundo os partidários do “futebol arte”, são os dribles, a ginga, a malandragem desempenhada por cada jogador. E tais características ficaram tão marcadas no imaginário brasileiro que, muitas vezes, se sobrepõem ao senso crítico, fazendo com que seja consenso que ainda hoje o futebol brasileiro, dito “futebol arte”, é o grande símbolo da identidade nacional do país. A seguir, serão abordadas as formas que possibilitaram que este esporte tenha se tornado uma manifestação unificadora da sociedade brasileira como nação.

### 2.3 Construção da Identidade Nacional

Talvez porque o país tivesse tão pouco do que se orgulhar, o futebol converteu-se num equivocado meio de afirmação nacional. Ganhar uma Copa do Mundo passou a ser [...] uma espécie de termômetro: era isso que iria dizer se éramos ou não uma grande nação. (MÁXIMO, 1999, p. 186)

Como visto anteriormente, o futebol no Brasil recebeu diversas influências da sociedade, que por sua vez era composta por diferentes culturas que emprestaram seus traços mais marcantes ao esporte. Pode-se dizer que houve também uma influência no sentido contrário, ou seja, o futebol também influenciou a sociedade brasileira, principalmente no que diz respeito a sua identidade nacional.

Pode-se dizer que o futebol no Brasil se desenvolveu como uma “tradição inventada”, segundo os conceitos de Eric Hobsbawm (1997). De acordo com o autor, este termo pode significar tanto tradições realmente inventadas, mas construídas de forma institucionalizada, quanto aquelas que surgem em um período determinado do tempo e se estabelecem com rapidez. Hobsbawm (1997) descreve a tradição inventada como um “conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (HOBBSAWM, 1997, p. 9). Desta forma, percebe-se que a admiração do brasileiro pelo futebol trata-se de uma tradição inventada principalmente por sua característica histórica e pela rapidez com que se tornou uma manifestação de identificação social.

Para Hobsbawn (1997), a **tradição** se difere do **costume** por se tratar de algo invariável, ou seja, enquanto os costumes de um grupo social podem sofrer adaptações ao decorrer dos tempos, as tradições se mantêm fixas, de acordo com passado a que se referem. Quando aplicados ao futebol no Brasil, estes termos poderiam ser explicados da seguinte forma: o costume seria a forma do brasileiro incluir o futebol no seu cotidiano, que muda de acordo com as circunstâncias da sociedade, seja com as peladas na rua, acompanhando os jogos pela TV ou qualquer forma de interagir com este esporte; já a tradição faria referência à forma como o futebol foi historicamente incutido na identidade do “ser brasileiro”, assim como o samba e a figura do malandro.

A invenção de certas tradições acontece, segundo Hobsbawn (1997) quando uma tradição se torna “velha”, ultrapassada demais para a realidade atual de uma sociedade. Neste caso, pode-se pensar que a tradição do futebol no Brasil surgiu quando a divisão social existente entre as elites e o restante da população começa a entrar em decadência, e o esporte se apresenta às camadas menos favorecidas como forma de ascensão social.

DaMatta (1994) também aborda a relação do futebol com a sociedade, dizendo que ele tem servido como um espaço de dramatização dos aspectos da sociedade brasileira. O autor justifica esta afirmação dizendo que este esporte se trata de um código de interação social, auxiliando que a sociedade, altamente dividida internamente possa se afirmar como uma coletividade capaz de atuar coordenadamente. Além disso, o futebol teria a capacidade de proporcionar às camadas menos favorecidas a sensação da vitória, do êxito, do “sucesso” que poucos podem experimentar. Por fim, o futebol pode, ainda, prover à sociedade a experiência da igualdade e da justiça social, já que suas atividades são balizadas por regras simples e conhecidas por todos, reafirmando que o melhor e mais capaz dos oponentes é que vai vencer, sem nenhum tipo de interferência externa aos objetivos do jogo, mostrando que a união de talento e desempenho é que vai definir o resultado. Mais do que isso: diferentemente das experiências políticas vivenciadas pela sociedade ao decorrer dos anos, o futebol permite compreender que existe uma alternância entre vencedores e perdedores, sem a possibilidade de “golpes”. “[...] é precisamente por ter essa capacidade de juntar o formal com o informal, as leis com a realidade que, no Brasil – e, de resto, em todo o chamado Terceiro Mundo -, o futebol se transformou num campo imbatível de todo tipo de emoções” (DAMATTA, 1994, p. 17).

DaMatta afirma que no caso do Brasil, foi o futebol que possibilitou ao povo mais acesso aos símbolos nacionais, como a bandeira, o hino e as cores características do país; elementos antes pertencentes somente a uma elite restrita e aos militares. O autor ainda acredita que o

futebol permite um maior senso de patriotismo, possibilitando amar a pátria independentemente do que a elite prega sobre as potências americanas e europeias.

Foi, portanto, só com o futebol que conseguimos, no Brasil, somar Estado nacional e sociedade. E, assim fazendo, sentir, [...] a confiança na nossa capacidade como povo criativo e generoso. Povo que podia vencer como país moderno, que podia, também, finalmente, cantar com orgulho o seu hino, e perder-se emocionado dentro do campo verde da bandeira nacional. (DAMATTA, 1994, p. 17)

Vogel (1982) também descreve a importância do futebol na identidade nacional brasileira ao dizer que o torcedor possui um lugar de destaque na sociedade. Assim como nome, religião e outros costumes, o futebol é algo praticamente herdado para os cidadãos brasileiros, já que logo no início de suas vidas são cobrados sobre a escolha do time que irão torcer. A dimensão que este esporte ocupa socialmente pode ser percebida quando se leva em conta o espaço destinado a ele nas interações sociais. Além de ser um dos temas preferenciais das conversas entre amigos ou mesmo desconhecidos, através dele podem ser reveladas afinidades ou discordâncias. “Dos colunáveis aos frequentadores de botequim, o futebol tece uma intrincada rede de relações” (VOGEL, 1982, p. 78). O autor conclui dizendo que este esporte teria aberto uma via de acesso para a compreensão da imaginação e da realidade social brasileira, já que a identidade nacional tem no futebol uma estratégia de manipulação e definição, contribuindo para a socialização dos brasileiros no que diz respeito a sua cultura e a noções de hierarquia e igualdade.

Maranhão (2006) também fala a respeito do papel do futebol na construção da identidade nacional brasileira. Segundo ele, o futebol pode ser visto como “[...] um sentimento nacionalista que devia ser primeiro criado, depois transmitido ao senso comum” (MARANHÃO, 2006, p. 448). O autor alega que este esporte se trata de um aglutinador de emoções, especialmente no Brasil, o que faria parte do espírito de nacionalidade. Sempre durante competições mundiais do esporte é que se torna claro as avaliações a respeito do desempenho da seleção brasileira de acordo com a ideia de que se tem do “ser brasileiro”, quer o resultado seja positivo, quer seja negativo. Gastaldo (2002) também considera que a competição mundial de futebol representa, para os brasileiros, um momento de celebração muito mais verdadeiramente nacional do que o dia 7 de setembro, em que oficialmente se comemora a Independência do Brasil, marcado por desfiles de carros de combate, assemelhando-se muito mais à época da Ditadura Militar do que ao senso de nacionalismo do país. A Copa do Mundo teria essa característica já que remete a um ideal de nacionalidade

triumfante, ou seja, uma competição internacional em que o Brasil é reconhecido como um dos melhores participantes, mesmo quando não vence.

De acordo com o posicionamento dos autores citados anteriormente, é inegável o fato de que o futebol tem ocupado um espaço cada vez maior no cotidiano da população brasileira com o passar do tempo, tornando-se um dos elementos que caracteriza o “ser brasileiro”. No entanto, muito da relação entre a identidade nacional com este esporte se deve ao fato da política ter percebido a influência que ele começava a desempenhar sobre os hábitos sociais e ter se utilizado dele como forma de criar uma unidade social. Para Vogel (1982) seria justamente por este motivo que alguns observam o esporte como “o ópio das massas populares”, já que ele seria um elemento de fácil manipulação utilizado pelos poderosos para controlar os menos favorecidos, devido às paixões ligadas a ele. Segundo Máximo (1999), o futebol era um “brinquedo levado muito a sério” que foi constantemente utilizado pela política como forma de representação social e unidade nacional.

No início dos anos 1920, o bom desempenho dos jogadores e a massificação do futebol brasileiro são incorporados nas narrativas a respeito de questões de nacionalidade (SOARES; LOVISOLO, 2003). Ainda em 1921, no período em que o futebol ainda sofria interferências do extremo racismo da sociedade, quando a seleção brasileira se preparava para disputar o Campeonato Sul-Americano em Buenos Aires, o então Presidente da República Epitácio Pessoa teria recomendado aos dirigentes que levassem apenas jogadores brancos, excluindo os atletas negros e mulatos. Como justificativa, ele dizia que o Brasil deveria ser representado no cenário internacional por sua “melhor sociedade”. Apesar do teor preconceituoso dos motivos relatados pelo Presidente, cabe notar que já se percebia, pela política, o futebol como uma forma de projetar a imagem nacional no exterior (MÁXIMO, 1999). No entanto, Epitácio Pessoa não foi o primeiro a perceber o potencial de representação diplomática do futebol, e nem seria o último.

Já nos anos 1930, o futebol legitima-se como expressão da nacionalidade, através de narrativas como as citadas anteriormente, de autores como Mário Filho e Gilberto Freyre, e do maior espaço dedicado a ele na imprensa. Então Presidente da República neste período, um dos principais objetivos de Getúlio Vargas durante seu governo era superar a falta do sentimento de pertença nacional dos habitantes do Brasil, em decorrência ao alto número de imigrantes que chegaram ao país em decorrência de políticas de incentivo à imigração ocorridas nos governos anteriores. Tais imigrantes ainda possuíam laços muito fortes com sua “terra natal”, não se identificando com o ambiente brasileiro. Além disso, a parcela afrodescendente da população ainda era marginalizada pelas elites e sua integração social era uma responsabilidade governamental (MARANHÃO, 2006).

Intrigado pela comoção causada pela derrota sofrida pela seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938, e que tirava o time da competição, Vargas começa a perceber o potencial do futebol para mobilizar e unificar a sociedade brasileira. Antes disso, o então Presidente já se preocupava com questões do tipo, preocupando-se em manter contato direto com os jogadores e a comissão técnica, recebendo-os em 1934 às vésperas de viajarem para a disputa da Copa do Mundo na Itália, apontando o dever cívico que eles desempenhariam no exterior (FRANZINI, 2000) e, posteriormente, discutindo questões relacionadas ao esporte em seu gabinete a partir de 1936. No ano seguinte, após presenciar a possibilidade de estremecimento das relações entre Brasil e Argentina após uma partida de futebol disputada pelos dois países em Buenos Aires, ele percebe o poder social que tal esporte possuía. No entanto, foi durante o Mundial de 1938 que sua percepção se concretiza. “Ao registrar as impressões causadas por cada um dos jogos brasileiros naquela Copa do Mundo, Getúlio mostrava-se atento para o grande potencial articulador do futebol: revelando-se capaz de levantar paixões e ódios, ele assumia a força motriz da nacionalidade” (PEREIRA, 2000, p. 14).

O fato é que a Copa de 1938 permitiu que se percebesse a unidade causada pelo futebol, ao tornar-se um elemento comum a pessoas originadas de diferentes localidades e esferas sociais. Campanhas como a do “selo pró-seleção” incentivavam a população do país a auxiliar o *scratch* dizendo ser este um dever de todo brasileiro (FRANZINI, 2000). Além da nacionalização do próprio esporte, o sentimento causado pela participação da seleção brasileira na competição começava a transformar o futebol em um dos maiores símbolos da brasilidade. Tendo tomado uma dimensão incomum até então, as emoções que afloraram nos cidadãos brasileiros durante o mundial consolidaram o sentimento que, atualmente, é natural ao se ver o país representado por grandes jogadores, como Pelé ou Ronaldo (PEREIRA, 2000).

Concretizava-se então a ligação entre o nacionalismo do Estado e o sentimento da população, com constantes referências a Getúlio e aos interesses do país, e culminando com a escolha da filha de Vargas como madrinha da equipe que iria disputar a competição. “Os jogadores constituíam uma embaixada brasileira, da qual se esperava o mesmo que então se exigia de cada cidadão comum: coragem, disciplina, patriotismo acima de tudo. Eram estes os ingredientes que alimentavam o sonho de fazer do Brasil tanto uma grande nação quanto campeão do mundo de futebol” (FRANZINI, 2000, p. 53). Com a empolgação provocada pela participação da seleção brasileira no mundial 1938 e a comoção com o terceiro lugar para uma equipe que, segundo muitos, merecia o primeiro, Vargas utiliza a unidade causada pelo futebol para criar certa identificação nacional na sociedade, colocando até mesmo alto-falantes nas ruas para que todos os cidadãos fossem capazes de acompanhar as partidas. Maranhão (2006) atenta

ainda ao fato de que a intensa divulgação da Copa de 1938 promovida por Getúlio Vargas para criar certa identificação nacional com a seleção colaborou para que a visão de Freyre sobre o futebol brasileiro fosse difundida. “Os seres humanos de uma comunidade sentem que estão relacionados entre si porque partilham um totem. E a partir de 1938 o ‘totem’ dos brasileiros passa a ser a seleção de futebol [...]” (MARANHÃO, 2006, p. 442).

No entanto, segundo Máximo (1999), o período em que política e futebol estiveram mais próximos foi aquele que se seguiu após o tricampeonato conquistado na Copa do Mundo de 1970. Nesta edição da competição, a seleção brasileira vinha de uma eliminação precoce, ocorrida em 1966, e buscava a, até então, inédita terceira vitória no mundial; feito que nenhuma das nações participantes havia realizado. Por este motivo, o governo militar tomou a decisão de cuidar da estratégia de preparação dos jogadores para que o “fiasco” 1966 não ocorresse novamente. As relações entre questões políticas e o futebol foram mais estreitadas assim que Emílio Garrastazu Médici chegou à presidência do Brasil determinando que militares se responsabilizassem pelo planejamento do preparo físico e tático dos jogadores (MARQUES; USHINOHAMA, 2014).

Esse estreitamento acabou, inclusive, gerando um certo desconforto na população, que se dividiu entre os que apoiavam a seleção por amor ao futebol e os que torciam por seu insucesso, por serem avessos à ditadura. Além disso, surgiram críticas a respeito da tentativa de utilizar os moldes do futebol europeu “engessando” o talento nato do futebol brasileiro. Talvez por isso tenha se construído um imaginário sobre esta seleção de 1970 em que predomina o discurso sobre a vitória do “futebol arte” brasileiro, excluindo-se quase que por completo as informações sobre a intensa preparação técnica a que os jogadores foram submetidos no período que antecedeu a Copa daquele ano; assunto que será abordado com maior profundidade no item seguinte.

## **2.4 O discurso atual da academia sobre o futebol brasileiro**

Como visto nos itens anteriores, o futebol popularizou-se no Brasil ao ponto de tornar-se característico do país e parte fundamental da identidade nacional da população. Além de receber novas influências advindas da heterogeneidade presente na sociedade brasileira, especialmente da parcela afrodescendente, ele foi comparado a uma arte, graças ao talento dos jogadores e a forma como eles praticavam este esporte. Tamanho foi o impacto do futebol na vida dos brasileiros que a paixão causada aos poucos por este esporte foi utilizada até mesmo por outras esferas sociais, como a política, para estimular a unidade e o patriotismo da população. No entanto, atualmente, esta visão idílica sobre o “futebol arte”, preconizado por

Gilberto Freyre, tem sido desmistificada pelo discurso formado por alguns autores, que consideram o dito talento nato do brasileiro para a prática do futebol como eventos pontuais, e não constantes como tem se propagado ao longo dos anos.

No artigo “A produção das diferenças na produção dos ‘estilos de jogo’ no futebol: a propósito de um texto fundador”, a antropóloga Simoni Lahud Guedes (2014), como o próprio título já indica, nomeia os textos de Freyre como “fundadores” da noção de que se praticaria no Brasil o “futebol arte”. Segundo Guedes (2014), no momento em que tais textos são escritos, dava-se início à ideia de que a seleção brasileira de futebol representaria em seu estilo e sua composição a própria sociedade do país. “Por intermédio da seleção brasileira de futebol ou, simplesmente, do Brasil no campo de futebol, têm sido discutidos os problemas e as potencialidades do país, bem como as qualidades e defeitos do ‘povo brasileiro’” (GUEDES, 2014, p. 156).

A autora ainda estabelece uma relação entre o dito “estilo de jogo” com o “estilo de vida” daqueles que o acompanham, dizendo que o desempenho de cada time, ou no caso, seleção, é interpretado de acordo com a forma como os próprios torcedores e seus hábitos e costumes são representados. Aproximando-se do texto de Freyre (1938), Guedes (2014) analisa o estilo idealizado pelo autor como “estilo mulato”, caracterizado pelos dribles e gracejos descritos por ele. No entanto, a autora contribui para a questão apontando o fato de que é impossível que qualquer estilo de jogo esteja presente em todo o desempenho dos atletas pertencentes a um time ou seleção. Mas quando tal estilo é apresentado, mesmo que em raros momentos, o foco sobre eles os amplia, de forma a eternizá-los, seja por narrativas, fotos ou vídeos, tornando tal recorte significativo o bastante para confirmar o que se é dito sobre a maneira como um grupo de jogadores pratica o futebol. “O ‘estilo de jogo’ funda-se, portanto, tanto sobre a memória quanto sobre o silêncio, tanto sobre o que se diz quanto sobre aquilo que deve ser esquecido” (GUEDES, 2014, p. 159).

Guedes (2014) conclui que expressões como futebol “à brasileira”, “futebol-mulato”, ou ainda o “futebol arte” de Freyre (1938), não se tratam de descrições de algo ocorrido, mas sim recortes de momentos pontuais do desempenho dos jogadores brasileiros, os quais são celebrados para simbolizar algo que não ocorre com a frequência desejada.

No caso do futebol brasileiro, o que fazemos quando separamos e destacamos estes momentos, na verdade absolutamente raros, de “dribles” ou “pedaladas”, é reafirmar e reificar a forma como desejamos nos ver e, com isso, produzimos, reproduzimos e, eventualmente, reformamos e reinventamos essa forma em um processo contínuo. (GUEDES, 2014, p. 161)

Guedes (2014) ainda aponta para o fato de que essa permissividade do futebol em relação à novos estilos e jogadas não vem de sua classificação como esporte coletivo, visto que outros esportes com a mesma característica, como o vôlei, não possuem tal maleabilidade. Segundo a autora, o caso do futebol diferencia-se justamente por haver um menor controle a respeito dos desempenhos de cada time, ou seja, não há tantos movimentos físicos que devam ser respeitados à risca como em outras modalidades, como o atletismo ou mesmo o vôlei, o que abre espaço para a produção de diferenças e interpretação de desempenho. Guedes acredita que é justamente essa característica de permitir a produção de diferenças que fez com que o futebol fosse tão difundido pelo mundo todo, mesmo em nações que são distantes culturalmente.

Sobre as características absorvidas pelo futebol no Brasil e que poderiam ter causado a ideia sobre o “futebol arte”, Tiago Maranhão (2006), em seu artigo *Apolíneos e Dionisíacos – o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do “povo brasileiro”*, retoma outra obra de Freyre, *Casa Grande e Senzala*, em que ele já se mostrava contrário à ideia que era difundida por entre a sociedade da época em desmerecer o mulato, ainda mais do que o negro. Diferentemente do discurso cientificamente aceito à época, Freyre acreditava que o mulato na verdade seria um exemplo de supremacia do brasileiro, já que congregaria os melhores traços de duas raças, o que pode ser considerado “arrojado” se levar-se em consideração o pensamento social sobre a supremacia da raça branca, concomitante as suas ideias. Ainda segundo Maranhão (2006), além do famoso texto publicado no *Diário de Pernambuco*, Freyre afirmava em outras obras, como no prefácio de *Sobrados e Mucambos*, publicado em 1949, que o mulato brasileiro estaria ascendendo socialmente através do esporte, não só no futebol, mas também em outras modalidades, como a natação e o atletismo. Isso, segundo Maranhão, seria uma forma de Freyre demonstrar que os mulatos poderiam perfeitamente se adequar ao mundo da “elite branca”, por meio de diferentes manifestações sociais. No entanto, *Foot-ball Mulato*, segundo o autor, foi o grande marco da consolidação das teorias raciais freyreanas e seu reflexo no campo de futebol, já que ele teve certo respaldo para suas teorias vindo das vitórias de uma seleção brasileira composta em sua maioria por jogadores negros e mulatos, confirmando o que ele afirmava sobre o talento e perícia destes atletas.

Porém, assim como Guedes (2014), Maranhão faz uma ressalva sobre a visão idílica de Gilberto Freyre a respeito do futebol brasileiro, dizendo que não se pode afirmar que o futebol como símbolo da democracia racial brasileira não tenha sido uma invenção. “O que se pretende deixar claro, contudo, é que depois de “inventado” e o mais importante, depois de assimilado e aceite pela sociedade, é inegável o papel do futebol na construção de uma subjectividade colectiva em relação à nação brasileira [...]” (MARANHÃO, 2006, p. 442).

Sobre as classificações criadas por Freyre (futebol “apolíneo” e “dionisíaco”), Maranhão (2006) faz um interessante comentário, pontuando que o escritor não reserva somente esta divisão ao futebol, mas à população, considerando que a racionalidade e a lógica são atributos essencialmente europeus, não cabendo nos elogios que ele tece à naturalidade do povo africano e seus descendentes, que seriam nascidos para a dança, música, luta e também para o futebol. E mais do que isso, Freyre dizia ser possível que o intelecto europeu coexistisse com o primitivismo afro-brasileiro no mulato, que seria segundo ele o “verdadeiro brasileiro”.

Maranhão (2006) conclui dizendo que, embora à primeira vista tenha-se a ideia de que a visão de Freyre tivesse o propósito de enaltecer o mulato ou afrodescendente em uma sociedade que os excluía, ela vai muito além disso. Segundo ele, a obra do escritor é mais importante por aquilo que não é explicitado, podendo carregar até mesmo um teor “racista assimilacionista” no que diz respeito às dicotomias criadas entre as características incorporadas da cultura africana e a caracterização do povo europeu. Quando Freyre diz que os jogadores brasileiros, assim como o povo brasileiro como um todo, possuem características próprias ao se praticar o futebol, diferentes do estilo calculado e ordenado europeu, é porque ele não enxerga os brasileiros como um povo disciplinado:

Ao adjectivar os povos, Gilberto Freyre exclui a possibilidade de que o povo X tenha características do povo Y, ou seja, ele não afirma explicitamente que o brasileiro é indisciplinado, desordenado, mas diz isso quando referencia, de forma oposta, os europeus. [...] Em suma, o silêncio dado aos adjectivos relacionado à “racionalidade”, “cálculo” e “ordem”, no futebol brasileiro, reflectem a mesma opinião em relação à organização e à estruturação de sua sociedade. (MARANHÃO, 2006, p. 447)

A propósito, é esta dicotomia, sugerida por autores como Freyre e Pasolini, sobre os estilos de jogo que dá início a uma das principais oposições semiológicas que aconteceria no universo do futebol, principalmente após o Mundial de 1966: o futebol-força, referente ao vigor físico e à disciplina tática, em contraposição ao futebol-arte, caracterizado pela habilidade e talento técnico. Segundo Vogel (1982), foi no final dos anos sessenta que se acentuou essa oposição, marcada pelo contexto do “milagre brasileiro”. Na época, as discussões giravam em torno do assunto ciência-eficiência, e no caso do futebol criou-se a divisão entre os partidários do futebol originário dos europeus, que possuía como princípios fundamentais a objetividade, a força, a velocidade e a resistência, tudo isto conseguido através de métodos científicos de treinamentos físico e técnico; e os que apreciavam aquele em que se destacava a habilidade, a espontaneidade, o toque de bola e a malícia, ditos naturais do jogador brasileiro.

Como a Copa do Mundo de 1966 parecia provar que o futebol-arte estava em decadência e o futebol-força surtiria mais resultados, iniciou-se uma discussão a respeito dos caminhos que o esporte no Brasil deveria tomar: adotar o estilo de jogo europeu, mais disciplinado, ou manter o genuíno e habilidoso estilo brasileiro.

De um modo geral, havia três posições. Uma reivindicava a atualização do futebol brasileiro em regime de urgência. A outra acreditava no futebol-arte, denunciando a imitação da Europa. A terceira preferia uma solução de compromisso: colocar os novos métodos a serviço do talento criativo do jogador brasileiro. O objetivo de todos, no entanto, era o mesmo – descobrir um jeito de ganhar a próxima Copa, no México. (VOGEL, 1982, p. 109)

O fato é que o confronto destas duas vertentes é instrutivo, ou seja, enquanto o futebol-força propõe um modelo voltado para a eficácia empírica, onde todos são iguais e devem seguir um esquema padronizado e disciplinado, o futebol-arte tem como base as qualidades naturais, sendo o gênio pessoal indispensável, já que sem ele o esporte perderia sua qualidade mais expressiva. A divisão por estilo de jogos ditos pertencentes a determinadas nacionalidades também faz com que essa discussão ultrapasse os limites do campo e acabe tornando-se questão de identidade étnica e nacional. “O dilema da autenticidade em contraste com a imitação faz parte do cotidiano de nações resultantes de um processo colonialista e que desejam adotar um padrão gerado fora de suas respectivas culturas” (VOGEL, 1982, p. 110).

Ronaldo Helal, sociólogo e pesquisador da relação do esporte com a comunicação, também costuma relativizar a visão das obras de Freyre sobre o futebol brasileiro e a dicotomia entre os estilos de jogo. Em texto escrito em 2012 para o jornal *O Globo*, Helal afirma que os adjetivos utilizados por Gilberto Freyre para descrever o futebol no Brasil são lembrados principalmente quando quem se encontra em campo é a seleção brasileira de futebol, como se a imprensa buscasse através da ideia do futebol-arte uma forma de assegurar a brasilidade no estilo de praticar este esporte. Além disso, para Helal (2012), a ideia de Freyre a respeito do malandro no futebol brasileiro, do sucesso sem esforço, faz com que seja quase depreciativo se referir a um jogador dizendo que ele é esforçado. Segundo o autor, exemplo claro desta valorização do malandro é o caso da seleção que disputou a Copa do Mundo de 1970: “Ela é idealizada como uma equipe que não precisava treinar. No entanto, temos evidências de que aquela seleção se utilizou de métodos de preparação física dos mais modernos da época” (HELAL, 2012).

Helal (2012) ainda comenta sobre casos de jogadores considerados ídolos do futebol brasileiro e que não se enquadram no perfil do malandro, como Pelé e Zico, que construíram suas carreiras a partir da dedicação aos treinos e ao cuidado com o corpo. Isso mostraria uma falha no pensamento de Freyre, de separar o futebol apolíneo do dionisíaco, já que, embora o futebol no Brasil seja classificado como dionisíaco, alguns de seus maiores ídolos são reconhecidos por uma conduta que se aproxima mais da apolínea.

Helal e Gordon (2002) afirmam ainda que o processo de popularização do futebol no Brasil foi permeado por um trabalho executado por agentes do universo político e esportivo para que se criasse um espaço naturalizado para o esporte, ou seja, a intenção era que se promovesse uma associação simbólica do futebol com a realidade presente na sociedade brasileira, no caso, o Estado-Nação e o povo, como descrito anteriormente. Ainda segundo os autores, entre a década de 1930 e 1950, a popularização deste esporte foi alavancada não só por sua profissionalização, mas principalmente por setores da intelectualidade e pela imprensa, que fizeram do futebol um espetáculo direcionado às massas, constituinte da cultura popular.

Ainda segundo estes autores, foram tais intelectuais e agentes da imprensa os responsáveis por iniciar a difusão da ideia de que o Brasil possuía um estilo próprio de jogar futebol, como se quando praticado pelos brasileiros, este esporte ganhasse traços de seu caráter, resultado, por sua vez, da mescla entre as culturas europeias e africanas (brancos e negros). “Daí a ideia de que o futebol brasileiro se manifesta em campo como uma espécie de dança, e que expressa características tais como malícia, arte, musicalidade, ginga e espontaneidade” (HELAL; GORDON, 2002, p. 43).

É interessante perceber que Helal e Gordon tratam o “futebol arte” como uma ideia, e não um fato, criado e difundido por intelectuais e profissionais da imprensa. Neste caso, nota-se um posicionamento que coloca em dúvida se o futebol praticado no Brasil na realidade é o mesmo daquele divulgado pelos veículos de comunicação. Os próprios autores dizem ser esta visão do futebol brasileiro, definidor de identidade, como uma “metáfora poderosa, pois transcende os limites do campo acadêmico e intelectual (onde foi gerada), para se tornar uma ideologia amplamente difundida e absorvida pelo senso comum” (HELAL; GORDON, 2002, p. 44). Eles ainda apontam as Copas do Mundo, de 1950, 1958, 1962 e 1970 como eventos em que se pôde enxergar claramente a proporção que tal metáfora havia tomado, com a presença de jogadores negros e mestiços, como Pelé e Garrincha, e as vitórias alcançadas após 1950, do futebol dito artístico.

Sob a ótica desta formação discursiva, o enquadramento dado à Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1970 colaborou intensamente para o adensamento da identidade nacional

brasileira atrelada à noção do futebol habilidoso, pleno de ginga, dribles, improvisação e malandragem. Aspectos táticos e físicos que contribuíram para o sucesso do Brasil naquela competição foram paulatinamente esquecidos, em favor da suposta habilidade incontestável dos jogadores nacionais, perpetuando-se assim a ideia do futebol genial e criativo dos brasileiros. E mais uma vez, a dita “metáfora” do “futebol arte” foi tão intensificada pela imprensa em 1970, que acabou reverberando na seleção escalada para a Copa de 1982. Mesmo tendo terminado a competição em quinto lugar, este grupo de jogadores foi considerado exemplo das características pelas quais o futebol brasileiro é reconhecido, como se fosse uma extensão da seleção que disputou o evento doze anos antes (SANTORO; SOARES, 2009).

Soares, Helal e Santoro (2004) dizem, ainda, que a construção da ideia de uma forma característica de se praticar o futebol no Brasil funcionou como uma forma dos habitantes do país se afirmarem culturalmente perante o resto do mundo. “A produção de narrativas sobre o futebol assumia o discurso do pertencimento, isto é, da ‘essência’ do ser brasileiro” (SOARES; HELAL; SANTORO, 2004, p. 66). Os autores apontam para o fato de que, tendo sido construída em grande parte por narrativas jornalísticas, a memória do futebol brasileiro está repleta de parcialidades, seguindo a tendência na qual está fundamentada, de que este esporte no Brasil remete mais ao artístico do que ao técnico. Como exemplo, eles também citam a Copa do Mundo de 1970, afirmando que a memória da seleção que disputou este evento foi embasada apenas nos aspectos que diziam respeito ao talento dos jogadores, em detrimento à preparação técnica pela qual eles passaram.

As imagens veiculadas remetem à improvisação, aos floreios e aos dribles, denominados como “estilo brasileiro de futebol” ou “futebol arte”. As narrativas mitificam os jogadores brasileiros como artistas naturais, esquecendo-se do aparato científico e das narrativas científicas que aparecem nos jornais no período da Copa de 1970. É como se a ciência fosse desmerecer o talento. (SOARES; HELAL; SANTORO, 2004, p. 67)

Franco Júnior (2013) vai além da ideia de Soares, Helal e Santoro (2004) em relação ao “futebol arte” no Brasil, apresentando-o como uma falácia, quando refere-se ao que tem sido visto do esporte na atualidade.

Parte essencial do clichê “Brasil, país do futebol” é a crença de que aqui se joga com mais habilidade, com mais qualidade. A rigor, porém, o nível de nossas competições é mediano, quando não baixo. O enquadramento institucional impede que a potencialidade esportiva se torne realidade. (FRANCO JÚNIOR, 2013, p. 50)

De fato, o futebol valorizado pelos brasileiros é justamente aquele praticado com ares teatrais, talvez porque ele seja entendido como o “verdadeiro” futebol do Brasil. E essa identificação causada pelo formato singular do esporte praticado no país, assim como na política, tem sido muito visada também pelo mercado como um apelo publicitário eficaz na divulgação de suas marcas, produtos e serviços. Entendendo as emissoras de televisão como empresas do mercado de comunicação, o futebol e, especialmente, eventos como a Copa do Mundo, são oportunidades de garantir a identificação do público, principalmente se a ideia de “melhores do mundo” e o sentimento de patriotismo estiverem atrelados ao conteúdo exibido nas produções, que chamam os telespectadores a acompanhar o campeonato. A seguir será abordada a forma como a mídia tem se comportado em relação à Copa do Mundo e à seleção brasileira na época da realização deste evento.

## 2.5 Copa do Mundo, Seleção Brasileira e Mídia

No item anterior foi abordado o discurso atual da academia a respeito do mito do “futebol arte”, e como a mídia, em conjunto com a política, teve, e continua tendo, importância na propagação desta ideia. Cabe agora entender como os veículos de comunicação, em especial a televisão, devido ao foco deste trabalho, se comportam em relação a esta ideia, principalmente nas épocas em que acontecem as Copas do Mundo, em que o sentimento de patriotismo é trabalhado constantemente.

Gastaldo (2009) afirma que não se pode entender a mídia apenas por seu papel de divulgação massiva, mas também por sua dimensão social e de bens culturais dos produtos, sendo esta última a responsável pela produção da cultura de massas. Assim como outras empresas, a produção dos veículos de comunicação é apresentada ao público como **mercadorias**, gerando lucro aos proprietários. No caso, os produtos vendidos são considerados **bens culturais** oferecidos ao que se conhece por **audiência**. A mídia possui ainda uma função ideológica, que segundo o autor, a faria um elemento importantíssimo no processo de constituição de uma “versão dominante” na cultura de uma sociedade.

Desta forma, a mídia seria capaz de abordar o esporte de diferentes formas, sendo uma das responsáveis pela maneira como o público o reconhece. Segundo Umberto Eco (1984) há diferentes níveis de apropriação da atividade esportiva: o esporte em primeira pessoa, que seria o esporte em si; o esporte elevado ao quadrado, ou a representação do esporte como um espetáculo; e o esporte a enésima potência, que se trata da discussão infinita da imprensa esportiva e dos diversos discursos provocados por ela a respeito do esporte. Pensando sobre as transmissões televisivas e sobre a forma como lidam com o futebol em sua programação, pode-

se dizer que a televisão utiliza o nível do esporte elevado ao quadrado para apresentar as partidas aos torcedores, que ficam sujeitos a apreciar o jogo de acordo com o enfoque escolhido pela emissora, seja pelo posicionamento das câmeras ou pelas interferências externas, como anúncios de patrocinadores, conferindo à disputa um caráter de espetáculo. Já os comentários surgidos no momento da narração das partidas e nos inúmeros programas de conteúdo esportivo seriam formados pelo nível do esporte à enésima potência, produzindo discursos que se repetem e reverberam outros discursos, muitas vezes se distanciando do próprio esporte.

Gastaldo (2009, p. 361) também afirma que mesmo partidas transmitidas ao vivo pela televisão tratam-se de representações do evento ocorrido, e não apenas elas, mas principalmente a forma como são reproduzidas posteriormente pela mídia em outros programas da grade da emissora, que apenas representam o que de fato ocorreu, ocasionando a construção sobre os significados do futebol brasileiro de acordo com o recorte dado a ele. Isso se torna ainda mais evidente quando a representação em questão recai sobre a seleção brasileira durante a Copa do Mundo.

O interesse social pelo futebol no Brasil durante a Copa é apropriado pela mídia, que, em princípio, atende a uma “demanda social” pré-existente, produzindo peças de comunicação e criando um circuito de produção e consumo motivado pelo evento em curso, no qual se inserem, além da cobertura dos jogos, cadernos especiais nos jornais e revistas, longas matérias nos telejornais, programas diversos com a temática da Copa, anúncios publicitários, etc, colaborando de modo ativo para definir a realidade nos termos ideológicos da representação do Brasil como “país do futebol”. (GASTALDO, 2009, p. 362).

Ainda segundo o autor, a Copa do Mundo é um evento social profundamente enraizado na cultura brasileira contemporânea cujo acesso está restrito ao seu caráter mediatizado. Desde as primeiras edições do evento transmitidas internacionalmente a cobertura dos jogos disputados pela seleção brasileira tem garantido um número significativo de espectadores. Em 2014, durante o Mundial realizado no Brasil, em material divulgado na seção *Media Release*, no site da FIFA, foram apresentados números expressivos de audiência ainda na fase de grupos da competição (GASTALDO, 2015).

No caso da Copa do Mundo de 2014, o esforço das emissoras brasileiras em manter os jogos do Brasil como produtos “atraentes” aos espectadores foi ainda maior. Em meio a revoltas populares aquecidas pela direita, que criticavam a verba astronômica destinada ao evento, enquanto o país passava por tantas crises preocupantes em setores como saúde e educação, ameaçando boicotes aos jogos nos estádios e às transmissões das partidas, o principal objetivo

das emissoras, especialmente de televisão e rádio, era manter o valor comumente atribuído ao “produto” Copa do Mundo elevado. Além disso, havia uma linha seguida pelos programas não esportivos em divulgar o evento de forma convidativa, mas atribuindo qualquer culpa a respeito da má organização ao governo, o que estaria de acordo com o perfil de grande parte do público contrária à sua realização. No entanto, quando o evento teve início, a mídia começou a modificar seu posicionamento, retratando-o com ares de espetáculo e festa, frente aos poucos problemas encontrados durante sua execução. “O jornalismo esportivo entrou completamente no clima de oba-oba, esquecendo-se dos problemas anteriores. Importava obter audiência a qualquer custo. Para isto, a Copa foi promovida como um evento de sucesso, maravilhoso, sobre o qual só se falavam coisas boas” (FORTES, 2015, p. 55).

O fato é que os elevadíssimos níveis de audiência na transmissão do Mundial de Futebol fizeram com que ele se tornasse um negócio bilionário. Por este motivo, há uma disputa entre os grandes conglomerados de mídia brasileiros em relação à detenção dos direitos de transmissão dos jogos da Copa do Mundo. A contratação de tais direitos transforma as emissoras em mais do que simples comunicadoras do evento, mas em sócias das agências organizadoras, o que poderia gerar uma imparcialidade no que diz respeito à divulgação da competição (GASTALDO, 2015). Neste caso, muito mais do que transmitir fatos, o objetivo destes veículos de comunicação é “vender” os jogos, o que ocasiona discursos conhecidos e identificados pelo público, facilitando a aceitação do conteúdo gerado sobre a seleção, os jogos do Brasil e a Copa em geral. Tais discursos se utilizariam da premissa já abordada há tempos pela mídia sobre o “futebol arte” e a paixão cega da sociedade brasileira pelo esporte.

Entende-se, portanto, que a mídia tem, através de mecanismos de construção de sentido, colaborado para a perpetuação do discurso freyreano a respeito do futebol perante a sociedade, em detrimento do discurso acadêmico atual, ao divulgar este esporte como tem feito. Tal fenômeno pode ser comparado às teorias de Pierre Bourdieu (1989) sobre o “poder simbólico”. Segundo Bourdieu (1989, p. 8), o poder simbólico seria “[...] esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”.

Para o autor, existem estruturas capazes de organizar a presença e a atuação das relações de poder na sociedade, chamadas de “sistemas simbólicos”. Tais sistemas possibilitam que haja um consenso acerca do sentido do mundo social, o que contribui para a ordem social, o que explicaria a capacidade do poder simbólico de criar um “sentido imediato” do mundo, ou seja, uma concepção homogênea a respeito de diversos fatores tornando possível a concordância entre as inteligências.

Ampliando a questão dos sistemas simbólicos, Bourdieu (1989) fala sobre sua função de determinação das ideologias, que seriam “duplamente determinadas”, ou seja, caracterizam-se não somente pelos interesses que exprimem, mas pelos interesses de quem as produz e pela lógica do campo de produção. Os sistemas simbólicos trabalham, portanto, com a relação de crença entre o que é dominante e os que foram dominados. “O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que a pronuncia, crença cuja a produção não é da competência das palavras” (BOURDIEU, 1989, p. 15).

O autor também aborda a questão da dominação exercida pelas produções simbólicas, mostrando que a cultura dominante assegura que a classe dominante se mantenha integrada, a classe dominada se desmobilize e as distinções entre ambas sejam legitimadas. A comunicação, portanto, mostra-se uma dessas produções simbólicas, já que reforça esse vínculo entre dominantes e dominados. Mais do que isso, é através da comunicação que os sistemas simbólicos exercem sua função de imposição ou legitimação da dominação (BOURDIEU, 1989).

Aplicando a estruturação do poder simbólico à relação desenvolvida pela mídia e o futebol na identidade brasileira em épocas de Copa do Mundo, pode-se entender que os grandes veículos de comunicação têm se utilizado deste esquema de dominação, tornando-se sistemas simbólicos capazes de gerar um consenso na sociedade a respeito do discurso do “futebol arte” brasileiro. Como sistemas simbólicos, suas produções também se enquadram nas teorias de Bourdieu (1989), principalmente no que diz respeito ao uso da comunicação como meio de impor ou legitimar a dominação deste discurso em relação ao discurso atual surgido na academia. Como o autor explica, esta ideologia produzida pela mídia serve aos interesses próprios, já que gera mais engajamento e consumo de seus produtos ao abordar a questão de nacionalidade relacionada ao futebol, especialmente nas épocas em que são realizadas as Copas do Mundo, reforçando o discurso freyreano perante o público.

Para que as teorias citadas neste capítulo sejam exemplificadas, a seguir será apresentado o objeto de estudo escolhido para esta pesquisa e os princípios metodológicos utilizados para verificar esta questão.

### 3. ANÁLISE DO OBJETO

#### 3.1 Proposições Metodológicas para a Análise do Objeto

Neste momento serão apresentados os objetos escolhidos para análise nesta pesquisa, bem como as proposições metodológicas para que se possa realizar tal estudo. Para este trabalho, foram analisados três produtos audiovisuais: o videoclipe produzido pela emissora de TV Band, a chamada produzida pela emissora de TV Globo e a vinheta produzida pela FIFA (Federação Internacional de Futebol Associação); todos veiculados em razão da Copa do Mundo de Futebol 2014, realizada no Brasil.

Por videoclipe, entende-se que é um produto cujas imagens têm como finalidade funcionar como uma “amostra de vendas”, portanto tem curto prazo de validade, tendo como destaque a relação do grafismo visual e rítmico. “Percebemos que estamos lidando com uma mídia audiovisual constituída por imagens ‘pinçadas’, ‘recortadas’ e que estas imagens não precisam necessariamente ‘durar’ na tela” (SOARES, 2004, p. 3). Portanto, o produto desenvolvido pela Band se enquadra nesta categoria por apresentar montagens de imagens recortadas de partidas da seleção brasileira, com foco em jogadas individuais, que interagem com a trilha sonora, esta já existente previamente e reaproveitada no vídeo.

Já a chamada trata-se de um produto veiculado durante os intervalos comerciais da programação da emissora, tendo como objetivo promover seus programas. A chamada é um produto publicitário audiovisual que divulga todas as informações necessárias para que o telespectador possa consumir a programação de determinada emissora, ou seja, o principal produto anunciado neste caso é o próprio canal televisivo. Portanto, as chamadas têm grande importância, tanto funcional quanto estratégica. No caso do produto audiovisual da Globo, ele pode ser classificado como uma chamada, já que teve como principal objetivo anunciar a transmissão dos jogos da Copa do Mundo de 2014 pela emissora e incentivar os telespectadores a acompanhar as partidas através de seu canal (MELO; ALMEIDA, 2005).

Por fim, as vinhetas seriam “projetos de design, que compreendem imagem em movimento e som, destinados a apresentar e definir a identidade visual dos programas no vídeo, bem como informar o telespectador acerca da programação da emissora e criar uma identidade visual de suas produções” (DORNELES, 2007, p. 17). Além disso, a vinheta, vista como arte televisiva, seria também uma “fantasia visual”, que levaria os telespectadores à emoção e à ação por meio de criações artísticas. Desta forma, o produto audiovisual criado pela FIFA para a Copa do Mundo pode ser identificado como uma vinheta, já que se trata de uma animação criada pela federação para divulgar a transmissão dos jogos através dos canais televisivos,

utilizando-se de trilha sonora marcante e elementos caracterizadores do país sede, no caso o Brasil, como forma de provocar emoções e incentivar a ação de assistir as partidas do evento.

Em relação às proposições metodológicas, tanto a análise fílmica de Vanoye e Goliot-Lété (2012) quanto a ordem do discurso de Foucault (1999) foram aplicadas ao objeto como forma de demonstrar os caminhos que o estudo pretende seguir.

### 3.1.1 - Apresentação do Objeto

Para que fossem verificadas as questões sobre a preferência do uso do discurso sobre o “futebol arte” brasileiro pela mídia, contrariando os novos discursos da academia, foram escolhidas 3 produções audiovisuais para análise, produzidas pelas emissoras de TV aberta Band e Globo, responsáveis pela transmissão dos jogos da Copa do Mundo, e pela FIFA, organizadora do evento.

Entendendo que a Copa do Mundo possui um significado especial no imaginário brasileiro, sendo capaz de instigar o senso de patriotismo e reafirmar sua identidade nacional, tais produtos audiovisuais foram escolhidos para que se possa entender se os lugares comuns a respeito do futebol brasileiro são utilizados também como forma de persuasão pelas próprias emissoras, que como a organizadora, têm como interesse a “venda” da programação durante a transmissão do evento. Além disso, o *corpus* se restringe aos 3 produtos pois, por terem sido veiculadas em TV aberta, entende-se que tinham a capacidade de atingir um número maior de brasileiros, em comparação com a programação de canais pagos que também transmitiram os jogos.

Segundo Vanoye e Goliot-Lété (2012, p. 14),

Analisar um filme ou um fragmento é [...] decompô-lo em seus elementos constitutivos. É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente “a olho nu”, uma vez que o filme é tomado pela totalidade.

Portanto, para que a análise da vinheta, da chamada e do videoclipe seja realizada, é necessário primeiro dividi-los quadro a quadro, em processo de decupagem, para que sejam percebidos os elementos isolados e seus significados, compondo o todo. Os vídeos<sup>1</sup> analisados para esta pesquisa são o videoclipe “O Maior Espetáculo da Terra”, da Band, com vídeo produzido pela própria emissora e áudio pela produtora S de Samba, numa composição de Jair

---

<sup>1</sup> Links dos vídeos: <https://www.youtube.com/watch?v=MLvx6j15FZ8> (BAND), <https://www.youtube.com/watch?v=voTX6c1Too8> (GLOBO) e <https://www.youtube.com/watch?v=fkyiF23UVCo> (FIFA).

Oliveira; a chamada “Somos um só”, da Rede Globo, com vídeo produzido também pela própria emissora e áudio pelos estúdios Jaula do Leão e Tesis, numa composição de Tavito e Aldir Blanc; e a vinheta oficial “Copa do Mundo Fifa 2014”. Os três vídeos foram decupados, o que possibilitou o estudo de cada cena em relação à sua respectiva trilha sonora (Tabelas 5, 6 e 7):

Tabela 5 - Decupagem do videoclipe da TV Band produzida para a Copa do Mundo 2014

| DECUPAGEM VÍDEO “O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA” – VIDEOCLÍPE BAND PARA A COPA 2014    |                                                                                                                                           |                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                           | DIMENSÃO VERBAL                      | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|   | A câmera segue o jogador em plano médio, focalizando-o pelas costas. É dia, e o jogador está entrando no estádio para começar o jogo.     | Som de apito                         | O jogador em questão é Neymar, conhecido por suas firulas e característica “malandragem em campo”. Ele aparece levantando a gola da camisa, o que descaracteriza o uniforme, e entrando com certo atraso para o segundo tempo da partida, demonstrando transgressão à autoridade.                                                      |
|  | O estádio é visualizado em câmera alta, em plano aberto, com a câmera mergulhando, dirigindo-se cada vez mais próxima do centro do campo. |                                      | A imagem do estádio vista por esta perspectiva lembra um placô, onde acontecerá um espetáculo, fazendo mais uma referência à característica artística do futebol brasileiro.                                                                                                                                                           |
|  | PD nos pés de um garoto que vai chutando uma bola de futebol.                                                                             | Música: “O maior espetáculo da Terra | Neste momento se inicia a sequência de cenas que se contrastam entre pessoas comuns brincando de futebol e os jogadores da seleção brasileira de futebol durante uma partida oficial. Até mesmo o posicionamento da câmera é semelhante em ambos os cenários, demonstrando a proximidade do brasileiro com o futebol em vários níveis. |
|  | PD na chuteira de um jogador chutando uma bola durante um jogo.                                                                           |                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |

| IMAGEM | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                   | DIMENSÃO VERBAL             | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|--------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|        | Dois amigos brincam de futebol em uma praia, em PC.                                                               |                             | A relação do futebol com a praia é bastante frisada, talvez pelo fato de que na praia tenha surgido uma forma genuinamente improvisada de se praticar o futebol, associada ao vôlei de praia: o futevôlei. Além disso, há uma certa relação da praia com a figura do malandro carioca e do futebol como forma de lazer.   |
|        | Câmera em plongée, plano aberto, focaliza mulher recebendo a bola de futebol no peitoral na mesma praia.          |                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|        | Em plano aberto, menino joga bola em uma quadra a céu aberto, na cidade.                                          | É quando a massa grita      | A “pelada” aparece de forma bem característica em várias cenas do videoclipe, com meninos jogando bola descalços e sem camisa, como o próprio termo indica.                                                                                                                                                               |
|        | Câmera em plano médio mostra a torcida em um estádio, comemorando um gol.                                         | Gol!                        | A vibração da torcida no momento do gol representa o êxtase vivenciado pelos brasileiros ao ver a seleção concluir uma das jogadas.                                                                                                                                                                                       |
|        | Câmera em Plano Detalhe focaliza os pés de dois garotos durante um drible, em uma quadra a céu aberto, na cidade. | O maior espetáculo da Terra | O contraste entre imagens de “peladas” nas ruas, praias e escritórios, e as partidas oficiais de futebol da seleção brasileira (que se vê em todo o videoclipe) demonstra a relação do brasileiro com o futebol: de acompanhar os times e a seleção como torcedor, e de incluir informalmente o futebol em seu cotidiano. |
|        | Plano Médio mostrando jogador brasileiro driblando o adversário em jogo, no estádio.                              |                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                   | DIMENSÃO VERBAL        | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                                     |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Plano Detalhe: pés de um homem chutando uma bola nos corredores de um escritório.                                                 |                        | A transgressão à autoridade é clara neste caso, em que os pés de um homem que veste social em seu ambiente de trabalho são focalizados fazendo firlas com a bola.                                                                               |
|    | Plano Aberto: torcida comemorando gol.                                                                                            | É quando a torcida faz | Os elementos nacionais, como a bandeira brasileira e vestes verde e amarelas são apresentados constantemente, fazendo referência à nacionalidade evocada pelo futebol.                                                                          |
|   | Câmera em plano médio focaliza jogador Neymar pelas costas, indo em direção à torcida na arquibancada durante comemoração de gol. | Gol! Brasil!           | Esta cena caracteriza a relação que a torcida normalmente desenvolve com seu "camisa 10", comumente o mais habilidoso a aclamado da seleção, no caso o jogador Neymar.                                                                          |
|  | Câmera em plano fechado mostra técnico brasileiro Felipão dando instruções ao time durante jogo, energicamente.                   |                        | O incentivo visto nas três cenas, somado à letra da música que diz "vamo que vamo!" (vamos que vamos!) no mesmo momento simboliza a raça associada ao futebol brasileiro, a gana de vencer e demonstrar que o futebol do país ainda é o melhor. |
|  | Plano fechado: câmera focaliza jogador brasileiro pelas costas, comemorando gol em frente às câmeras, no estádio.                 | Vamo que vamo!         |                                                                                                                                                                                                                                                 |
|  | Plano fechado: foco em Neymar incentivando o time durante jogo, no estádio.                                                       |                        |                                                                                                                                                                                                                                                 |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                             | DIMENSÃO VERBAL            | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Plano detalhe: foco nos pés de homem chutando bola dentro do escritório.                                    |                            | Mais uma vez o futebol se apresenta no ambiente de trabalho, como se durante a realização da Copa do Mundo fosse aceito que se deixassem as obrigações para se comemorar o futebol.                                                                                                    |
|    | Plano detalhe: focalizando momento em que jogador brasileiro chuta uma bola dentro de campo durante o jogo. | Dizem que são              | Os pés do jogador são contrastados com os pés do trabalhador na cena anterior, focalizando as partes do corpo humano mais valorizadas pela cultura brasileira: pés, pernas e quadris.                                                                                                  |
|   | Câmera em plano aberto mostra dois meninos brincando de futebol em quadra a céu aberto, na cidade.          | 11 contra 11,              | Assim como na maioria das cenas utilizadas nos videoclipes, estas imagens representam bem a individualidade ressaltada no futebol brasileiro, contrastando com a coletividade do esporte, focando em momentos como o passe, a jinga, a malícia dos jogadores da seleção e da “pelada”. |
|  | Plano médio: jogador dribla adversário próximo ao gol, dentro do campo, durante jogo.                       | Na real                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|  | Câmera em contra-plongée: dois meninos brincando de futebol em quadra a céu aberto, na cidade.              | São milhões contra milhões | O contraste de cenas visto durante todo o videoclipe pode fazer referência a interação constante entre o futebol profissional e a torcida, que como sugere a música, também participa do jogo.                                                                                         |
|  | Câmera em plano aberto mostra troca de passe entre jogadores brasileiros durante jogo, no estádio.          |                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                        |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                          | DIMENSÃO VERBAL | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                               |
|-------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Câmera em plano aberto mostra torcedores em arquibancada, no estádio.                    | De alucinados,  | As imagens de demonstrações de afeto pela torcida e pelos jogadores, bem como a letra da música neste momento, faz referência ao elemento “paixão”, que sempre aparece relacionado ao futebol brasileiro. |
|    | Plano médio, plongée: torcedora manda beijo em direção à câmera que a foca.              |                 |                                                                                                                                                                                                           |
|   | Primeiro plano: torcedor caracterizado, comemora, em meio a outros torcedores.           | Apaixonados     |                                                                                                                                                                                                           |
|  | Primeiro plano: torcedora na arquibancada manda beijo para a câmera que a focaliza.      |                 |                                                                                                                                                                                                           |
|  | Primeiro plano: jogador brasileiro sinaliza um coração com as mãos em direção à torcida. |                 |                                                                                                                                                                                                           |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                            | DIMENSÃO VERBAL | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                                          |
|-------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Plano detalhe: pés descalços de três meninos que brincam de futebol em quadra a céu aberto, na cidade.                     | Pela bola       | A “pelada” é apresentada em sua forma mais simples, com meninos descalços, sem camisa, mostrando a capacidade do improviso dos brasileiros.                                                                                                          |
|    | Plano conjunto: jogador brasileiro chuta a bola em direção ao gol, em meio aos adversários, durante jogo, em campo.        | que rola        | Embora haja a presença de mais de um jogador da seleção brasileira nestas cenas, o que se vê são jogadas individuais e dribles, sem que se presencie a coletividade do esporte em si.                                                                |
|   | Plano conjunto: jogador brasileiro dribla adversário durante jogo, em campo.                                               | no grama.       |                                                                                                                                                                                                                                                      |
|  | Plano detalhe: foco nos pés de um homem vestido socialmente, brincando de chutar uma bola nos corredores de um escritório. | vai             | A brincadeira de bola nos corredores do escritório demonstra mais uma vez a transgressão à autoridade (o inapropriado lazer no ambiente de trabalho) e a “malandragem” característica do “futebol arte”.                                             |
|  | Meio primeiro plano: menino cabeceia bola em quadra a céu aberto, na cidade.                                               | meu time,       | Neste caso, a expressão “meu time” que aparece na letra da música pode fazer referência tanto à seleção brasileira quanto às pessoas que aparecem brincando de bola em diferentes ambientes, bem como os torcedores que aparecem apoiando a seleção. |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                                | DIMENSÃO VERBAL  | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|-------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Plongée: jogador brasileiro recebe bola aérea durante jogo em estádio.                                                                         | vai com tudo,    | A sequência de cenas, mais uma vez contrastadas entre a “pelada” e a partida oficial, representa a ascensão social proporcionada pelo futebol. O jogador brasileiro muitas vezes pertencente às classes mais desfavorecidas, e que acaba jogando em grandes times. O início do pênalti na “pelada” e a conclusão do gol nos campos dá a ideia deste movimento. |
|    | Câmera em plano médio focaliza menino pelas costas cobrando um pênalti, em quadra a céu aberto, na cidade.                                     |                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|   | Plano conjunto: câmera focaliza menino que cobra pênalti pelas costas enquanto seu amigo o assiste ao lado, em quadra a céu aberto, na cidade. |                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|  | Plano médio: câmera focaliza menino pelas costas cobrando pênalti, em quadra a céu aberto, na cidade.                                          |                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|  | Plano conjunto: jogador brasileiro finaliza uma jogada em meio aos adversários, resultando em um gol, durante jogo, em estádio.                | mostra a força   | O sinal feito por Neymar (“tóis”, gíria para “nós”) se tornou característico tanto dele quanto do “estilo de vida” relacionado a ele e a outros colegas de seleção e do ramo musical, que leva como lema a “ousadia e alegria”.                                                                                                                                |
|  | Plano médio: Neymar faz gesto provocativo para comemorar gol na beira do campo, em estádio.                                                    | do nosso escudo! |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                                   | DIMENSÃO VERBAL   | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Plano médio: homem vestido socialmente faz truques com a bola dentro do escritório, com a logo da emissora de TV ao fundo.                        |                   | A presença de mulheres no videoclipe parece querer retratar a unanimidade que o futebol representa na sociedade, embora o número de homens que aparecem seja consideravelmente superior.<br><br>Mais uma vez, o futebol aparece no ambiente de trabalho: o trabalhador que deixa suas atividades para brincar de bola.<br><br>Até esta última cena, do menino sem camisa, cena, o logo da emissora aparece em cinco cenários diferentes, todos com pessoas jogando futebol, enquanto na música se escuta “aqui tem um time de tradição”, reforçando o vínculo da Band com o esporte e a Copa do Mundo. |
|    | Plano médio, contraplogée: mulher vestida casualmente faz truques com a bola em ambiente externo, com a logo da emissora ao fundo.                | aqui tem um       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|   | Plano médio: mulher vestida com roupas esportivas faz truques com a bola em praia, com a logo da emissora ao fundo.                               | time de tradição, |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|  | Plano médio: trabalhador de construção uniformizado faz truques com a bola em local que parece ser uma ponte, com a logo da emissora ao fundo.    |                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|  | Plano médio: menino vestido apenas com calção de futebol faz truques com a bola em quadra a céu aberto, na cidade, com logo da emissora ao fundo. |                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |

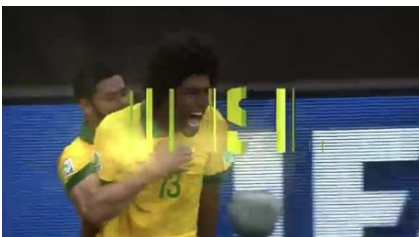
| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                     | DIMENSÃO VERBAL  | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Plano conjunto: jogador brasileiro sofre falta por adversário, durante jogo, no estádio.                                            | ninguém treme na | A falta é focalizada como uma forma de mostrar que a única maneira de parar o talento brasileiro seria forçosamente, brutaamente.                                                                                                                                                                                                                         |
|    | Primeiro plano: técnico brasileiro Felipão reclama por lance durante o jogo.                                                        | hora da decisão. | Nestas cenas, fica clara a relação entre futebol brasileiro e emoção, com o técnico Luís Felipe Scolari energicamente dando instruções à equipe e o jogador Tiago Silva apontando o dedo para o goleiro espanhol Casillas, demonstrando mais uma vez a transgressão às regras do jogo, associando-se à música que diz “ninguém treme na hora da decisão”. |
|   | Primeiríssimo plano: jogador brasileiro discute com adversário, apontando o dedo para o mesmo, durante jogo.                        |                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|  | Plano médio: câmera focaliza em torcedores em arquibancada que se levantam com a aproximação de um lance importante durante o jogo. | e olha lá,       | Neste momento, a cena parece completar a música: no momento em que a letra diz “e olha lá”, a torcida parece olhar com atenção para um lance do jogo.                                                                                                                                                                                                     |
|  | Plano detalhe: foco nas pernas de uma mulher que brinca de chutar uma bola na praia.                                                |                  | A ginga passa pelas cenas, fazendo com que se tenha impressão que se trata do mesmo drible, tanto na praia, quanto no campo de futebol e na quadra de cimento.                                                                                                                                                                                            |
|  | Plano detalhe: foco nas pernas de um jogador brasileiro que dribla adversário durante jogo, no estádio.                             | vai gingar,      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                     | DIMENSÃO VERBAL | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Plano detalhe: foco nas pernas de menino que segue chutando uma bola em quadra a céu aberto, na cidade.                             |                 | Nesta cena, a letra da música se relaciona com a imagem apresentada, mostrando a “ginga” característica do estilo brasileiro de praticar futebol.                                                                                                                                                                       |
|    | Plano detalhe: foco nas pernas de homem que chuta bola nos corredores de um escritório.                                             |                 | O gol retratado, que começaria com o homem no escritório, passando pelo menino na pelada e terminando nas redes da partida oficial, e a letra da música parecem contribuir para a ideia de talento nato do “futebol arte brasileiro”, mostrando que apenas a seleção brasileira seria capaz de fazer um “gol de placa”. |
|   | Contra-plongée: foco nos pés de um menino descalço que chuta a bola em direção ao gol, em quadra a céu aberto, na cidade.           |                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|  | Plano aberto, plongée: bola entrando no gol do time adversário ao Brasil, durante jogo, em estádio.                                 | vai fazer       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|  | Plano médio: câmera focaliza em torcedores em arquibancada que se levantam com a aproximação de um lance importante durante o jogo. | gol             | Mais uma vez, o momento do gol retrata a excitação causada pelo futebol no cotidiano do brasileiro, assim como a fidelidade da torcida, que acompanha sua seleção durante as partidas.                                                                                                                                  |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                         | DIMENSÃO VERBAL    | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                       |
|-------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Primeiro plano: dois jogadores brasileiros, Fred e Neymar, comemoram o gol dentro de campo, em estádio. | de placa!          | A irreverência dos jogadores brasileiros é representada nesta cena, através de comemorações repletas de firulas e vibração.                                                                                                       |
|    | Plano americano: dois meninos comemoram alegremente em quadra a céu aberto, na cidade.                  |                    | Assim como na cena anterior, a comemoração é retratada através dos meninos que jogam a pelada com o mesmo êxtase vivenciado pelos jogadores.                                                                                      |
|   | Plano detalhe: foco nos pés de homem que chuta bola dentro dos corredores de um escritório.             | O maior espetáculo | Mais uma vez a sequência de imagens entre os jogos de futebol em diversos ambientes e as partidas oficiais dão a impressão de interação entre seleção brasileira e sociedade em geral, que conversam entre si através do futebol. |
|  | Plano detalhe: foco nas pernas de jogadores que disputam a bola durante jogo, em estádio.               |                    |                                                                                                                                                                                                                                   |
|  | Plano médio: homem recebe bola no peito, chutada para ele, na praia.                                    | da Terra           |                                                                                                                                                                                                                                   |
|  | Plano conjunto: jogador brasileiro recebe bola no peito chutada para ele, durante jogo, em estádio.     |                    |                                                                                                                                                                                                                                   |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                          | DIMENSÃO VERBAL | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Plano conjunto: jogador brasileiro chuta a bola em meio aos adversários, durante jogo, em estádio.       | é quando        | Com diferentes jogadas, em diferentes ângulos, acompanha-se o passo a passo da realização do gol, através das cenas que se seguem rapidamente. Este seria um exemplo do “futebol ao quadrado” do qual fala Umberto Eco, com a representação da partida sob a ótica das câmeras e enquadramentos da TV. |
|    | Plano médio: jogador brasileiro chuta a bola em meio aos adversários, durante jogo, em estádio.          |                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|   | Plano conjunto: bola seguindo em direção ao gol e goleiro tentando defendê-la, durante jogo, em estádio. | a massa grita   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|  | Plano médio: bola seguindo em direção ao gol e goleiro tentando defendê-la, durante jogo, em estádio.    |                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|  | Plano aberto, plongée: visão por dentro do gol de goleiro caindo ao chão e bola balançando a rede.       | gol!            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|  | Meio primeiro plano: goleiro brasileiro comemora gol, com a torcida ao fundo, durante jogo, em estádio.  |                 | Esta é a primeira imagem durante todo o videoclipe que mostra o goleiro. Ele aparece comemorando o gol realizado pelos companheiros, e não desempenhando sua função.                                                                                                                                   |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                          | DIMENSÃO VERBAL    | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                |
|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Meio primeiro plano: menino comemora gol se segurando nas grades de uma quadra a céu aberto, na cidade.                  | o maior espetáculo | Tanto a cena da comemoração do menino quanto a do jogador em campo representam a função de sublimação do futebol a qual Freyre se refere. A comemoração, nestes casos, apresenta os personagens extravasando suas emoções. |
|    | Primeiro plano perfil: jogador brasileiro incentiva a torcida a se animar durante jogo, em estádio.                      |                    |                                                                                                                                                                                                                            |
|   | Meio primeiro plano: goleiro brasileiro incentiva a torcida a se animar durante jogo, em estádio.                        | da Terra           | Mais uma vez, na segunda aparição do goleiro, ele aparece somente comemorando, e não fazendo alguma defesa importante.                                                                                                     |
|  | Meio primeiro plano: jogador brasileiro incentiva a torcida a se animar durante jogo, em estádio.                        |                    | O incentivo à torcida, neste caso, mostra como o futebol consegue influenciar o brasileiro a se envolver com este esporte em várias esferas sociais.                                                                       |
|  | Câmera em plano aberto mostra torcedores em arquibancada, no estádio.                                                    | é quando           | Em continuidade com a cena anterior, a torcida responde ao pedido do jogador Neymar e vibra para motivar os jogadores durante a partida.                                                                                   |
|  | Plano conjunto: jogador brasileiro chuta a bola em direção ao gol, deixando o goleiro ao chão, durante jogo, em estádio. | a torcida faz      | Ainda continuando a sequência, o jogador brasileiro parece reagir à vibração da torcida, aplicando um chute certo na bola.                                                                                                 |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                                                 | DIMENSÃO VERBAL | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                    |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Câmera em plano aberto mostra torcedores em arquibancada, no estádio.                                                                                           | GOL!            | Como conclusão da sequência, a finalização do lance do jogador seria o gol, que faria a torcida extravasar os sentimentos contidos durante a tensão da partida.                                                |
|    | Meio primeiro plano: Neymar comemora o gol em direção à torcida, focalizado pelas costas, durante jogo, em estádio.                                             |                 | A comemoração do gol é mútua, a torcida celebra os jogadores que, por sua vez, retribuem o gesto voltando-se para os torcedores após a finalização da jogada, como um diálogo existente no futebol brasileiro. |
|   | Meio primeiro plano: dois jogadores brasileiros comemoram o gol durante jogo, em estádio.                                                                       | BRASIL!         | A sequência de cenas que levam ao gol representa como a relação do brasileiro com o futebol influencia no sucesso da seleção em Copas do Mundo.                                                                |
|  | Plano aberto: câmera vai em direção a goleiro brasileiro que levanta as mãos enquanto corre, comemorando gol, durante jogo, em estádio, com a torcida ao fundo. |                 | Em sua última aparição, o goleiro novamente é representado em um momento de comemoração.                                                                                                                       |
|  | Meio primeiro plano: jogador Paulinho brasileiro beija sua aliança, comemorando gol, durante jogo, em estádio.                                                  | Vamo que vamo!  | O beijo na aliança do jogador faz referência à noção de “família” que normalmente se vê nas seleções que disputam as Copas do Mundo.                                                                           |
|  | Primeiro plano: dois jogadores brasileiros, Neymar e Fred, caminham juntos, com as mãos no ombro um do outro, comemorando o gol, durante jogo, em estádio.      | GOL!            | Nota-se a menção à unidade nesta cena, em que dois jogadores se abraçam durante a comemoração, embora durante todo o videoclipe prevaleça a noção de individualidade.                                          |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                               | DIMENSÃO VERBAL                                        | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                                                               |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Primeiro plano: vários jogadores brasileiros se abraçam ao comemorar gol, com a torcida ao fundo, durante jogo, em estádio.                   |                                                        | Mais uma vez, a questão da coletividade é retomada, embora somente nas cenas de comemoração, e não durante o jogo em si.                                                                                                                                                  |
|    | Plano detalhe: jogador brasileiro é cumprimentado por colegas com carinhos na cabeça, durante jogo, em estádio.                               | BRASIL!                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|   | Plano médio: jogador brasileiro pula no colo do companheiro de time para comemorar gol, enquanto colega os observa, durante jogo, em estádio. |                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|  | Plano médio: jogador brasileiro Neymar pula comemorando gol em direção às câmeras, na beira do gramado, durante jogo, em estádio.             | Vamo que vamo!"                                        | A última cena traz Neymar, apontado por muitos como fundamental para o bom desempenho da seleção brasileira. Neymar seria a personificação do “futebol arte” freyreano: a imagem do “moleque malandro”, cujas firulas todos gostam de acompanhar.                         |
|  | Imagem da logo da copa e da emissora, em fundo azul, acima da frase “emissora licenciada”.                                                    | Locução do narrador Luciano do Vale: Gol! É do Brasil! | A narração final do gol surge na voz do falecido comentarista Luciano do Vale, famoso na emissora por suas narrações em partidas de futebol, frisando novamente a tradição da Band com o esporte e reafirmando o convite ao público para acompanhar o Mundial pelo canal. |

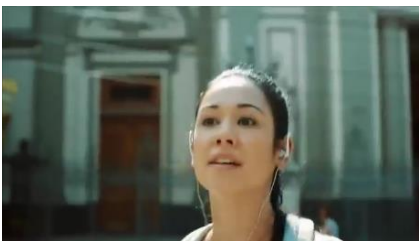
Fonte: Elaboração da autora.

Tabela 6 - Decupagem da chamada da TV Globo produzida para a Copa do Mundo 2014

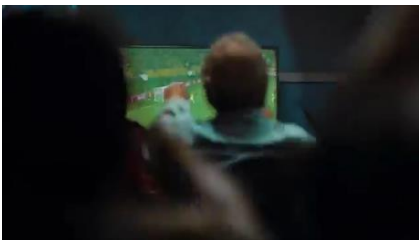
| DECUPAGEM VÍDEO “SOMOS UM SÓ” – CHAMADA GLOBO PARA A COPA 2014                      |                                                                                                                                                 |                   |                                                                                                                                                                                                                        |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                                 | DIMENSÃO VERBAL   | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                            |
|    | Câmera em plano médio focaliza chuteiras penduradas nos fios de eletricidade, em uma cidade.                                                    |                   | A chamada é iniciada com vários símbolos que fazem referência à nacionalidade evocada pela seleção brasileira durante a Copa do Mundo, como a bandeira pendurada nas janelas e elementos com as cores verde e amarelo. |
|    | Câmera em plano médio: foco em bandeira do Brasil tremulando no topo de um prédio, com outras construções urbanas ao fundo.                     | Início da melodia |                                                                                                                                                                                                                        |
|  | Plano médio, contra-plongée: bandeira brasileira fixada na janela de um apartamento, tremulando.                                                |                   |                                                                                                                                                                                                                        |
|  | Plano fechado: foco em lanterna japonesa em formato de bola de futebol, nas cores verde e amarela, que se acende conforme a câmera se aproxima. |                   |                                                                                                                                                                                                                        |
|  | Plano médio: ventilador com fitas nas cores da bandeira do Brasil em movimento, ao lado de troféus, em cima de uma mesa.                        |                   |                                                                                                                                                                                                                        |

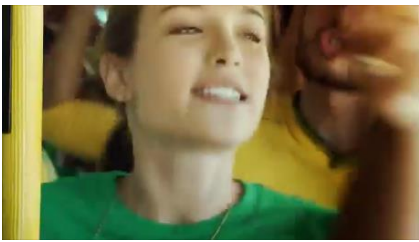
| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                                  | DIMENSÃO VERBAL                           | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Plongée: bola de futebol sobre uma caixa de tampa amarela, em fundo verde, simbolizando a bandeira brasileira.                                   |                                           | A bola no meio da caixa amarela, posicionada como um losango, no fundo verde, faz referência à bandeira brasileira, como forma de evocar a nacionalidade relacionada ao futebol. Já a transmissão da partida de futebol na TV faz menção à tradição da própria emissora na veiculação dos jogos da Copa do Mundo. |
|    | Plano médio: TV antiga transmitindo um jogo de futebol, localizada entre dois vasos, em uma estante.                                             |                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|   | Plano detalhe: foco nos pés descalços de um homem que faz truques com uma bola de futebol na praia.                                              |                                           | O foco no corpo masculino abaixo da cintura faz referência à expressão “jogo de cintura”, relativa ao estilo de jogo brasileiro, assim como o cenário da praia, que faz menção ao “malandro carioca”.                                                                                                             |
|  | Plano fechado: menina cantando a música que toca com faixa amarela no cabelo, dentro de um ônibus.                                               | Início da música: “Dessa vez é no brasil, | As vestes nas cores verde e amarelo, assim como o homem que enche uma bola,                                                                                                                                                                                                                                       |
|  | Plano médio: homem sentado na soleira de uma porta, enche uma bola de futebol, nas ruas de uma cidade, enquanto canta a música que toca.         | essa bola tá com a gente, e o desafio     | representa a preparação da população brasileira quando a Copa do Mundo se aproxima.                                                                                                                                                                                                                               |
|  | Plano médio: homem prendendo um dos balanços de um playground público nas laterais do brinquedo, em uma praia, enquanto canta a música que toca. | é juntar talento                          | O uso dos balanços de um parque como trave de gol faz menção à transgressão à autoridade, já que é a utilização de um bem público para outros fins, o que poderia danificá-lo.                                                                                                                                    |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                                                                                  | DIMENSÃO VERBAL                     | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                                       |
|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Plano aberto: homem utiliza o brinquedo de balanços como um gol, enquanto ele defende diversas bolas de futebol chutadas em sua direção e canta a música que toca, em uma praia.                 | lá do coração,                      | Além disso, também faz referência à questão do improviso, característico tanto do futebol, quanto da sociedade brasileira (“jeitinho brasileiro”).                                                                                                |
|    | Plano conjunto: dois funcionários de um mercado empurram carrinhos utilizados no estabelecimento, no estacionamento do local, enquanto cantam a música que toca.                                 | com a força da união,               | Assim como no caso dos balanços, o uso dos carrinhos de supermercado também remete ao improviso. Neste caso, há ainda o fato de que os funcionários do mercado deixam seus afazeres profissionais para jogar uma “pelada” em horário de trabalho. |
|   | Plano conjunto: dois funcionários uniformizados recebem a bola arremessada, utilizando dois carrinhos de mercado como forma de delimitar um campo de futebol, em um estacionamento a céu aberto. | fazer brilhar de novo o campeão!    |                                                                                                                                                                                                                                                   |
|  | Primeiríssimo plano, perfil: homem olhando para baixo enquanto canta a música que toca.                                                                                                          | No Brasil isso é normal,            | A cena do homem consertando o pequeno gol, juntamente com a música, que neste momento fala sobre a habilidade de todos os brasileiros na prática do futebol, reforça a ideia de talento nato e improviso característicos do futebol no Brasil.    |
|  | Meio primeiro plano: homem com martelo na mão fixa uma rede em uma pequena armação de metal de forma a construir um gol, enquanto canta a música que toca.                                       | em todo canto tem um craque mundial |                                                                                                                                                                                                                                                   |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                                             | DIMENSÃO VERBAL                       | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                                     |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Plano aberto: funcionário uniformizado chuta uma bola em direção a um caminhão baú, onde outro o espera para defendê-la, como em um gol.                    | feito de paixão,                      | A paixão relacionada ao futebol também é evocada na chamada, na letra da música.                                                                                                                                                                |
|    | Primeiríssimo plano, perfil: mulher com fones de ouvido anda, enquanto canta a música que toca.                                                             | buscando a vitória, sempre a vitória, | Assim como no videoclipe da Band, nesta chamada a figura da mulher também foi utilizada como forma de demonstrar que todos os brasileiros, independente de sexo ou outras características, possuem habilidade considerável ao praticar futebol. |
|   | Primeiro plano, contra-plogée: mulher com fones de ouvido olha para cima, como procurando algo.                                                             | persegue a taça                       |                                                                                                                                                                                                                                                 |
|  | Plano médio, contra-plogée: câmera focaliza mulher de costas, que recebe uma bola aérea lançada em sua direção, e a chuta em seguida, em um parque público. | e vai com raça até o final!           | A raça característica do “futebol arte” brasileiro também é referenciada na letra da música.                                                                                                                                                    |
|  | Plano fechado: diversos torcedores vestidos com as cores da bandeira brasileira comemoram, enquanto cantam a música que toca.                               | E a galera veste a camisa amarela     | A cena mostra pessoas felizes e vibrando, enquanto a música fala sobre a massa que “veste a camisa” da seleção, indicando que todos os brasileiros apoiam os jogadores e a realização da Copa do Mundo.                                         |
|  | Plano conjunto: dois garotos se cumprimentam no momento de substituição em uma “pelada”, em uma quadra de terra.                                            | e entra em campo,                     | Assim como na Band, a letra da música se refere à cena, em que um menino da “pelada” entra em campo, da mesma forma em que se refere à torcida “entrando em campo” com os jogadores, apoiando-os.                                               |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                                                                                                                                           | DIMENSÃO VERBAL        | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                             |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Plano aberto, contra-plongée: dois homens brincam de dribles com uma bola de futebol, no terraço de um prédio.                                                                                                                                            | pra jogar junto na fé! | A disputa de bola entre dois rapazes mostra a individualidade característica do futebol brasileiro, que permite a visualização das firulas e da malandragem.                            |
|    | Plano detalhe: foco nos pés de um homem que faz dribles com uma bola de futebol, em um lugar coberto, na cidade.                                                                                                                                          | Um drible              | Mais uma vez, funcionários aparecem brincando de bola durante o expediente, dando a entender que durante a Copa os brasileiros esquecem quaisquer problemas ou obrigações pelo futebol. |
|   | Plano conjunto: dois homens com uniformes de contrutores civis brincam de jogar futebol, enquanto chutam ao gol onde se encontra um terceiro homem também uniformizado, em um local coberto, na cidade.                                                   | e uma esticada,        |                                                                                                                                                                                         |
|  | Plano conjunto: homem com uniforme de construtor civil dribla colega também uniformizado em brincadeira de futebol e chuta a bola ao “gol” onde terceiro colega que também usa uniforme atua como goleiro, em local que parece uma construção, na cidade. | toque                  |                                                                                                                                                                                         |
|  | Plano conjunto: três amigos jogam futebol em uma pequena quadra a céu aberto, enquanto um deles faz um gol em uma pequena armação de metal com rede.                                                                                                      | em toque,              | Novamente, há uma sequência de cenas que ilustram o que está sendo cantando na música.                                                                                                  |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                                                                                | DIMENSÃO VERBAL      | COMENTÁRIOS                                                                                                                                               |
|-------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Plano detalhe: bola entra no pequeno gol e balança a rede presa a ele.                                                                                                                         | até a rede!          | A bola atingindo as redes gastas e a trave de madeira representa o improvisado característico do futebol brasileiro e das “peladas”.                      |
|    | Plano médio: torcedores assistindo a uma partida de futebol em local fechado são focalizados pelas costas enquanto comemoram um gol.                                                           | Chegou a hora,       | A torcida vibrando em frente à TV incentiva que o torcedor acompanhe os jogos através da programação da emissora.                                         |
|   | Meio primeiro plano, perfil: homem andando no terraço de um prédio segura uma bola debaixo do braço enquanto canta a música que toca.                                                          | e agora somos um só! | A frase “somos um só” cantada na música faz referência ao slogan adotado pela emissora na campanha de divulgação da transmissão da Copa do Mundo de 2014. |
|  | Meio primeiro plano: homem andando no terraço de um prédio tira a bola de debaixo do braço e chuta-a para cima enquanto canta a música que toca.                                               | É a nossa escola     | A “escola” a que a música se refere faz menção à habilidade nata de cada brasileiro, que aprende e se relaciona com o futebol desde criança.              |
|  | Plano aberto, contra-plongée: homem chuta uma bola para cima na abertura do teto de um terraço, fazendo com que a mesma caia na abertura seguinte, enquanto o mesmo homem consegue alcançá-la. | de super, superação! | Nesta cena, nota-se a referência ao talento nato do brasileiro na prática do futebol quando um homem moreno faz truques com uma bola de forma hábil.      |
|  | Plano médio: homem focalizado de costas chuta uma bola em direção a uma porta como se fosse um gol, em um terraço.                                                                             | Vai que dá           | O rapaz chuta a bola como se ela fosse em direção ao gol, mostrando que o futebol não está somente nos campos, mas em qualquer espaço urbano.             |

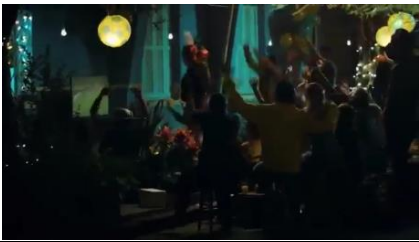
| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                                                                      | DIMENSÃO VERBAL | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                                               |
|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Plano fechado: torcedores focalizados de costas vestidos com as cores do Brasil e usando símbolos do país comemoram.                                                                 | Brasil          | São diversas as cenas em que toda a população aparece festejando, vestida de verde e amarelo. Isso contrasta com os eventos que antecederam a realização da Copa do Mundo no Brasil, em um cenário marcado por manifestações contrárias à sua realização. |
|    | Plano fechado, perfil: torcedores comemoram enquanto cantam a música que toca.                                                                                                       | Hexa-           |                                                                                                                                                                                                                                                           |
|   | Plano conjunto: torcedores comemoram dentro de um ônibus, enquanto vários pedaços pequenos de papel nas cores brasileiras são jogados para o alto, e todos cantam a música que toca. | Campeão!        |                                                                                                                                                                                                                                                           |
|  | Plano fechado: menina torcendo dentro do ônibus canta a música que toca.                                                                                                             | Eu sei que vou, | Neste momento, inicia-se a música “Coração Verde-Amarelo”, grande sucesso que faz referência à participação do Brasil em Copas do Mundo, reafirmando a tradição da Globo como emissora licenciada para a transmissão dos jogos do evento.                 |
|  | Plano aberto: foco na sombra projetada em uma parede de dois pés posicionados para cima brincando com uma bola.                                                                      | vou do jeito    | A firula com a bola na sombra projetada na parede em que encontra uma flâmula verde e amarela faz referência ao estilo próprio do brasileiro de praticar o futebol.                                                                                       |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                                       | DIMENSÃO VERBAL       | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                                                   |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Plano detalhe: pés descalços de um homem que chutam uma bola verde e amarela pela praia.                                                              | que sei,              | Nesta chamada, o futebol também aparece relacionado à pelada disputada na praia, ao entardecer, com dribles e firulas.                                                                                                                                        |
|    | Plano conjunto: três homens jogam futebol em uma praia com uma bola verde e amarela.                                                                  | de gol                |                                                                                                                                                                                                                                                               |
|   | Plano conjunto: dois homens vestidos como jogadores jogam futebol em uma quadra de terra, enquanto um terceiro espera a finalização da jogada no gol. | em gol,               | Diferente do videoclipe da Band, a pelada aqui aparece mais equipada, com times uniformizados e jogadores que usam chuteiras em um campo de terra.                                                                                                            |
|  | Plano detalhe: foco nos pés de um homem que faz dribles com uma bola de futebol em um estacionamento a céu aberto.                                    | com direito a replay! | Os pés novamente são focados nesta cena. Desta vez, são os pés do trabalhador, que deixa suas obrigações para brincar de futebol com o colega.                                                                                                                |
|  | Plano conjunto: vários torcedores comemoram, andando em direção à câmera, e um homem idoso vai a frente, andando sobre um skate.                      | Eu sei que vou        | Mais uma vez a massa de torcedores aparece festejando, vestida com as cores do Brasil. Até mesmo um senhor de idade avançada segue junto à multidão, deslizando sobre um skate, imagem contraditória, já que o objeto é, normalmente, relacionado aos jovens. |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                                                  | DIMENSÃO VERBAL              | COMENTÁRIOS                                                                                                                                            |
|-------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Plano fechado: cachorro corre pela rua com uma bandeira brasileira amarrada no pescoço.                                                                          | com o coração batendo a mil! | Até um cachorro aparece como “torcedor”, enfatizando a unidade provocada pela ação de torcer para o Brasil na Copa do Mundo.                           |
|    | Plano fechado: torcedores comemoram enquanto cantam a música que toca.                                                                                           | É taça na raça, brasil!      | As comemorações antes mesmo do início dos jogos do evento representam o caráter de festa que o futebol representa no cotidiano do brasileiro.          |
|   | Plano médio: câmera circula homem que brinca de engraxar os sapatos de outro como forma de valorizar a jogada realizada por ele, em estacionamento a céu aberto. | Eu sei que vou,              | O ato de “engraxar” o sapato do companheiro de equipe é um tipo de comemoração que demonstra a superioridade de um jogador em relação aos demais.      |
|  | Plano médio: homem chuta uma bola verde amarela no ar, fazendo a jogada “bicicleta”, em uma praia.                                                               | vou do jeito que sei,        | A “bicicleta” também é um tipo de jogada característica pela habilidade do jogador que a executa e pela malandragem, por ser um drible desconcertante. |
|  | Plano fechado: torcedores comemoram enquanto cantam a música que toca.                                                                                           | de gol                       | A moça, que deveria representar as mulheres do Brasil, possui poucos traços característicos das brasileiras.                                           |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                            | DIMENSÃO VERBAL | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                    |
|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Primeiríssimo plano, perfil: homem idoso olha para baixo enquanto canta a música que toca. | em gol,         | Os idosos praticando o futebol de mesa demonstram que qualquer brasileiro inclui o futebol em seu cotidiano, de alguma forma.                                                                                                  |
|    | Plano fechado: câmera focaliza “jogadores” em um brinquedo de futebol de mesa (pebolim).   | com direito     |                                                                                                                                                                                                                                |
|   | Plano conjunto: vários homens idosos comemoram um gol feito durante partida de “pebolim”.  | a               |                                                                                                                                                                                                                                |
|  | Primeiro plano: homem idoso sorri e comemora gol feito em partida de pebolim.              | replay!         |                                                                                                                                                                                                                                |
|  | Plano fechado: torcedores comemoram enquanto cantam a música que toca.                     | Eu sei que      | A festa do futebol é constantemente representada, com todos saindo às ruas para comemorar, em oposição ao cenário que antecedeu o evento, em que a população saía nas ruas para protestar contrariamente à realização da Copa. |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                                       | DIMENSÃO VERBAL | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Plano médio: homem uniformizado em dentro da caçamba de um caminhão baú faz truques com a bola utilizando a cabeça.                                   | vou             | Os truques, que se assemelham a uma sequência de “embaixadinhas”, demonstra mais uma vez o talento nato de qualquer brasileiro na prática do “futebol arte”.                                                               |
|    | Plano médio: homem em terraço de prédio faz truques com a bola utilizando os pés.                                                                     | com o coração   |                                                                                                                                                                                                                            |
|   | Plano médio: homem vestido de jogador de futebol chuta uma bola enquanto seu companheiro o observa por trás, em quadra de terra.                      | batendo a       | Novamente, o futebol é representado pela disputa entre duas pessoas, pertencentes a times contrários, que jogam a “pelada”.                                                                                                |
|  | Plano aberto: homem segura diversas bolas de futebol nas costas enquanto caminha por uma ponte na direção da câmera enquanto canta a música que toca. | mil!            | A imitação da firula pelo vendedor de bolas faz referência à molecagem do “futebol arte”. Ele desempenha uma “pedalada”, jogada comum de jogadores como Robinho e Neymar, que têm a molecagem como característica de jogo. |
|  | Meio primeiro plano: homem segurando diversas bolas de futebol nas costas, abre os braços, enquanto canta a música que toca.                          | É taça na       |                                                                                                                                                                                                                            |
|  | Plano médio: homem segurando diversas bolas de futebol nas costas, imita dribles no ar, sem bola, enquanto canta a música que toca.                   | raça,           |                                                                                                                                                                                                                            |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                                                          | DIMENSÃO VERBAL | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | Plano conjunto: câmera posicionada atrás de um gol em uma quadra de terra capta a imagem de uma bola entrando no gol enquanto alguns jogadores brincam de futebol.       | Brasil!         | A ocupação dos espaços urbanos pelo futebol também é retratada nestas duas cenas, que mostram cenários distintos, mas que possibilitam a prática do jogo. Na segunda cena, ainda se trata de uma quadra de outro esporte, o basquete, adaptada para o jogo de futebol, mostrando a predominância deste esporte em relação aos outros no Brasil. |
|    | Plano conjunto: câmera posicionada atrás de um gol em uma pequena quadra de cimento capta a imagem de uma bola entrando no gol enquanto três meninos brincam de futebol. | É taça na       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|   | Plano médio: torcedores comemoram um gol enquanto assistem uma partida de futebol pela TV, em um ambiente fechado.                                                       | raça,           | Assim como na vinheta da FIFA, a população é mostrada de costas, torcendo pela seleção, mas longe dos estádios onde estavam sendo realizados os jogos.                                                                                                                                                                                          |
|  | Plano fechado: torcedores comemoram enquanto cantam a música que toca.                                                                                                   | Brasil!”        | O futebol é constantemente relacionado à festa, celebração, assemelhando-se às características dionisíacas descritas por Gilberto Freyre.                                                                                                                                                                                                       |
|  | Primeiríssimo plano: torcedor comemora enquanto canta a música que toca.                                                                                                 |                 | O olhar atento do torcedor, que acompanha o jogo pela televisão, representa o encanto que o futebol exerce sobre os brasileiros.                                                                                                                                                                                                                |

| IMAGEM                                                                            | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                                                                                             | DIMENSÃO VERBAL                                             | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                      |
|-----------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | Plano conjunto: torcedores que assistem à partida pela tv comemoram um gol, focalizados de costas, enquanto o slogan da campanha (somos todos um só) surge por sobre a imagem, seguido do logo da emissora. | Voz do narrador: “Agora, cada vez mais, somos todos um só!” | O slogan da emissora sugere a unidade entre torcedores, seleção e emissora durante a Copa, estimulando que os telespectadores acompanhem as partidas pela Globo. |
|  |                                                                                                                                                                                                             |                                                             |                                                                                                                                                                  |

Fonte: Elaboração da autora.

Tabela 7 - Decupagem da vinheta da FIFA produzida para a Copa do Mundo de 2014

| DECUPAGEM VÍDEO “2014 FIFA WORLD CUP – OFFICIAL TV OPENING” – VINHETA FIFA PARA A COPA 2014 |                                                                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| IMAGEM                                                                                      | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                                                                                                      | DIMENSÃO VERBAL                                                                                                                                                   | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|          | Câmera segue o menino mulato <sup>2</sup> que brinca de bola em plano médio, focalizando-o pelas costas, numa paisagem típica de uma favela do Rio de Janeiro (presença de ícones como o Bondinho do Pão de Açúcar). | Trilha sonora musicalizada, assemelhando-se aos ritmos executados pelas escolas de samba, sem presença de letra, apenas uma vocalização que repete os sons “oêa”. | A animação se inicia destacando um clássico contraste da sociedade brasileira. O menino, utilizando as cores do uniforme da seleção brasileira, está no que parece ser uma comunidade (favela). No entanto, na cena seguinte, o que se vê ao fundo é uma paisagem de bairros mais comumente frequentados pela classe média, com altos prédios e grandes apartamentos. O menino, que se torna o “personagem principal” da vinheta, parece residir na comunidade. |
|          | Menino focalizado em plano fechado, com câmera em ângulo contra-plongée com prédios encontrados em bairros mais nobres e a presença de outro ícone característico do rio de janeiro ao fundo (cristo redentor).      |                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |

<sup>2</sup> Embora a expressão “mulato” seja rechaçada por alguns movimentos raciais por trazer uma conotação pejorativa e animalista, neste trabalho ela foi utilizada como forma de estabelecer um diálogo com o célebre texto de Gilberto Freyre, já citado anteriormente, intitulado *Football Mulato*.

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | DIMENSÃO VERBAL | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                               |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | <p>Câmera em constante movimento, iniciando-se em um primeiríssimo plano com enfoque ao olho deslumbrado do menino.</p>                                                                                                                                                                                                           |                 | <p>O fascínio percebido no olhar do menino remete ao encantamento de todos os brasileiros a respeito do país e do evento que se realizaria nele.</p>                      |
|   | <p>Plano conjunto em que são vistas diversas pessoas em um local entendido como Brasília, pela presença de ícones como a Catedral Metropolitana, o Congresso Nacional e o estádio Mané Garrincha, com balões no céu representando as bandeiras do Brasil, Austrália, Espanha, Coreia do Sul, Gana e Costa Rica.</p>               |                 | <p>As cenas em que se mostram as paisagens de cada cidade sede utilizam estereótipos de cada localidade para facilitar sua identificação.</p>                             |
|  | <p>Plano geral: personagens em um cenário que parece ser uma mescla entre Curitiba e Porto Alegre, pela presença de ícones como os estádios Beira Rio e Arena da Baixada, o Monumento ao Expedicionário e o Jardim Botânico, com bandeiras do Chile, Bósnia-Herzegovina, Irã, Uruguai, Colômbia, Inglaterra, Argélia e Suíça.</p> |                 | <p>Nesta cena, as cidades de Curitiba e Porto Alegre aparecem unificadas, como se por pertencerem ambas à região sul do país, fossem praticamente a mesma localidade.</p> |
|  | <p>Plano médio em contra-plongée: multidão de pessoas ao fundo e dois homens que brincam de futebol nas ruas de São Paulo. Presença de ícones como o símbolo do estado de São Paulo na calçada, a Ponte Estaiada ao fundo e a ilustração do estádio Arena Corinthians no muro.</p>                                                |                 | <p>Durante toda a vinheta percebe-se a predominância de pessoas negras ou pardas relacionando-se de alguma forma com o futebol.</p>                                       |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | DIMENSÃO VERBAL                                                     | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                       |
|-------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | <p>Câmera em movimento por um cenário que lembra uma floresta até chegar em plano aberto na cidade de Cuiabá, identificada pela paisagem, presença de animais como a arara e o estádio Arena Pantanal.</p>                                                                                                                                                                                                    |                                                                     | <p>Tanto o Pantanal como Manaus são representados com estereótipos exagerados, como os estádios de ambas as cidades se localizassem no meio de uma selva.</p>                                     |
|    | <p>Câmera segue em movimento até chegar em plano aberto em Manaus, identificada pelo estádio Arena da Amazônia e pela paisagem de floresta e rios.</p>                                                                                                                                                                                                                                                        | <p>(Única frase presente na trilha):<br/>Juntos num só coração!</p> |                                                                                                                                                                                                   |
|  | <p>Plano médio em contra-plongé apresentando, pelas costas, um homem usando uma bicicleta e descendo pelo Pelourinho na cidade de Salvador, representada pelas vestimentas características dos personagens, o cenário de festa e o estádio Fonte Nova ao fundo, finalizando a cena em plongée, com bandeiras representando as bandeiras da Argentina, Alemanha, Itália, México, Costa do Marfim e Grécia.</p> |                                                                     | <p>Salvador também é representado com características estereotipadas, como as bandeirolas e as vestimentas do homem que anda de bicicleta, mas diferentes do que é comumente visto na cidade.</p> |

| IMAGEM                                                                              | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | DIMENSÃO VERBAL | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|-------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|    | <p>Plano conjunto apresentando jogadores de futevôlei em uma praia do litoral nordestino, representada pela presença de modelagens de areia dos estádios Arena Pernambuco (Recife), Arena das Dunas (Natal) e Castelão (Fortaleza), com bandeiras ao fundo do Equador, França, Estados Unidos, Camarões, Portugal e Croácia.</p> |                 | <p>Os três estádios localizados na região Nordeste poderiam ter sido mais valorizados, com a caracterização de cada uma das cidades sede. No entanto, aparecem reunidos numa paisagem que mais se assemelha ao litoral carioca.</p>                                                      |
|   | <p>Plano aberto em plongée apresentando um helicóptero sobrevoando o estádio do Maracanã em festa, como se fosse a abertura da competição, com imagens das bandeiras de Honduras, Japão, Rússia, Bélgica e Nigéria.</p>                                                                                                          |                 | <p>O evento da Copa do Mundo é sempre mostrado pelo lado de fora do estádio. Em momento algum se tem contato com o acontecimento das partidas oficiais.</p>                                                                                                                              |
|  | <p>Plano conjunto apresentando uma multidão focalizada pelas costas em plongée com o estádio do Maracanã ao fundo, como se todos estivessem contemplando as festividades do lado externo do estádio, num cenário que se assemelha a uma comunidade.</p>                                                                          |                 | <p>A população brasileira é sempre apresentada festejando o acontecimento da Copa do Mundo no país, embora nunca seja vista dentro do estádio. Neste caso, ela aparece retratada nos pontos altos de uma comunidade, com vista para o Maracanã, que está a certa distância do local.</p> |
|  | <p>Plano aberto: menino passa pela multidão que acompanha os jogos na comunidade, subindo a um lugar mais alto para ter uma vista melhor.</p>                                                                                                                                                                                    |                 | <p>O menino passa por entre as pessoas que estão festejando e consegue se localizar em um ponto mais alto que todos, fazendo referência à ascensão do negro e das classes mais baixas por meio do futebol.</p>                                                                           |

| IMAGEM                                                                             | DIMENSÃO VISUAL                                                                                                                                                                           | DIMENSÃO VERBAL | COMENTÁRIOS                                                                                                                                                                                                |
|------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|   | Primeiríssimo plano em contra plongée do mesmo menino apresentado no início da animação olhando com expressão de fascínio para as luzes do estádio que aparecem refletidas em seus olhos. |                 | Embora o deslumbramento do menino seja retratado tanto no início quanto no final da vinheta, ele só acompanha a competição do lado de fora dos estádios, assim como a maior parte da população brasileira. |
|   | Plano aberto em plongée da representação do Brasil com os estádios em relevo, destacando-se cada um em sua respectiva localidade.                                                         |                 | Os estádios aparecem próximos aos estados em que se localizam, mas deslocados no mapa do Brasil, dando a entender que o evento abrangeu todo o país.                                                       |
|  | Luzes que saem de cada um dos estádios e se dirigem para cima, formando ao fim o logotipo da Copa do Mundo Fifa 2014.                                                                     |                 |                                                                                                                                                                                                            |

Fonte: Elaboração da autora.

### 3.1.2 – Os Princípios Metodológicos de Foucault para a Análise dos Discursos

No início da fundamentação teórica foram abordadas as classificações propostas por Michel Foucault (1999) sobre as formas de organização dos discursos. Através delas, o autor quer apresentar que os discursos não se tratam de representações simbólicas do mundo, ou de uma realidade exterior e universal, mas são moldados por sentimentos gerados por diferentes núcleos, seja o familiar ou o social, que fazem crer em uma certa oposição entre a verdade (não absoluta, mas determinada pela sociedade e seus costumes) e o que seria considerado falso.

Desta forma, os procedimentos considerados por Foucault como **externos** fariam referência à limitação e exclusão do discurso. Já os procedimentos **internos** estariam ligados à rarefação de certas falas e as **condições de funcionamento** diriam respeito à sujeição dos discursos, enquanto os outros dois primeiros processos seriam responsáveis pela organização dos discursos propriamente dita. Identificados tais princípios de exclusão dos discursos, é necessário abordar neste momento quais as proposições metodológicas sugeridas pelo autor para que se classifiquem os discursos que deverão ser analisados, sendo possível, assim, observar de que forma a fala midiática se distancia da acadêmica atual.

O autor traça algumas exigências de método, cuja observação é necessária para que se desenvolva a análise. A primeira delas é a **inversão**, ou seja, a necessidade de se conhecer os motivos de rarefação de um discurso. É pela inversão que deve se realizar um “recorte” estratégico do discurso, invertendo o significado inicialmente proposto, negando-o e evidenciando seus significantes. “[...] é preciso reconhecer, ao contrário, o jogo negativo de um recorte e uma rarefação” (FOUCAULT, 1999, p. 52).

O segundo princípio seria o de **descontinuidade**, que diz respeito ao fato da existência de discursos que sofrem a rarefação não querer dizer que ele seja reprimido por um outro grande e ilimitado discurso. Portanto, a função da análise não é dar voz ao discurso rarefeito, mas tratá-los como práticas descontínuas que se cruzam, mas também se ignoram e excluem-se mutuamente. “Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 1999, p. 52).

Outra exigência de método é a **especificidade**, em que o autor afirma que não se deve tomar um discurso como um jogo de significações prévias, mas sim como uma prática que se impõe às coisas, sendo esta prática o princípio da regularidade dos discursos. A especificidade não tem a função de fazer com que um discurso, ainda que proferido por fontes outorgadas, seja entendido como uma verdade absoluta, já que a vontade da verdade foi disposta em cada indivíduo por outros discursos prévios que se adequavam ou se distanciavam do que sua comunidade aceitava. “Deve-se conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas. [...] e é nesta prática que os acontecimentos do discurso encontram o princípio de sua regularidade” (FOUCAULT, 1999, p. 53).

A quarta regra seria a da **exterioridade**, que seria a observação do discurso a partir dele próprio e passando às suas condições externas de possibilidade. Deve-se fixar o olhar do discurso inicialmente nele mesmo, limitando a busca de um núcleo de verdades significativas, para posteriormente procurar pela compreensão da rede de significantes que se encontra estabelecida exteriormente e que se liga ao discurso analisado. Foucault (1999, p. 53) explica esta regra dizendo que ela consiste em “[...] não passar do discurso para seu núcleo interior e escondido [...], mas, a partir do próprio discurso, de sua aparição e de sua regularidade, passar às condições externas de possibilidade [...]”.

Além de tais exigências, Foucault (1999) ainda traça quatro princípios reguladores para a análise dos discursos: a noção de **acontecimento**, a de **série**, a de **regularidade** e a de **condição de possibilidade**. Tais noções são opostas a princípios que balizaram a história na identificação dos discursos, ou seja, a criação, unidade, originalidade e significação. A noção de **acontecimento** refere-se ao fato de que os discursos não são criados por um sujeito fundante,

mas produzidos por eventos aleatórios, mesmo que contextualizados. Já a noção de **série** se relaciona ao princípio da descontinuidade do discurso, o que pressupõe que não exista uma série gerando uma linha evolutiva inquestionável, ou uma rede de significados. A noção de **regularidade** apresenta a impermanência do discurso, ou seja, determinado acontecimento pode ser considerado original ainda que o sujeito fundante ou a continuidade de discursos anteriores não o sejam. Por fim, a noção de **condição de possibilidade** diz que não há núcleos de significados nos discursos, mas sim a possibilidade de verdade no conjunto das redes de significantes.

O autor faz duas observações a respeito de tais princípios. A primeira delas faz menção à história e mostra que ele não acredita que a função dos historiadores seja privilegiar a análise de longa duração em detrimento do acontecimento singular, mas que a forma como a história é praticada atualmente tende a alargar a importância dos acontecimentos, descobrindo neles novas fontes de informação. A segunda refere-se à filosofia, já que o autor questiona como deve-se abordar os discursos, tratando-os como conjuntos de acontecimento, se os filósofos levam o acontecimento em tão pouca consideração. Ao mesmo tempo, Foucault questiona como tratar a descontinuidade dos acontecimentos discursivos como séries homogêneas, embora distintas umas das outras. Desta forma, ele conclui que é necessário introduzir a causalidade como uma categoria na produção dos acontecimentos.

Após apresentar os princípios reguladores, Foucault (1999) aborda efetivamente as proposições metodológicas que propõe para analisar a exclusão dos discursos. Ele classifica duas formas possíveis de estudo: o **conjunto crítico** e o **conjunto genealógico**. O **conjunto crítico** coloca em prática o princípio da inversão, citado anteriormente, procurando identificar as formas de exclusão, limitação e apropriação, mostrando como os discursos se formaram e de que forma se comportaram ao decorrer dos tempos. Já o **conjunto genealógico** utiliza outros princípios: verifica como se deu a formação das séries de discursos de acordo com os sistemas de coerção e analisa as normas específicas e as condições de aparição de cada uma, abordando os conceitos de descontinuidade, especificidade e exterioridade citados anteriormente.

Identificados os objetivos de cada método de análise, Foucault (1999) descreve como cada um deve ser empregado. No caso da análise crítica, ele propõe que sejam identificados todos os sistemas de exclusão provocados por determinado discurso, aprofundando-se nos motivos que o diferenciaram de outros discursos contemporâneos. O autor indica que deve ser feita uma investigação acerca da época em que tais discursos foram formados e as condições que contribuíram para que ele fosse excluído ou destacado dos demais. É também na análise crítica que se identificam os processos de limitação dos discursos. Em resumo, é neste tipo de

estudo que se aplicariam as categorias traçadas por ele e explicadas no primeiro capítulo deste trabalho, identificando quais as formas de exclusão sofridas pelos diferentes discursos.

Em relação à proposição genealógica, há uma abordagem sobre a formação dos discursos no decorrer do tempo. Enquanto a análise crítica estuda o processo de rarefação dos discursos, mas também seu reagrupamento e unificação, a genealógica pretende estudar sua formação dispersa, descontínua e regular; a principal diferença entre ambas seria a perspectiva e delimitação dos estudos. A verificação genealógica busca compreender como os mecanismos de interdição dos discursos agiram em séries de discursos semelhantes e contemporâneas, mas pertencentes a fontes diferentes. “O estudo só poderá ser feito, portanto, conforme pluralidades de séries nas quais interfiram interditos que, ao menos em parte, sejam diferentes de cada uma delas” (FOUCAULT, 1999, p. 67-68). O estudo genealógico procura entender como diferentes fontes contribuíram para que se criasse um único discurso, propagado e difundido posteriormente como se fosse singular.

Como o próprio autor relata, uma análise apoia-se na outra para que possam ser eficazes. Desta forma, é preciso empregar a metodologia crítica, juntamente com o estudo genealógico, para que se possa entender de que forma certos discursos foram tidos como verdadeiros e dominantes em relação a outros que se encontram menos evidentes em determinados grupos sociais. “[...] toda tarefa crítica, pondo em questão as instâncias do controle, deve analisar ao mesmo tempo as regularidades discursivas através das quais elas se formam; e toda descrição genealógica deve levar em conta os limites que interferem nas formações reais” (FOUCAULT, 1999, p. 66).

Portanto, o uso destas proposições metodológicas foi feito da seguinte forma: a pesquisa bibliográfica realizada no segundo capítulo deste trabalho possibilitou o desenvolvimento da análise genealógica, mostrando o surgimento do discurso do “futebol arte”, desde o texto fundador de Gilberto Freyre (1938) até sua utilização como objeto de manipulação pela política e de persuasão pela mídia. Já em relação à análise crítica, foram identificados quais artifícios característicos do discurso sobre o “futebol arte” foram utilizados nas produções audiovisuais de cada emissora e da federação organizadora da Copa do Mundo para que se pudesse entender como a mídia tem contribuído para o processo de ordenação dos discursos sobre o futebol brasileiro. Também na análise crítica ambos os discursos foram classificados de acordo com as formas de exclusão definidas por Foucault (1999).

A seguir será explicada a segunda metodologia utilizada neste trabalho, que pretendeu verificar a estratégia de construção dos vídeos, mostrando como eles trabalharam utilizando o “futebol arte” como forma de persuasão dos telespectadores.

### 3.1.3 – Metodologia de Análise Fílmica na Publicidade

Os *spots* publicitários, como são chamados por Vanoye e Goliot-Lété (2012), são produtos audiovisuais de curta duração (em torno de 15” a 1’30”) que procuram explorar o máximo de possibilidades através de artifícios, como os sons, as imagens e a escrita. A combinação destes três elementos é o que resultaria em imagens e sons causando impressões, sensações e significações.

De acordo com Vanoye e Goliot-Lété (2012) todos os filmes publicitários possuem a mesma finalidade: vender um produto. Enquanto sua mensagem informativa seria transmitir o nome e a imagem do produto, a mensagem conativa e iniciativa se dirige ao espectador de forma a conduzi-lo à compra. O que diferencia os *spots*, portanto, são as estratégias utilizadas em cada um. Existem três estratégias diferentes, que podem combinar-se entre si: a **argumentação direta**, que é sustentada na descrição e explicação do produto; a da **narração**, que serve para despertar o interesse de todos e fazer com que o produto na história contada seja um elemento de influência; e a terceira é a **sedução-fascínio**, onde não há narração.

Os *spots* que utilizam a estratégia da argumentação direta são essencialmente discursivos, sempre delegando a responsabilidade do discurso a algo ou alguém. O “personagem” nos vídeos que se utilizam dele é caracterizado por sua função, sua especialidade, como médicos, donas-de-casa, celebridades, etc. (normalmente aparecendo uniformizado para que se facilite a identificação de qual função ele cumpre). O discurso também pode ser atribuído a uma “voz em off”, uma voz que comenta as imagens descritivas, mas que não possui rosto, sendo comparada à voz do Saber e do Poder no cinema, dominando as imagens de modo a produzir-lhes um sentido. A argumentação direta normalmente é “formal”, ou seja, pode ser sustentada por signos visuais ou por signos retóricos.

A narração pode dar forma a uma narrativa completa ou não. O *spot* publicitário, neste caso, trabalha como um apanhado de fragmentos que poderia constituir uma história, se aproximando da ideia que temos dos *trailers* de filmes. Na narração, pode-se identificar um ou mais atores que representam algum tipo de papel facilmente identificável e que estão inseridos em uma cronologia. A principal característica desta estratégia é possibilitar a identificação do sujeito com um destes atores.

Qualquer narrativa conta os problemas de um sujeito desejante com os obstáculos à realização de seus desejos. A narrativa baseia-se num estado de carência, no impulso de um sujeito em direção a um objeto, nos conflitos entre o Desejo e a Lei. O espectador identifica (inconscientemente) uma estrutura

que ele conhece e identifica-se (não necessariamente de maneira estável) com um dos atores da história. (VANOYE; GOLLOT-LÉTÉ, 2012, p. 110)

Já na sedução-fascínio, as imagens e sons apresentam qualidades e características, denotadas ou conotadas, que pertencem ao produto ou ao sujeito utilizador do produto. Tais qualidades podem referir-se à juventude, força, atividade, sedução, etc. Entre os artifícios técnicos da sedução-fascínio, estão:

- A elipse.
- A câmera lenta (flexibilidade e desaceleração do movimento, causando suavidade).
- A fusão rápida (quatro a oito imagens, permitindo encadear insensivelmente duas imagens, sugerindo um mundo mais doce e fácil).
- Utilização de filtros que permitem a obtenção de cores “peneiradas”.
- Utilização de música-ambiente estereotipada, codificada.
- Jogo de alusões, referências diretas ou indiretas.
- Montagem rápida de imagens contrastadas, produzindo um efeito de choque visual.

Ainda segundo Vanoye e Goliot-Lété (2012, p. 109) “o produto aparece como *doador* de 15” a 1’30” de prazer audiovisual”. Mais do que isso, tal estilo de produção não objetiva construir uma forma, mas impor uma marca.

Esta metodologia foi aplicada da seguinte forma: depois de decupados os vídeos, eles foram analisados quadro a quadro, bem como a peça inteira, para que pudessem ser identificados os artifícios pertencentes às estratégias abordadas por Vanoye e Goliot-Lété (2012), possibilitando que se verificasse qual formato foi utilizado para sua construção através das características do “futebol arte”. Após traçados os procedimentos metodológicos que foram utilizados, a seguir se verá sua aplicação efetiva ao objeto escolhido para análise para que se verifiquem as questões lançadas a princípio.

### **3.2 – Análise das Produções Audiovisuais**

Neste momento, serão apresentadas as análises dos três produtos audiovisuais escolhidos para a pesquisa através da metodologia proposta para que se possa entender como cada um foi construído para atrair o público e de que forma o conteúdo empregado neles tem influenciado e contribuído para a maneira como o brasileiro entende o futebol, enxerga este esporte e o incorpora em sua noção de nacionalidade.

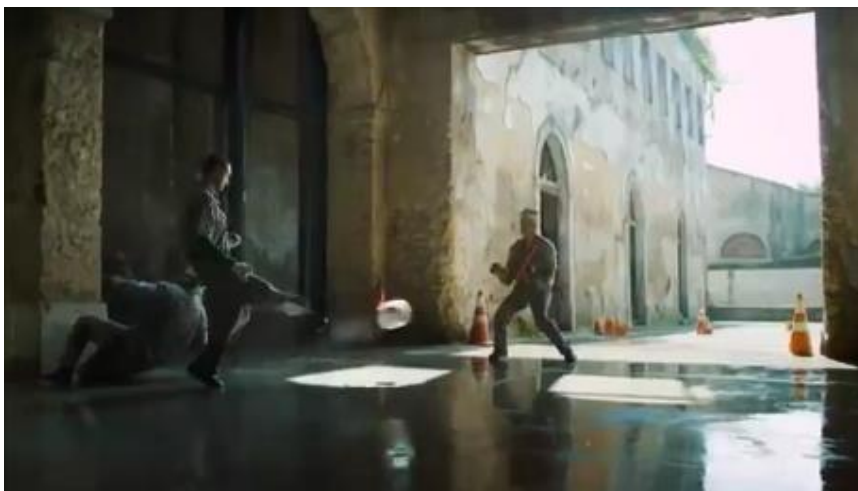
### 3.2.1 – Análise segundo as Estratégias de Construção

Em relação ao videoclipe da Band e à chamada da Globo analisados neste estudo, encontram-se muitas das características da estratégia de sedução-fascínio traçada por Vanoye e Goliot-Lété (2012). A elipse está presente em vários momentos na trilha sonora dos dois vídeos, como no caso da música tocada na vinheta da Band, que diz “...e olha lá, vai gingar, vai fazer gol de placa!”, omitindo a palavra “seleção” ou “jogadores” por estar subentendido, ou no caso da música da vinheta da Rede Globo, que diz “Dessa vez é no Brasil...”, omitindo a figura da Copa do Mundo pelo mesmo motivo. Já a câmera lenta pode ser vista também em alguns momentos, como na cena em que o jogador corre para comemorar o gol em direção à torcida (Figura 1) ou quando um funcionário da construção civil chuta uma bola a um gol improvisado, em uma partida de futebol informal (Figura 2). As imagens a seguir foram capturadas e elaboradas pela autora:

Figura 1 - A câmera lenta no videoclipe da Band.



Figura 2 - A câmera lenta na chamada da Globo.



A fusão rápida também está presente nos vídeos. Através da decupagem, puderam ser percebidos de sete a nove planos em um mesmo trecho da trilha sonora nas duas produções audiovisuais, com mudanças muito rápidas e bruscas em relação à posição da câmera e focalização do objeto. Talvez um dos elementos mais evidentes seja a utilização de música ambiente estereotipada, já que a dimensão sonora em ambos os vídeos é tão marcante. No caso do videoclipe da Band, o estilo escolhido foi o samba, cuja relação com o futebol brasileiro já é tão conhecida e explorada. Na chamada da Globo, o estilo escolhido se aproxima mais do pop, porém ao final é introduzida a famosa música “Coração Verde e Amarelo” desenvolvida para a Copa do Mundo de 1994, o que causa a identificação imediata do público com o assunto tratado no vídeo.

O jogo de alusões é algo presente nos dois produtos audiovisuais também, já que ambos trazem referências diretas e indiretas, tanto visuais quanto textuais e sonoras, sobre o futebol sendo praticado no Brasil e a maneira como os brasileiros se posicionam diante de um evento como a Copa do Mundo. Por fim, também são utilizadas em ambos os vídeos as montagens rápidas de imagens contrastadas (Figuras 3 e 4), principalmente quando são feitas comparações entre jogadas das pessoas e dos jogadores através de elementos visuais.

Figura 3 - Sequência de imagens semelhantes contrastadas por cenários diferentes (GLOBO)



Figura 4 - Sequência de imagens semelhantes contrastadas por cenários diferentes (BAND)



Já em relação à vinheta produzida pela FIFA, como Vanoye e Goliot-Lété afirmam, um mesmo filme publicitário pode ser construído utilizando-se duas ou mais estratégias combinadas. Neste caso, podem ser percebidas características pertencentes a duas das estratégias traçadas pelos autores: a narração e a sedução-fascínio.

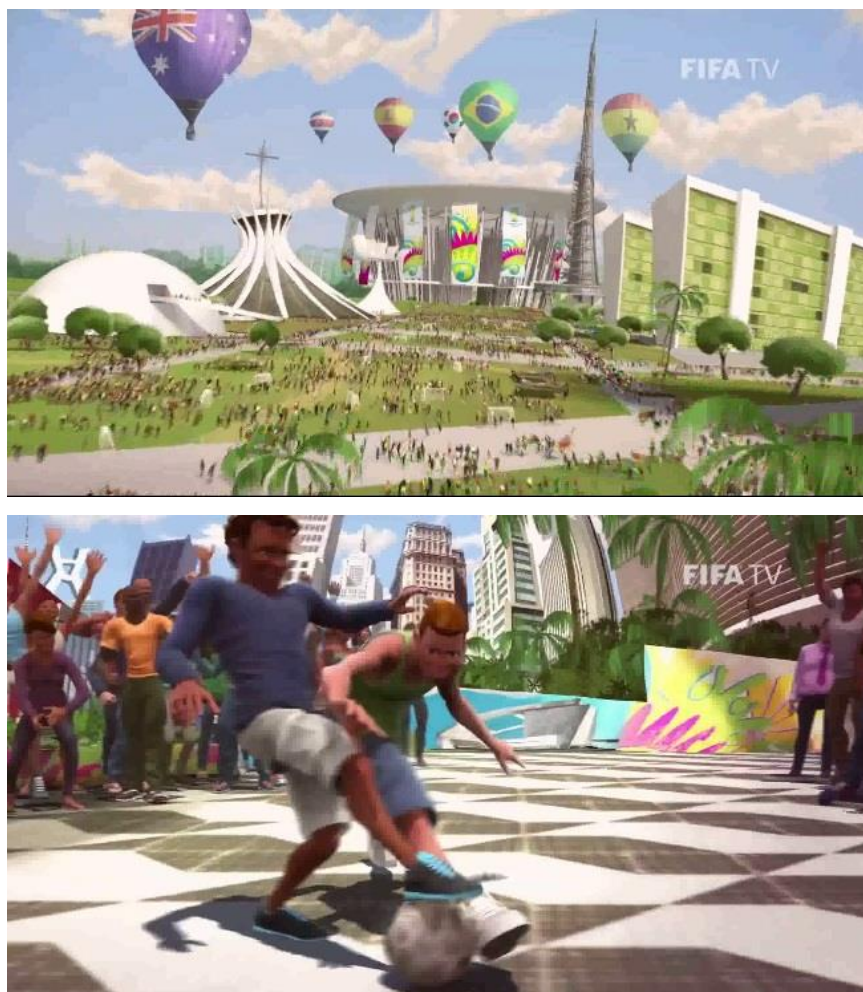
Sobre a narração, pode-se perceber a tentativa de se construir uma história através das cenas que se seguem. Ao iniciar a animação com a imagem do menino, observando de longe a paisagem do Rio de Janeiro, caracterizada pela enseada de Botafogo e pelo Pão de Açúcar, tem-se quase a mesma sensação provocada pelas famosas frases que iniciam as histórias infantis (era uma vez...), intensificada pela expressão de fascínio em seu rosto (Figura 5). Este personagem pode ser identificado como um dos atores da narrativa descritos por Vanoye e Goliot-Lété, sendo o sujeito desejante (desejo de assistir aos jogos da Copa do Mundo) com obstáculos à realização de seus desejos (impossibilidade financeira, de deslocamento, de tempo etc.), o que de certa forma causa a identificação da população com a história apresentada.

Figura 5 - Olhar de fascínio do menino (vinheta FIFA).



Logo após esta cena, há um desenrolar de imagens apresentando as diferentes cidades-sede da competição, cada qual com suas principais características, como trajes típicos da região, costumes, atrações turísticas e outros lugares-comuns que costumam ser evocados na representação de cada parte do Brasil (Figura 6). Tendo como início o Rio de Janeiro, onde se encontra o menino descrito anteriormente, a trama segue para Brasília (estádio Mané Garrincha), Curitiba e Porto Alegre (Arena da Baixada e Beira Rio, respectivamente), São Paulo (Arena Corinthians), Cuiabá (Arena Pantanal), Manaus (Arena da Amazônia), Salvador (Fonte Nova), o litoral nordestino (apresentando três estádios simultaneamente: Arena Pernambuco – Recife; Arena das Dunas – Natal; e Castelão – Fortaleza), Belo Horizonte (Mineirão), retornando, por fim, ao Rio de Janeiro (Maracanã). No final, todos os estádios se sobressaem no mapa do Brasil. As cenas se desenvolvem de forma a apresentar ludicamente as características de cada local onde aconteceriam os jogos da Copa do Mundo. Neste movimento, tem-se a impressão de que uma história é formada através da passagem das cenas, indo de região a região de forma aleatória.

Figura 6 - Algumas das cidades-sede: Brasília e São Paulo



Como descrito pelos autores da metodologia aplicada, a vinheta analisada não parece ter um desfecho, funcionando como um *trailer*, neste caso, da Copa do Mundo e das partidas de futebol que estavam por vir. Em relação à estratégia de sedução-fascínio, podem ser percebidos também alguns elementos característicos no objeto. A música estereotipada possivelmente é a característica que mais se sobressai: a escolha do samba para acompanhar imagens carregadas de referências à cultura brasileira.

O jogo de alusões está presente todo o tempo, caracterizando cada localidade apresentada por monumentos, paisagens, trajes ou costumes pelos quais podem ser facilmente identificadas, tornando-se desnecessário que cada cidade ou estádio seja nomeado ao decorrer do filme (Figura 7). Por fim, a montagem rápida de imagens contrastadas também é um recurso utilizado na construção da vinheta, que apresenta poucos cortes de uma cena a outra, dando a ideia de continuidade mesmo com o contraste entre cada quadro.

Figura 7 - Exemplo do jogo de alusões – Salvador (FIFA)



Através da análise dos três produtos audiovisuais sob a metodologia de Vanoye e Goliot-Lété (2012), pode-se perceber que as produções das duas emissoras e da federação organizadora da Copa do Mundo se enquadram na estratégia de sedução-fascínio a que eles se referem. Com os elementos utilizados, sem a presença de roteiros ou personagens, contando apenas com uma trilha sonora envolvente e imagens que causam a identificação do público, ambas as emissoras impõe sua marca como transmissoras da Copa do Mundo buscando seduzir os telespectadores e incentivá-los a acompanhar os jogos através delas. No caso da vinheta da Fifa, ela ainda pode ser classificada como uma narração, já que sua animação cheia de cenários ricos em detalhes parece contar, através dos olhos do personagem principal, o que se veria na Copa do Mundo no Brasil.

A seguir, será apresentada a análise realizada sob a ótica de Foucault (1999) em relação à ordem do discurso, na tentativa de se identificar de que forma os produtos midiáticos tem se utilizado do discurso do “futebol arte”, contribuindo para sua validação perante a sociedade, e sufocando a outra formação discursiva nascida atualmente no meio acadêmico a respeito da prática deste esporte no Brasil.

### 3.2.2 – Análise do Discurso Empregado nas Produções Audiovisuais

Após realizada a análise genealógica de Foucault (1999) através da pesquisa bibliográfica produzida na fundamentação teórica, que buscou apresentar a influência das falas política, midiática e acadêmica na formação do discurso sobre o “futebol arte” e do novo discurso que surge no meio acadêmico, chega o momento da análise crítica. Entendida a estratégia utilizada pelas produções audiovisuais, é necessário também neste momento, analisar

como o futebol, impregnado com elementos característicos do “futebol arte”, é utilizado de forma a contribuir para a difusão deste discurso na sociedade.

Um dos elementos que mais salta aos olhos no estudo dos produtos audiovisuais é a forma como a população comum aparece em posição de destaque. No videoclipe veiculado pela Band, embora a quantidade de imagens de pessoas comuns que jogam futebol, ou que torcem em estádios, não supere a de imagens dos jogadores profissionais, elas se apresentam em número considerável (Figura 8). No caso da Globo, isso é mais evidente, chegando ao ponto de toda a chamada ser composta por pessoas comuns, que incorporam o futebol em seu cotidiano, não fazendo referência alguma a qualquer jogador profissional (Figura 9).

Figura 8 - Pessoas jogando futebol (Band)



Figura 9 - Pessoas jogando futebol (Globo)



Já em relação à vinheta da FIFA, é claramente visível a forma como a população brasileira aparece caracterizada com elementos do “futebol arte”. O primeiro personagem que

se apresenta é exatamente o mulato, a quem Freyre faz referência o tempo todo nos textos já citados. Além disso, sua primeira ação na cena de abertura da vinheta é brincar de chutar a bola, como se fosse algo comum em seu cotidiano (Figura 10).

Figura 10 - Menino brincando de bola no Rio de Janeiro (RJ)



Outro aspecto importante de ser destacado é a trilha sonora. O fato de o videoclipe veiculado pela emissora Band utilizar o samba como estilo musical é exemplo da relação existente entre tal música com o futebol, causando identificação direta com o público. O uso de videografismos para descrever a letra da música sobre cada imagem que compõe a produção também é uma forma de auxiliar a aceitação da trilha sonora, para que ao se lembrar da música, o telespectador tenha em mente que os jogos que serão transmitidos pela emissora. O samba também foi escolhido para compor a dimensão sonora da vinheta da FIFA. Durante toda a animação, a trilha que acompanha as imagens é composta por este ritmo, assemelhando-se às músicas executadas pelas escolas de samba. Além disso, a ausência de letra, substituída por vocalizações, é uma forma de tornar a melodia acessível a toda a comunidade internacional que acompanhava o evento, lembrando algumas músicas executadas em jogos de capoeira, outra prática relacionada ao futebol segundo Gilberto Freyre. No caso da Globo, a emissora aposta em uma canção criada para a Copa de 1994 e que se tornou característica da Copa para causar a identificação imediata do público. Outro ponto a ser destacado é que todos os tipos de pessoas aparecem jogando futebol, e tendo uma habilidade considerável na arte de chutar uma bola, nos três produtos audiovisuais. Isso também aparece destacado na letra das trilhas sonoras, em frases como: “[...] no Brasil isso é normal/ em todo canto tem um craque mundial [...]”<sup>3</sup> ou “[...]”

<sup>3</sup> Trecho extraído da trilha sonora da chamada da emissora de TV Globo.

aqui tem um time de tradição/ ninguém treme na hora da decisão./ E olha lá/ vai gingar/ vai fazer gol de placa.”<sup>4</sup>.

Outra evidência nas peças é a grande quantidade de imagens de dribles em relação a de passes, ou seja, jogadas individuais em relação a coletivas. Isso gera uma contradição, já que, embora o futebol seja um esporte baseado na coletividade, a tendência é que o público brasileiro valorize mais a individualidade, já que ambas as trilhas sonoras das emissoras de TV, e no caso da Globo até o próprio slogan<sup>5</sup>, pregam pelo coletivo levando à unidade. Também no caso da FIFA, a unidade é vista somente na população que acompanha a realização da Copa do Mundo, mas as referências feitas ao futebol são todas através de dribles e jogadas individuais. Em contrapartida, o goleiro, que talvez seja o jogador mais individual entre a equipe, aparece poucas vezes durante todo o videoclipe e a chamada, sem haver nenhuma referência a esta posição na vinheta, o que pode levar à conclusão de que esta função não recebe tanta atenção pelos brasileiros quanto a dos atacantes, meio-campistas, etc. Mesmo quando foi representado, o goleiro aparece apenas em momentos de comemoração, no caso da Band, ou nos momentos em que sua falha leva a um gol, no caso da Globo. Apenas em uma das cenas da chamada é que a função do goleiro aparece devidamente sendo exercida, com a defesa de algumas bolas nas traves dos balanços.

A presença da mulher também é algo notável nas três produções. Tanto na chamada, quanto no videoclipe, quanto na vinheta, há a presença de mulheres jogando o futebol e com certa habilidade. Lances como receber a bola no peito, fazer “embaixadinhas” ou praticar o futevôlei, são representados através de personagens femininas, mostrando a inclusão cada vez maior deste público no futebol. A diversidade da população apresentada nos três produtos também representa a unanimidade da relação entre os brasileiros e o futebol. A massa que se mostra torcendo nos três casos é composta tanto por jovens quanto por idosos, por homens e mulheres de diferentes etnias, e até mesmo por animais, como o caso da cena em que o cachorro aparece vestido com a bandeira brasileira na chamada da Globo.

Já um dos aspectos mais característicos do futebol brasileiro, e pelo qual ele é mais valorizado, é também evidente nas três produções audiovisuais. A “molecagem” admirada neste esporte, tanto por brasileiros quanto por outros povos, é evidenciada pela quantidade de imagens de dribles ou truques com a bola, tanto pelos jogadores da seleção quanto pelas pessoas comuns que brincam de futebol, que é muito superior à quantidade de imagens que mostram passes entre jogadores (profissionais ou amadores). Além disso, assim como a visão de Freyre

<sup>4</sup> Trecho extraído da trilha sonora do videoclipe da emissora de TV Band.

<sup>5</sup> Slogan adotado pela TV Globo: “Somos um só”.

a respeito da relação do brasileiro com o futebol, no decorrer de cada vídeo é possível perceber que a prática deste esporte no Brasil foi retratada, quase que inteiramente, como uma brincadeira comumente praticada pelos habitantes do país. O caráter descontraído do futebol brasileiro, tão enfatizado por Gilberto Freyre quando comparado à frieza do europeu, é predominante na composição dos produtos audiovisuais. São evidentes os adjetivos empregados pelo autor para caracterizar o futebol no Brasil, como a surpresa, a manha, a leveza, a astúcia e a espontaneidade individual, além do jogo de pernas e de movimentos corporais próximos ao da capoeira (Figuras 11, 12 e 13).

Figura 11 - A leveza no futebol (Globo)



Figura 12 - A astúcia no futebol (Band)



Figura 13 - A espontaneidade individual no futebol (FIFA)



Outra característica também claramente perceptível é a ligação direta entre a Copa do Mundo e a festa no país, deixando de lado a tensão e seriedade típicas da preparação para uma competição a nível mundial (Figuras 14, 15 e 16). Mesmo quando são mostrados outros elementos culturais brasileiros, isso é feito também de forma festiva, como se durante a Copa do Mundo de 2014 a população do país estivesse em constante celebração, esquecendo-se de qualquer problema ou contratempo, o que, ao se analisar todo o contexto de sua realização no Brasil, não condiz com o cenário repleto de manifestações contrárias a ela (COM..., 2014). Isso parece representar a ideia que Freyre tinha a respeito da função de sublimação que o futebol exercia na sociedade brasileira. Segundo o autor, o futebol funcionaria como uma forma de escape para os instintos irracionais do ser humano, e especificamente neste caso, do cidadão brasileiro. Nas produções, é esta a impressão que temos a respeito da Copa do Mundo no Brasil: um evento que consegue sublimar o ser brasileiro, independente de quaisquer problemas ocorridos ou que ocorrem nos demais setores sociais.

Figura 14 - A festa do futebol (FIFA)



Figura 15 - A festa do futebol (BAND)



Figura 16 - A festa do futebol (GLOBO)



A transgressão à autoridade, característica também presente no futebol brasileiro, derivada da cultura do país, pode ser vista em diversos momentos no videoclipe e na chamada (Figuras 17 e 18). Na produção da Globo, ela aparece representada por imagens de pessoas utilizando bens privados ou públicos para brincar de futebol, como os balanços de um parque na praia funcionando como traves ou os carrinhos de um supermercado demarcando os limites de um campo. Já no produto da Band, ela pode ser percebida pela imagem em que um jogador aparece discutindo com o outro em campo, apontando o dedo para o mesmo como forma de provocação.

Figura 17 - A transgressão às regras (Band)



Figura 18 - A transgressão às regras (Globo)



Por fim, nota-se que a valorização do negro na sociedade brasileira ainda aparece relacionada ao futebol, como acreditava Freyre. Assim como o menino que se torna o

personagem principal da animação da FIFA, há a predominância de pessoas negras ou pardas nas três produções. Além disso, podem ser encontradas diversas imagens que detalham as partes do corpo mais utilizadas ao se praticar o futebol e a capoeira, e que são valorizadas pela cultura brasileira, como as pernas e os quadris, garantindo que o apelo a sensualidade exalada pelo enfoque de tais partes durante a prática do esporte seja mais um elemento para prender a atenção do público aos vídeos (Figuras 19 e 20).

Figura 19 - A valorização das pernas (Globo)



Figura 20 - A valorização das pernas (Band)



Nota-se, através da análise do conteúdo das produções escolhidas, que as três utilizam, majoritariamente, o discurso construído para se caracterizar o futebol brasileiro, carregado de simbologias nacionais, em detrimento do discurso pregado atualmente pela academia, sobre a prática deste esporte no Brasil. No entanto, isto acontece de formas distintas. No caso das produções desenvolvidas pelas emissoras de TV, o conteúdo do “futebol arte” é tão

exaustivamente utilizado, que isto acaba gerando várias semelhanças, tanto estéticas quanto nas trilhas sonoras, entre os dois vídeos (Tabela 8):

Tabela 8 - Semelhanças estéticas entre os materiais da Globo e da Band

| GLOBO                                                                               | BAND                                                                                 |
|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|
|    |    |
|   |   |
|  |  |
|  |  |

**Fonte:** Elaboração da autora.

O drible está presente em ambos os vídeos, e até mesmo o enquadramento escolhido para retratar a cena é semelhante nas duas produções. A disputa de bola normalmente é retratada por dois personagens, o que caracteriza ainda mais a individualidade da jogada que quer ser transmitida. Além disso, a praia é um ambiente muito explorado, tanto pela chamada, quanto

pelo videoclipe, onde também é apresentada o drible e a ginga referentes ao “futebol arte”, fazendo menção à informalidade e ao lazer relativos à orla, remetendo à figura do malandro carioca, que passava horas neste local. Por fim, as cenas que mostram trabalhadores em um cenário que se assemelha a uma ponte são muito parecidas. Embora os personagens pertençam à setores diferentes do mercado de trabalho, ambos aparecem acompanhados de pelo menos uma bola, deixando suas obrigações de lado para se envolver de alguma forma com o futebol, seja cobrando “embaixadinhas” ou festejando e simulando firulas.

Em relação às trilhas sonoras, ambas utilizam gírias para representar a popularidade do futebol. Expressões como “vamo que vamo” (vamos que vamos), “na real” (na realidade)<sup>6</sup>, “e a galera” e “vai que dá, Brasil”<sup>7</sup> são alguns dos exemplos da linguagem coloquial que foi utilizada na letra de ambas as músicas. Outros elementos bastante característicos presentes na chamada e no videoclipe são a paixão e a garra relativas ao futebol brasileiro. Em momentos como os trechos “[...] são milhões contra milhões/ de **alucinados/ apaixonados/** pela bola que rola no gramado [...]”<sup>8</sup> e “[...] no Brasil isso é normal/ em todo canto tem um craque mundial/ cheio de **paixão/** buscando a vitória, sempre a vitória/ persegue a taça e vai com **raça** até o final!”<sup>9</sup>, são percebidas palavras que fazem relação direta ao sentimento envolvido no esporte, característico do futebol dionisíaco de Freyre, mais passional em relação ao apolíneo. A chamada da Globo ainda faz referência a outro elemento comumente relacionado ao futebol brasileiro, a religião, quando se diz na letra da trilha sonora “[...] pra jogar junto na **fé** [...]”.

No caso da vinheta da FIFA, embora os elementos característicos do “futebol arte” de Freyre também sejam utilizados de forma excessiva, talvez por se tratar de uma produção veiculada internacionalmente, ela foi um tanto quanto caricaturada no que diz respeito a simbologias referentes ao Brasil. O fato de representar Manaus e Cuiabá como uma verdadeira selva, as vestimentas utilizadas pelos personagens em Salvador e a distância em que a população é representada em relação ao estádio, como forma de caracterizar suas condições financeiras e sociais, são exemplos do conjunto de excessos ao se caracterizar o país na produção. Além disso, o formato escolhido pela FIFA para a criação da peça de divulgação foi a animação, diferentemente das produções das emissoras que utilizaram imagens reais de pessoas e personagens. Isto pode ter contribuído ainda mais para que a vinheta se excedesse nos estereótipos brasileiros em relação à chamada e ao videoclipe.

---

<sup>6</sup> Expressões extraídas da letra da música do videoclipe da Band.

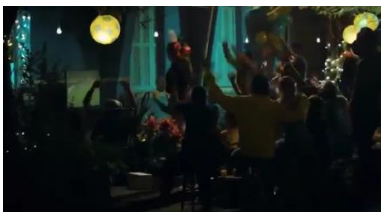
<sup>7</sup> Expressões extraídas da letra da música da chamada da Globo.

<sup>8</sup> Trecho extraído da letra da música do videoclipe da Band.

<sup>9</sup> Trecho extraído da letra da música da chamada da Globo.

Contudo, ainda existem cenas que se assemelham entre as três produções (Tabela 9):

Tabela 9 - As semelhanças entre as três produções

| GLOBO                                                                               | FIFA                                                                                 | BAND                                                                                 |
|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                     |    |   |
|                                                                                     |    |   |
|                                                                                     |   |  |
|  |  |                                                                                      |

**Fonte:** Elaboração da autora.

O estádio do Maracanã visto de cima (em perspectiva contra-plongée) é um tipo de cena presente tanto na vinheta da FIFA quanto no videoclipe da Band. No entanto, enquanto no videoclipe a imagem aparece no início do vídeo, e posteriormente se desencadeia um conjunto de cenas que apresentam uma visão de dentro do estádio com os jogadores em campo, na vinheta esta imagem faz parte das últimas cenas da animação, sendo a única visão do estádio, ou seja, do lado de fora.

O menino mulato que representa a ligação da cultura afrodescendente com o futebol também está presente na vinheta e no videoclipe. Contudo, enquanto na produção da FIFA ele aparece com vestimentas semelhantes ao uniforme da seleção brasileira de futebol e de chinelo de dedo, brincando com uma bola nos telhados de uma favela no Rio de Janeiro, no vídeo da Band ele é representado por um menino sem camisa e descalço, visto em uma quadra de cimento

a céu aberto, também brincando de bola, fazendo referência às “peladas”, que são despojadas de vestes ou equipamentos específicos para as partidas oficiais.

O drible e a disputa de bola também são retratados nas produções da FIFA e da Band em cenas semelhantes. No caso da FIFA, a disputa acontece por dois rapazes, um negro e outro caucasiano, nas ruas de São Paulo. Já no caso da Band, a disputa se dá também durante uma “pelada”, por dois jovens pardos vestidos somente com calções, em uma quadra de cimento. Na vinheta, podemos enxergar todo o corpo dos personagens, e inclusive a população que torce por eles ao fundo; o que não acontece no videoclipe, que preferiu focalizar a cena nas pernas dos jogadores, dando mais uma vez o enfoque a estas partes do corpo.

A comparação com a produção da Globo se dá na forma como a torcida é apresentada. Enquanto na vinheta a população que comemora a realização dos jogos está em uma comunidade do Rio de Janeiro, bem afastada do estádio do Maracanã, na chamada ela aparece em frente à TV, aparentemente assistindo as partidas pela emissora. Embora estejam em diferentes localizações, a cena é apresentada de forma a representar o que esta massa está vendo, focalizando-a pelas costas. E em ambos os casos, as pessoas acompanham a realização do evento à distância, fora dos estádios, mesmo se tratando de um Mundial realizado em seu país.

Cabe agora, através das diversas formas de exclusão, limitação e apropriação do discurso lançadas por Foucault (1999), classificar como, possivelmente, a fala midiática se sobrepõe à acadêmica em meio à sociedade. De acordo com as categorias referentes aos processos externos citadas pelo autor, pode-se entender que o discurso midiático acerca do futebol brasileiro se enquadra no que Foucault (1999) chama de “vontade da verdade”. Como ele mesmo diz, pouco se discute sobre a vontade da verdade, já que este processo de exclusão considera que o próprio discurso proferido é a verdade. Talvez através deste mecanismo, a ideia do “futebol arte” foi tão propagada pela mídia que se tornou verdadeira em meio à sociedade. Isso explicaria porque o discurso da academia a respeito da forma como este esporte é praticado no Brasil, não é acolhido também por ela, por parecer “falso” perante o que é publicamente tido como “verdadeiro”, limitando-se a um grupo restrito de indivíduos.

Pode-se perceber, no exemplo das produções audiovisuais, que os pontos-chaves utilizados na construção de ambas se baseiam nesta “verdade”, propagando um tipo de relacionamento utópico, porém aceito, entre a sociedade brasileira e o futebol, como uma massa que abre mão de deveres e obrigações para acompanhar a seleção brasileira durante a Copa do Mundo. Isso é claramente percebido na trilha sonora escolhida pela chamada da Globo e pelo videoclipe da Band, em frases como: “[...] e a galera/ veste a camisa amarela e entra em campo/

“pra” jogar junto na fé [...]”<sup>10</sup>, ou “[...] dizem que são 11 contra 11/ na real são milhões contra milhões/ de alucinados/ apaixonados/ pela bola que rola no gramado [...]”<sup>11</sup>. No caso da vinheta da FIFA, esta característica fica clara quando a população da comunidade aparece fascinada com a realização do evento, esquecendo-se de quaisquer problemas sociais e econômicos para acompanhar a competição, ainda que longe do estádio.

Sobre os processos internos de exclusão, ao que parece, o discurso do “futebol arte” classifica-se no que Foucault (1999) chama de “comentário”, visto que o imaginário construído pela relação entre este esporte e a cultura do Brasil tornou-se tão enraizado na sociedade, que quando é abordado, o que se gera são apenas versões que o repetem, mas não o negam. Isto pode ser percebido também, não somente nas produções, que levam quase que à exaustão diversos elementos culturalmente característicos da sociedade brasileira, mas também em noticiários esportivos, que acabam gerando o que Umberto Eco (1984) chamou de “esporte à enésima potência”, ou seja, uma “falação” infinita sobre o esporte que, normalmente, gira em torno dos mesmos temas.

Por fim, em relação às condições de funcionamento dos discursos propostas por Foucault (1999), embora o autor exemplifique tal modelo com o discurso político e religioso, percebe-se que o discurso do “futebol arte” se assemelha muito ao que ele chama de doutrina. Tal discurso é divulgado de maneira única, já explicado segundo a classificação do “comentário”, e de forma que os indivíduos impactados por ele desenvolvam um sentimento de pertença, de identificação, de unidade por meio dele.

É interessante verificar que, pensando no sentido contrário, também é possível encontrar classificações de exclusão do discurso pregado pela mídia em relação ao atual discurso acadêmico sobre o futebol. Quanto aos processos externos tratados por Foucault (1999), poderíamos classificar o discurso acadêmico atual como a interdição da palavra, à medida que uma de suas subdivisões é o direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala. Esta classificação é possível visto que, embasada em fatos e estudos observatórios sobre a trajetória do futebol brasileiro, a academia considera seu discurso mais adequado para se discutir o esporte, excluindo a visão midiática sobre ele.

Sobre os processos internos, o discurso acadêmico se aproxima da disciplina, que não limita tanto a produção quanto o autor. O que se percebe é que, assim como em outras instâncias acadêmicas, a fala sobre o futebol, de acordo com estudiosos, tem aberto novas possibilidades para que mais autores possam dissertar sobre este tema, funcionando como uma verdadeira

---

<sup>10</sup> Trecho extraído da música da chamada da emissora de TV Globo.

<sup>11</sup> Trecho extraído da música do videoclipe da emissora de TV Band.

disciplina, de acordo com as classificações de Foucault (1999). Todavia, é preciso cautela para que a exclusão extrema do discurso midiático sobre o futebol não acabe levando o discurso acadêmico a aproximar-se da classificação de comentário proposta por Foucault (1999), gerando falas que se desdobram sempre sobre um mesmo posicionamento.

Em relação às formas de funcionamento dos discursos, a fala atual acadêmica classifica-se como sociedade do discurso, já que seu discurso acaba sendo limitado a um grupo de pessoas menor, em relação àquele atingido pelo discurso midiático e que acredita e propaga a mesma visão do futebol brasileiro. A fala da academia a respeito deste esporte, seja por quais motivos forem, ainda se encontra restrita aos pesquisadores que estudam o mesmo tema.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou trabalhar com uma hipótese de que haveria dois discursos concomitantes a respeito do futebol brasileiro: um que tendia a caracterizá-lo como próximo da arte, e outro que procurava desmistificar essa caracterização. Através dos estudos bibliográficos, pôde-se entender como ambos os discursos foram formados e difundidos de diferentes maneiras: o “futebol arte”, adotado pela política e pela mídia, teve uma divulgação massiva tornando-se, segundo Maranhão (2006), um totem unificador da sociedade brasileira, que se identifica por seu dito estilo único de praticar este esporte; já o futebol compreendido sob a ótica da academia acabou ficando mais circunscrito à comunidade universitária e ao universo da pesquisa no campo das humanidades e das ciências da comunicação, por se posicionar de forma tão destoante da visão deste esporte à qual a população do país está acostumada.

Identificada a existência de ambos os discursos a respeito do futebol no Brasil, foi realizada uma breve classificação do discurso midiático e do discurso acadêmico de acordo com os conceitos propostos por Foucault (1999) de modo a entender através de quais mecanismos o discurso do “futebol arte”, aparentemente, sobrepõe-se ao discurso difundido pelos estudiosos do esporte em matéria de alcance e aceitação. Este processo possibilitou que se identificasse que não só o discurso adotado pela mídia, no caso, do “futebol arte”, exclui o discurso acadêmico, como o inverso também acontece. O fato é que, por tentar causar a identificação do público através de elementos que evocam a nacionalidade e o orgulho relativos ao futebol brasileiro, a mídia acabou por “romantizá-lo”, o que tornou o discurso utilizado por ela muito distante dos fatos estudados pelos pesquisadores do esporte. Por este motivo, a academia também acaba excluindo o discurso midiático e invalidando-o.

No entanto, o povo brasileiro ainda se identifica muito com a ideia inicialmente construída por Gilberto Freyre em 1938, enxergando no futebol um dos principais elementos de sua identidade nacional, e muito disso se deve à constante veiculação desta imagem pelos diversos produtos midiáticos. A vinheta da FIFA, a chamada da Globo e o videoclipe da Band, analisados neste estudo, são exemplos de como o futebol no Brasil ainda é idealizado segundo a visão de Freyre e outros autores com posicionamentos próximos ao dele. Isso reforça a ideia de Gastaldo (2002) sobre a apropriação da publicidade pelos elementos pertencentes às noções freyreanas a respeito do futebol brasileiro como uma forma de enfatizar a questão da nacionalidade. Segundo as teorias estudadas de Bourdieu (1989), compreendeu-se que a mídia tem utilizado mecanismos complexos para perpetuar o discurso do “futebol arte” como

dominante na sociedade, e isso dificulta que outros discursos que apontem em sentidos diferentes possam ter espaço em meio a ela.

Isso acaba gerando o fenômeno descrito por Umberto Eco (1984), chamado de “esporte à enésima potência”. A mídia tem se apropriado tanto do mesmo discurso que esgota qualquer possibilidade de produzir enredos diferenciados. Sobre o conteúdo apresentado no material da Band, da Globo e da FIFA, o “lugar comum” do “futebol arte” foi tão exaustivamente explorado, que se acabou gerando uma clara similaridade entre as cenas das três produções (Tabela 8 e 9). Isto demonstra como o “futebol arte” tem sido o principal discurso utilizado pela mídia, especialmente quando o produto em questão é a seleção brasileira e a relação da população do país com o futebol. A semelhança entre as imagens reforça também o processo de exclusão interno, verificado através das proposições metodológicas de Foucault (1999), identificado, no caso do “futebol arte”, como **comentário**: tem-se produzido tanto sobre o discurso do “futebol arte”, que as produções acabam por ter praticamente o mesmo conteúdo, os mesmos elementos, a mesma estética.

O conteúdo da vinheta da FIFA revela ainda mais sobre o “futebol arte”. Embora o Brasil estivesse em festa com a vinda da Copa do Mundo na narrativa contada pela vinheta, os brasileiros, na animação, ainda observam as comemorações de longe, como se não estivessem participando efetivamente delas. Utilizando a metodologia de Vanoye e Goliot-Lété (2012) aplicada como referência, o menino e os demais brasileiros apresentados são os sujeitos desejantes, que tentam alcançar seus objetos de desejo (assistir aos jogos nos estádios), mas, neste caso, eles parecem longe de consegui-lo. Alguns traços característicos da cultura brasileira – da forma como ela é vislumbrada no exterior – foram os que se sobrepuseram na construção da vinheta, destacando-se os aspectos festivos do futebol e a busca da sedução do telespectador-torcedor pelo fascínio despertado pelo evento. Alguns dos símbolos mais evidenciados no Brasil, como a ginga e a festa, foram os elementos que a TV FIFA procurou privilegiar na abertura das partidas da Copa do Mundo de 2014, por meio de uma narrativa que deixou de lado os conflitos sociais e étnicos da sociedade brasileira. Neste sentido, o que o mundo todo pôde ver foi uma sociedade desigual (a maior parte dos cidadãos era seduzida pelo Mundial, mas não tinha acesso aos palcos dos jogos), mas ao mesmo tempo conformada com a exclusão irreversível que um megaevento como a Copa do Mundo FIFA não consegue deixar de provocar.

Além disso, foram percebidos nas três produções audiovisuais diferentes elementos que caracterizam a influência que o futebol tem recebido da intensa mescla cultural que existe no Brasil, assim como o oposto, onde o esporte influencia hábitos da sociedade. A população

brasileira aparece retratada como uma massa inteiramente feliz e satisfeita com a realização da Copa do Mundo FIFA 2014, e que deixa suas obrigações do cotidiano para torcer pela seleção e interagir com o futebol, mesmo em ambientes inapropriados, já que todos os cidadãos demonstram extrema destreza na prática do esporte. Esta imagem parece extremamente exagerada quando comparada ao cenário que precedeu o acontecimento do evento, marcado por protestos populares contrários aos investimentos destinados a ele, em detrimento de outros setores deficitários do país (COM..., 2014).

A propósito, os protestos e a revolta da população no cenário pré-Copa podem levar a uma outra compreensão sobre o conteúdo dos produtos audiovisuais estudados. Como ressaltado na pesquisa bibliográfica, o futebol teria a função de sublimação do homem. Neste caso, é como se o conteúdo dos vídeos tentasse amenizar qualquer característica negativa que pudesse ser relacionada à realização da Copa do Mundo, mostrando que apesar de quaisquer problemas, a tendência era que a sociedade cedesse aos festejos, extravasando suas emoções. Ao provocar este sentimento, seria mais fácil que a programação dos jogos fosse consumida pelos telespectadores, os quais se sentiriam menos “revolucionários” diante do evento e mais impelidos a apoiar a seleção brasileira.

Outro ponto importante a ser destacado é de que o futebol brasileiro parece ser mais reconhecido pelos dribles e firulas, do que por passes e jogadas coletivas. Talvez pelo fato de que elementos da cultura que identificam o estilo brasileiro de se praticar o esporte, como a malícia, a valorização de certas partes do corpo e a transgressão à autoridade sejam mais evidenciados durante as jogadas individuais. Isto é contraditório, visto que o futebol é um esporte coletivo e colaborativo. Mas, como visto na pesquisa bibliográfica, este esporte desenvolveu-se no Brasil como uma forma de ascensão social das classes menos favorecidas, e por isso, os jogadores precisavam de seu destaque individual para que se sobressaíssem. Isto fez com que a prática no país, embora coletiva, se caracterizasse justamente pelos grandes feitos individuais. Esta característica fica evidente no objeto analisado, que apresenta majoritariamente cenas de jogadas individuais, em todos os três casos.

É interessante notar também que em nenhum momento o futebol profissional é apresentado no material da FIFA e da Globo. A única referência que se faz a ele são os estádios apresentados um a um, caracterizando a organização da Copa do Mundo, no caso da vinheta, e a população que se prepara para torcer pela seleção, no caso da chamada. No entanto, nenhum jogador é mostrado em campo. Isso pode exemplificar o futebol dionisíaco a que Freyre se refere como próprio de seleções latino-americanas, como a brasileira, onde é priorizada a festa, a brincadeira, e deixa-se de lado a técnica, a ordem.

A análise dos objetos escolhidos tornou claro o fato de que eles foram construídos com base na noção do “futebol arte”, embasado no discurso freyreano. Com isto, eles acabam se tornando exemplos do que Guedes (2014) diz a respeito da necessidade de reafirmar a forma como o brasileiro deseja ser visto e lembrado. O videoclipe da Band exemplifica muito bem o que a autora fala sobre ressaltar momentos de êxito pontuais, ainda que eles não aconteçam com muita frequência, para que se justifique a identidade relativa ao futebol brasileiro: foram cenas da atuação da seleção brasileira em que se via somente aquilo que o vídeo procurava enfatizar, sugerindo que tais jogadas são comuns entre os jogadores brasileiros, devido a sua perícia nata para o esporte. E assim como as primeiras impressões de Freyre a respeito do futebol, que foram divulgadas em um meio de comunicação de massa para a época, o jornal, ainda hoje esta mesma ideia vem sendo retransmitida à população através de outras mídias de largo alcance, como neste caso, a televisão.

De todo modo, o discurso atual da academia a respeito do futebol brasileiro vê o “futebol arte” de Gilberto Freyre mais como uma exceção do que a regra no país (HELAL, 2012). Além dos exemplos de jogadores que priorizavam a ordem e o treinamento intensivo para se destacarem por suas habilidades na prática do esporte, o que o Brasil apresenta hoje em termos de futebol, segundo os pesquisadores do esporte, é bem diferente da visão idílica de Freyre. Aqui reside o problema das dicotomias, dos juízos binários: eles não conseguem dar conta das fronteiras entre uma e outra coisa, dos elementos que se aproveitam de um e de outro lado das margens, provocando mesclas e originando novas sínteses (MARQUES; CESAR, 2016).

Não se pode negar que alguns jogadores brasileiros atuais e recentes, como Neymar, Ronaldinho Gaúcho, Robinho e alguns outros, possuam uma forma característica de praticar futebol, mas também não se pode dizer que tal estilo seja unicamente deles. Hoje, outros jogadores, de outras nacionalidades, possuem grande habilidade com a bola, como o argentino Messi e o português Cristiano Ronaldo; que se utilizam de “firulas” e transgressões para “embelezar” o jogo. Também não se pode deixar de lado o fato de que algumas seleções brasileiras demonstraram extrema destreza na prática do chamado “futebol arte” em alguns mundiais, como em 1958. No entanto, embora esta seja a visão difundida pela mídia e aceita pelos brasileiros, como alguns estudiosos do esporte afirmam, a partir do momento em que a maior parte das Copas do Mundo foi marcada por uma atuação regular dos jogadores brasileiros, e não tão artística, esta característica torna-se exceção, e não a regra.

Por fim, cabe ressaltar que, como pôde ser analisado pela ótica de Vanoye e Goliot-Lété (2012), os três produtos analisados se utilizam de elementos que causam a sedução e o fascínio dos que são atingidos por eles. A FIFA, por sua vez, utiliza ainda outra estratégia, a de narração,

tornando seu enredo ainda mais complexo e elaborado. Desta forma, é possível perceber que a divulgação da Copa do Mundo FIFA 2014 nas emissoras brasileiras de TV aberta teve como objetivo cativar um público que se apresentava disperso, e até mesmo contrário à realização do evento, na tentativa de estimular o consumo da programação durante as partidas. Para isso, os elementos do “futebol arte”, que costumam acender a chama do sentimento de nacionalidade na população brasileira, foram utilizados para construir cada produto audiovisual de acordo com a estratégia escolhida. No entanto, o exagero na utilização de tais elementos e a escolha de estratégias de construção semelhantes fez com que o resultado final apresentasse produções pouco criativas e muito parecidas entre si, provando que a mídia prima pelo discurso do “futebol arte”, colaborando para sua dominância na sociedade, frente a outros discursos, como, por exemplo, aquele que os pesquisadores do esporte têm procurado construir atualmente.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CALDAS, Waldenir. Futebol e cultura brasileira. **INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação**. São Paulo, v. 20, n. 1, p. 69-86, jan./jun. 1997.
- CALDAS, Waldenir. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1993)**. São Paulo: IBRASA, 1990.
- CESAR, Nathaly Barbieri Marcondes; MARQUES, José Carlos. O Futebol Brasileiro e o “Futebol Arte”: uma análise foucaultiana a respeito da ordem destes discursos na mídia e na academia.. In: **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2015, Rio de Janeiro. Comunicação e Cidade Espetáculo. São Paulo: Intercom, 2015.
- COM mais de 20 protestos, 1ª semana de Copa tem 180 detidos em atos. **G1**, 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/06/com-mais-de-20-protestos-1-semana-de-copa-tem-180-detidos-em-atos.html>>. Acesso em: 29 abr. 2016.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio. **Revista USP**. São Paulo, n. 22, p. 10-17, jun/jul/ago, 1994.
- DAMATTA, Roberto. Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro. In.: \_\_\_\_\_. **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.
- DORNELES, Rogério de Abreu. **O design na teledramaturgia: um olhar sobre as vinhetas de abertura das telenovelas da TV Globo**. 2007. 163 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2007.
- ECO, Umberto. A Falação Esportiva. In.: **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- FORTES, Rafael. O Mundial de 2014 no Imaginário Popular Brasileiro. In.: MARQUES, José Carlos (org.). **A Copa das Copas? Reflexões sobre o Mundial de Futebol de 2014 no Brasil**. São Paulo: Edições Ludens, 2015.
- FOSTER, Kevin. O jogo bonito: futebol na Inglaterra e no Brasil nos anos 50 e 60. **ECO-PÓS**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 12-26, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto de Machado. 4 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. Brasil, país do futebol?. **Revista USP**, São Paulo, n. 99, p. 45-56, set./nov. 2013.

FRANZINI, Fábio. **As Raízes do País do Futebol**: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950). 2000. 153 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira** – capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919 – 1938). Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball Mulato. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 jun. 1938.

GASTALDO, Édison. A Copa de 2014, entre o fascínio das ruas e o fascismo dos craques. In.: MARQUES, José Carlos (org.). **A Copa das Copas?** Reflexões sobre o Mundial de Futebol de 2014 no Brasil. São Paulo: Edições Ludens, 2015.

GASTALDO, Édison. A Pátria na “imprensa de chuteiras”: futebol, mídia e identidades brasileiras. In: ANPOCS – Associação Nacional em Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, XXVII, 2003, Caxambu. Encontro Anual da ANPOCS, ANPOCS – Associação Nacional em Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. **Congresso**, ANPOCS – Associação Nacional em Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.

GASTALDO, Édison. “O país do futebol” mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 22, jul./dez. 2009, p. 352-389.

GASTALDO, Édison. **Pátria, chuteiras e propaganda**: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos & duelos. 2 ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

GUEDES, Simoni L. A produção das diferenças na produção dos ‘estilos de jogo’ no futebol: a propósito de um texto fundador. In BUARQUE DE HOLLANDA, B. B.; BURLAMAQUI, L. G. (Orgs.). **Desvendando o jogo** – nova luz sobre o futebol. Niterói: Editora da UFF – FAPERJ, 2014.

HELAL, Ronaldo. Heróis Malandros?. Em **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 nov. 2012.

HELAL, Ronaldo; GORDON, Cesar. A crise no futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. **ECO-PÓS**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 37-55, 2002.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: 1997.

LOPES, José Sergio Leite Lopes. A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. **Revista USP**. São Paulo, n. 22, p. 64-83, jun/jul/ago, 1994.

LOPES, José Sérgio Leite. “Futebol mestiço: história de sucessos e contradições” in **Ciência Hoje** – Revista de Divulgação Científica da SBPC. Rio de Janeiro, vol. 24, nº 139, jun. 1998.

MARANHÃO, Tiago. “Apolíneos e dionisíacos” – o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do “povo brasileiro”. **Análise Social**. Lisboa, v. 41, n. 179, p. 435-450, 2006.

MARCONDES, Nathaly Barbieri; MARQUES, José Carlos. O 'Jeitinho Brasileiro' na propaganda: os elementos que caracterizam o futebol do Brasil utilizados como apelo publicitário por emissoras de TV. In: XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2014, Foz do Iguaçu. **Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, de 1 a 5 de setembro de 2014: Comunicação, guerra e paz. São Paulo: Intercom, 2014.

MARCONDES, Nathaly Barbieri. Futebol "arte" x futebol acadêmico: uma análise foucaultiana a respeito da ordem dos discursos. In: Marcelo Bulhões; Osvando J. de Moraes. (Org.). **Ciências da Comunicação: Circularidades Teóricas e Práticas Acadêmicas**. 1ed. Sarapu: OJM Casa Editorial, 2015, p. 723-748.

MARCONDES, Nathaly Barbieri. Publicidade, futebol e cultura: como reconhecer a função dos elementos utilizados nas vinhetas das emissoras de televisão durante a Copa do Mundo de 2014. **Anais do XIV Congresso Ibero-Americano de Comunicação IBERCOM 2015: comunicação, cultura e mídias sociais**. São Paulo: ECA-USP, 2015.

MARQUES, José Carlos; CESAR, Nathaly Barbieri Marcondes. A vinheta oficial da FIFA para a Copa do Mundo de 2014 e o futebol-arte de Gilberto Freyre: aproximações estéticas e apropriação publicitária. **Revista Eptic**. São Cristóvão, v. 18, n. 1, p. 133-149, 2016.

MARQUES, José Carlos; CESAR, N. B. M. Um por todos, todos por um: a individualidade e o "futebol arte" brasileiro analisados em três momentos da Copa do Mundo de 2014. In: Allyson Carvalho de Araújo. (Org.). **Copa do mundo de 2014: debates sobre mídia e cultura**. 1ed. Natal: EDUFRN, 2015, v. 1, p. 115-144.

MARQUES, José Carlos **O futebol em Nelson Rodrigues**. São Paulo: Educ, 2012.

MARQUES, José Carlos; USHINOHAMA, Tatiana Zuardi. A Copa da ambiguidade: algumas reflexões sobre o escrete brasileiro no mundial de futebol de 1970 e a ditadura militar. In.: NAPOLITANO, Carlo José; LUVIZOTTO, Caroline Kraus; LOSNAK, Célio José; GOULART, Jefferson Oliveira (orgs.). **O Golpe de 1964 e a Ditadura Militar em Perspectiva**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

MASON, Tony. **Passion of the People?: football in South America**. Londres: Verso, 1995.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 13, n. 37, p. 179-188, 1999.

MAZZONI, Thomaz. **História do futebol no Brasil**. São Paulo: Edições Leia, 1950.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de; ALMEIDA, Gustavo Henrique Oliveira de. A chamada de programação de TV, um estudo pelo enfoque das teorias de gênero. **Ecompós – Revista da**

**Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, v. 2, abr. 2005. Disponível em: < <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/34/34>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

MURRAY, Bill. **Uma história do futebol**. São Paulo, Hedra, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PASOLINI, Pier Paolo O gol fatal. Folha de S. Paulo, São Paulo: 6 mar. 2005. Mais!, p. 4.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Maud/Faperj, 2007.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, Macumba e Futebol**. São Paulo: Perspectiva; Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

SANTORO, Marco A.; SOARES, Antônio J. G. **A memória da copa de 1970: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional**. Campinas: Autores associados, 2009.

SOARES, Antônio J.; HELAL, Ronaldo; SANTORO, Marco A. Futebol, imprensa e memória. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. São Leopoldo, v. 6, n. 1, p. 61-78, jan/jun 2004.

SOARES, Antônio J.; LOVISOLO, Hugo R. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 129-143, set. 2003.

SOARES, Thiago. Videoclipe, o elogio da desarmonia: hibridismo, transtemporalidade e neobarroco em espaços de negociação. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 27, 2004, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: Intercom, 2004. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/index.html>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

TEIXEIRA, Francisco. Resenha do livro O Negro no Futebol Brasileiro. **Organizações & Sociedade**, v. 16, n. 48, p. 179-181, jan./mar. 2009.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papirus, 2012.

VOGEL, Arno. O Momento Feliz. – Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In.: DAMATTA, Roberto et al. **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

WISNIK, José Miguel **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.